


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e
Letras Campus de
Araraquara - SP

FREDERICO NEGRINI SILVA

SINCRONICIDADE E PRESCIÊNCIA EM DUNA



ARARAQUARA – S.P.
2021

FREDERICO NEGRINI SILVA

SINCRONICIDADE E PRESCIÊNCIA EM DUNA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar) requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Bolsa: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

ARARAQUARA – S.P.
2021

S586s	Silva, Frederico Negrini Sincronicidade e presciência em Duna / Frederico Negrini Silva. -- Araraquara, 2021 129 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientador: Aparecido Donizete Rossi 1. Sincronicidade. 2. Literatura. 3. Ficção científica. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Frederico Negrini Silva

SINCRONICIDADE E PRESCIÊNCIA EM DUNA

Dissertação de mestrado, apresentada ao conselho, Programa de Pós em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Aparecido Donizete Rossi

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 24/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi (UNESP-FCL-Ar)

Membro Titular:

Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva (UFG/Catalão)

Membro Titular:

Profa. Dra. Karin Volobuef (UNESP-FCL-Ar)

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a estudar o princípio da Sincronicidade, tal qual formulado pela escola psicanalítica Jungiana, e como este se concretiza dentro da série de livros de ficção científica iniciada com a primeira obra, **Duna**, por meio da capacidade divinatória denominada como Presciência dentro da série. A obra se tornou renomada por tratar de temáticas não usualmente relacionadas ao universo da ficção científica, sendo considerada por alguns críticos a principal deste gênero no que tange o contexto contracultural norte americano. Por se tratar de um universo ficcional tecido a partir de noções ecológicas, noções e teorias da física quântica que interrelacionam o fenômeno da consciência com a manifestação da realidade além de ideias arquetípicas e sua conexão com o inconsciente coletivo, fizemos uso da teoria Jungiana como a principal sustentação epistemológica da pesquisa; ademais, nos embasamos também em fundamentações teóricas da física quântica e de estudos acerca da metafísica de religiosidades orientais (como o Budismo e o Tantrismo) capazes de exprimir a interrelação entre o fenômeno da consciência e a realidade manifesta. O princípio da Sincronicidade é fruto de um trabalho entre Jung e Pauli, entre os estudos da psique e os estudos da física e, como já discutido por M.L. von Franz, tem direta relação com os fenômenos divinatórios (expressados através da habilidade desenvolvida geneticamente na série, a Presciência) que são ponto fulcral da narrativa de **Duna**.

Palavras-chave: Duna, Sincronicidade, Jung, Ficção Científica, Divinação, Budismo, Tantrismo.

ABSTRACT

This research intends to study the Synchronicity principle, as formulated by Carl Gustav Jung, and how such principle is reflected in Dune science fiction series through the divining capacity named as Prescience. The series had become renowned for dealing with themes not usually related to the universe of science fiction and it is considered by some of the critics the most important work of this genre regarding the countercultural north-american context. Due to the fact that the fictional universe of Dune had been sewed from ecological notions, from quantum physics theories that interrelate consciousness with reality instantiation as well as archetypal ideas and their connection with the collective unconscious, we have uses Jung's theories as the main epistemological foundation of this research; also this current work is based in quantum physics theories and certain principles derived from eastern religions metaphysics (such as Buddhism and Tantrism) that are capable of expressing the interrelation between consciousness and the manifested reality. The Synchronicity principle is a product of a work between Jung and Wolfgang Pauli, between psyche studies and physics studies and, as discussed by M.L. von Franz, has a direct relation with the divination phenomena (expressed in the series through a genetically developed ability, Prescience) that are an essential point in Dune's narrative.

Keywords: Dune, Synchronicity, Jung, Science Fiction, Divination, Buddhism, Tantrism.

LISTA DE FOTOS

Foto 1

Ensō

116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SINCRONICIDADE E PRESCIÊNCIA EM DUNA.....	14
2. CONSCIÊNCIA EM DUNA	58
3. A GRANDE MÃE, A ÁGUA DA VIDA E A INTERCONEXÃO COM O TODO....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende demonstrar as concretizações do princípio da Sincronicidade e como este se concretiza dentro da série literária de ficção científica **Duna** por meio da presciência, habilidade divinatória desenvolvida pela humanidade na série.

A humanidade ruma desenfreadamente para sua extinção conforme fortalecemos um individualismo exacerbado que se pauta em um desejo de posse da natureza e de seus processos cíclicos. Frank Herbert sempre declarou que a série de **Duna** tecia uma crítica à confiança completa e cega de nossa autonomia às figuras carismáticas e dotadas de um poder absoluto, uma crítica à sobrevalorização da figura do herói e do messias que tomam para si completo poder sobre a realidade, sobre a humanidade e sobre o universo. A partir de uma perspectiva arquetípica é facilmente concebível que o herói simboliza o substrato consciente da psique e o ego e que estes, quando levados a um estado de desconexão do inconsciente que o engendrou, enrijecem o sentimento de separação apenas para afirmar suas próprias existências a partir de um desejo autocentrado de eternidade que nunca será concretizada, uma vez que o Infinito seja dotado de impermanência. Simbolicamente o ego é usualmente associado ao princípio masculino (como discutiremos aqui nesta dissertação) e não é coincidentemente que as sociedades patriarcais representem precisamente esta sobrevalorização do Eu, projetadas por *participation mystique* (conceito que será futuramente explanado) na imagem do Herói. A tomada simbólica do patriarcado se mantém por meio de seu controle sobre a natureza e sobre a prole – a tão desejada eternidade se dá por extensões hereditárias de egos que necessitam confirmar sua existência como absoluta. Segue um trecho de **O Imperador Deus de Duna**:

[...] Você vislumbra o governo absoluto do autocrata. Todas as coisas novas se tornam fronteiras perigosas – novos planetas, novas áreas econômicas a serem exploradas, novas ideias ou dispositivos, visitantes – tudo é suspeito. O feudalismo se estabelece firmemente, muitas vezes disfarçado de politburo ou de estrutura similar, mas sempre presente. A sucessão hereditária ocupa a linha de poder. O sangue dos poderosos domina. Os vice regentes do paraíso ou seus

equivalentes se apropriam da riqueza. E eles sabem que devem controlar a herança ou seu poder é lentamente derretido. Agora vocês entendem a Paz de Leto?¹ (HERBERT, 2008c, p.158)

A dissertação aqui apresentada teve seu princípio, mesmo que apenas no campo das ideias, desde o contato primeiro com a obra de Frank Herbert: os questionamentos epistemológicos de um fazer científico que usufrui da tecnologia produzida para exercer cada vez mais domínio sobre a natureza e sobre a própria humanidade sempre pareceram atuais e críticos de um ponto essencial no que concerne o estado de desequilíbrio em que nos encontramos enquanto humanidade. Ainda que **Duna** seja uma obra de ficção científica (FC) reconhecida mundialmente, existem poucas análises aprofundadas da série que englobem os sentidos mais profundos contidos nos escritos de Herbert. A temática ecológica da obra é evidente e reflete uma ideia que chamou nossa atenção desde o princípio: a interconectividade de cada elemento presente em um ecossistema com o todo, a interconexão de cada microcosmo com o macrocosmo que o engloba. Algumas análises interessantes, como a de Donald Palumbo em **The Monomyth as a Fractal Pattern in Frank Herbert's Dune Novels** já abordam a interrelação simbólica entre o conceito de estruturas fractais² e a temática ecológica explorada na série, uma vez que o fractal descreve a geometria de uma diversidade de sistemas ecológicos, no que diz respeito às suas escalas, medidas e hierarquia. O texto de Palumbo também demonstra como as ideias arquetípicas e do inconsciente coletivo tal qual concretizadas por Carl Jung, são refletidas e imbutidas na estrutura narrativa da série **Duna** ao analisar o enredo de cada livro da série como replicações fractais do monomito, tal como proposto por Joseph Campbell. O artigo já referencia, portanto, a obra dentro de uma estrutura arquetípica, em que os personagens de **Duna** transitam entre diferentes funções na jornada do herói, sendo o tempo o pano de fundo que alterna e sequencia a replicação fractal monomítica.

¹ No original: [...] You see the absolute rule of the autocrat. All new things become dangerous frontier districts - new planets, new economic areas to exploit, new ideas or new devices, visitor - everything suspect. Feudalism takes firm hold, sometimes disguised as a politbureau or similar structure, but always present. Hereditary succession follows the line of power. The blood of the powerful dominates. The vice regents of heaven or their equivalent apportion of the wealth. And they know they must control inheritance or slowly let the power melt away. Now, do you understand Leto's Peace?

² Esse tipo de estrutura é baseada na ideia de auto-similaridade e se dá por meio da repetição e manutenção de suas proporções em dimensões diferentes (no caso da série, a principal dimensão que serve para a autorreplicação do Monomito é o tempo).

[...] a série exibe uma estrutura fractal - e portanto efetua a impressionante realização estética de espelhamento de sua temática ecológica através de sua estrutura - ao identificar o monomito como único e recorrente sistema que modela e contém as duplicações consistentes da série (ainda que variem, inovem e se invertam) de romance a romance (isso é, dentro de uma mesma escala) daqueles numerosos elementos individuais que são os motivos constituintes do Monomito. A maestria dessa realização estética é composta pelo fato de que tal espelhamento é em si uma característica essencial da imagem fractal (duplicação através de uma mesma escala) e pelo fato de que o Monomito é, por si, intrinsecamente fractal³ (PALUMBO, 1998, p. 436, tradução nossa).

É inegável que Donald Palumbo possibilite através de seu artigo análises mais densas e de extrema relevância para o estudo do universo ficcional fabricado por Frank Herbert. Embora tenha abordado a estrutura do monomito e, portanto, uma estrutura que dialoga com os conceitos formulados por C.G. Jung como o de arquétipo e o de inconsciente coletivo, ainda se erguem diversos questionamentos sobre a estrutura da série **Duna** no que tange à relação da psique com o quantum espaço-temporal. Futuramente em novos trabalhos analisaremos os perigos de uma repetição *completa* (tais quais imagens fractais que se repletem inteiramente em qualquer escala) que não permite a mudança e também como a série metaforiza a presciência absoluta a partir da tomada do inconsciente e da Grande Mãe como posses do princípio masculino que deseja controle completo sobre a realidade – sendo o *caminho dourado*, visão profética de Leto Atreides II, uma saída traçada para se escapar do reducionismo e do absolutismo institucionalizado por sociedades patriarcais em direção a um eterno porvir.

Um dos principais elementos que guia o fio narrativo da obra é a capacidade divinatória da *Presciência*, um poder de intuir o fluxo do todo e expandir a

³No original: [...] the series exhibits a fractal structure - and thus accomplishes the impressive aesthetic achievement of mirroring its ecological theme in its structure - by identifying the monomyth as the single and recurring framework which shapes and contains the series' consistent duplication (albeit with variations, innovations, and inversions) from novel to novel (that is, across the same scale) of those numerous individual elements that are the monomyth's component motifs. The artistry of this aesthetic achievement is compounded by the fact that such mirroring is itself an essential characteristic of the fractal image (duplication across the same scale) and by the fact that the monomyth is in itself intrinsically fractal.

consciência para além dos limites espaço-temporais, uma capacidade de se reconectar ao macrocosmo universal. Uma análise desta capacidade divinatória e sua interrelação com o princípio da Sincronicidade é de suma importância para entendermos a obra. Devemos denotar também que a elaboração junguiana do princípio de Sincronicidade se deu por meio de uma parceria com o físico Wolfgang Pauli e **Duna** reflete metaforicamente diversos avanços nos campos teóricos da física quântica que questionam uma concepção puramente mecanicista e reducionista da realidade e da natureza.

Mergulhar nos símbolos e imagens do inconsciente coletivo é o mesmo que adentrar em um reino que jaz além do espaço, do tempo e da matéria. [...] Dentro desse reino oculto podemos encontrar os ritmos do universo inteiro e o poder gerativo de toda matéria e de toda mente – assim, a fonte de sincronicidades é revelada⁴ (PEAT, 1988, p.120).

Como o fenômeno da consciência é essencial para a produção de sincronicidades, a obra de Herbert conjectura uma definição de Consciência que ecoa certas religiosidades orientais como o Budismo, o Tantrismo e o Taoísmo. Demonstraremos como as concepções provenientes do *dualismo cartesiano* e do *materialismo reducionista* tem pouco espaço em um universo interconectado e orgânico. As metafísicas preponderantes no pensamento contemporâneo enrijecem a *separação* do corpo/alma ou negam por completo a Consciência – perspectivas não-duais conjecturam noções pautadas na interrelação de diversos fenômenos enquanto instâncias necessárias para a construção da experiência do real, que também requer a participação da Consciência que experimenta e atribui significado ao seu entorno.

Por fim, a presença de ordens matriarcais como a das Bene Gesserits, que tem um papel fundamental em guiar a humanidade, ecoa o arquétipo da Grande Mãe e tem extrema relevância para a continuidade do *caminho dourado*. A série **Duna** desenha uma eventual reconexão do ego com o inconsciente, de maneira

⁴ No original: To plunge into the symbols and images of the collective unconscious is to enter a realm that lies beyond space, time, and matter. [...] Within this hidden realm can be found the rhythms of the whole universe and the generative power of all that is matter and mind - the wellspring of synchronicity is uncovered

similar ao processo de individuação descrito por Jung e similar às práticas do Tantrismo não-dual – este mesmo ego, ainda que não exista enquanto instância absoluta e separada, necessita de um determinado estado de homeostase em relação ao seu ecossistema, natureza e universo, portanto, em relação ao inconsciente simbolizado pelo arquétipo da Grande Mãe.

1. SINCRONICIDADE E PRESCIÊNCIA EM DUNA

A maior parte das disciplinas são feitas não para liberar, mas para limitar. Não pergunte "porque" e seja cauteloso com o "como". "Porque" te leva inexoravelmente ao paradoxo. "Como" te prende num universo de causa e efeito. Ambos negam o infinito!

- Apócrifos de Arrakis (HERBERT, 1987a, pg. 5).

Abordaremos em nossa análise os seis livros escritos por Frank Herbert que em conjunto constituem o que denominamos como a série **Duna**, sendo estes: **Duna** (1965), **O Messias de Duna** (1969), **Filhos de Duna** (1976), **Imperador Deus de Duna** (1981), **Hereges de Duna** (1984), **As Herdeiras de Duna** (1985). É importante denotar que ainda que seu filho Brian Herbert tenha dado sequência à série com mais alguns volumes e livros complementares, tais escritos não serão o foco de nossa análise que perpassa, portanto, somente o cânone produzido por Frank.

A série de livros de ficção científica **Duna**, que se iniciou com o lançamento do primeiro livro em 1965, aborda temas inovadores dentro de seu momento sócio-histórico, momento este em que os ideais da contracultura estavam em voga e que a FC⁵ passava por uma crise estrutural e inovadora que engendrou a fase conhecida como *new wave*. A obra, em sua totalidade canônica composta de seis livros escritos por Frank Herbert, reconta o monomito heroico em ressonância às teorias pertencentes aos campos da física relativista e quântica, às teorias da psicologia analítica junguiana com constantes imersões em questionamentos filosóficos e epistemológicos desenhados por meio de simbologias religiosas que são constantemente replicadas, ressignificadas ou re combinadas através de uma

⁵ FC: Ficção Científica.

jornada ritualística e cosmológica vivenciada pela humanidade através do espaço-tempo.

No que concerne a determinados elementos básicos de extrema relevância que constituem o universo da série, temos como premissa no primeiro livro, **Duna**, uma humanidade que se desenvolve geneticamente há mais de dez mil anos após ter se libertado das amarras da Inteligência Artificial (o movimento de proibição das máquinas pensantes e a cruzada que levou a humanidade a se libertar recebe o nome de Jihad buttlariana). Vale notar que, precisamente devido à escravidão humana efetivada pela IA (Inteligência Artificial) num passado longínquo da história deste universo ficcional, **Duna** é a concretização de uma das obras de ficção científica que trata os avanços tecnológicos com receio e desconforto e que também trata com o mesmo receio e desconforto as ideias paradigmáticas do mecanicismo e do materialismo reducionista que ainda ecoam amplamente no fazer científico e na maneira como a sociedade capitalista e patriarcal opera.

No livro de abertura da série **Duna** temos um império feudal mercantilista universal, com casas e títulos de nobreza que detêm o poder político e econômico ao lado de ordens antigas — Bene Gesserits, Mentats, Bene Tleilaxu e a guilda espacial — criadas com o propósito de aprimorar geneticamente a humanidade e cumprir funções que previamente eram relegadas às máquinas pensantes. As viagens interplanetárias são realizadas através de dobras espaço-temporais em que o piloto das naves necessita estar em um transe provocado pela especiaria, droga responsável por expandir a consciência, com a finalidade de escolher um caminho “seguro” através do quantum do espaço-tempo e assim guiar as espaçonaves. Duna é o nome Fremen⁶ dado ao planeta desértico de Arrakis, único local no universo em que a especiaria é produzida (de maneira orgânica) e potencialmente extraída para o consumo humano; a substância e, portanto, o planeta em que é produzida tornam-se ponto central da obra uma vez que toda a inter-relação do Império necessita desse combustível para a efetivação do comércio e das viagens interestelares. Não somente a especiaria é uma clara alusão ao petróleo como combustível, na série ela também possui propriedades geriátricas que aumentam em altíssimo nível as funções orgânicas daqueles que a consomem, além de provocar um prolongamento vital e um vício irreversível.

⁶ Povo nativo do planeta, herdeiros ancestrais das tradições árabes e sufis, que eventualmente migraram para Arrakis.

As relações entre observador, consciência e espaço-tempo permeiam a obra de maneira explícita e o enredo dos livros acompanha os impactos causados no desenrolar espaço-temporal pelos Atreides, detentores de uma capacidade psíquica de divinação denominada como presciência na obra, habilidade esta que foi engendrada na linhagem Atreides por meio do programa genético milenar das Bene Gesserits, ordem matriarcal responsável pelo domínio dos campos religiosos, mitológicos e cosmológicos de toda a humanidade.

A organização política, social e religiosa, além das bases filosóficas e ideológicas que sustentam o universo de **Duna**, sofrem mudanças estruturais consideráveis no andar do tempo e da narrativa, sendo o último romance situado em torno de 5000 anos após o primeiro. A repetição e ressignificação de conteúdos acumulados pelo inconsciente coletivo tal qual a repetição e ressignificação dos ciclos da natureza e do universo ocupam boa parte das discussões filosóficas e já demonstram uma ideia de *correspondência* entre a psique humana (e de todo organismo senciente de acordo com a série) e as manifestações materiais que a cercam (excerto encontrado em **Os Filhos de Duna**):

De todas as nossas observações, esta é a mais crucial - dizia ela [Jessica] agora. - A vida é uma máscara através da qual o universo se expressa. Nós aceitamos que toda a humanidade, quanto as formas de vida que a sustentam, representam uma comunidade natural e que o destino de toda a vida está em jogo no destino de cada indivíduo⁷ (tradução nossa, HERBERT, 2008a, p.453).

A ideia de que a vida em todas suas manifestações materiais é uma representação do próprio universo, “[...] Você é Deus encarnado [...]”⁸ (HERBERT, 2008c, p.577), revelada tanto nas falas do Deus-Imperador Leto II (em **O Imperador Deus de Duna**) e de sua avó, Milady Jessica, é fundamental para estabelecer as bases teóricas do princípio da Sincronicidade (que explicitaremos futuramente) além de reconectar a psique humana ao universo e à natureza, restituir as origens matriarcais dizimadas pelo domínio progressista e mecanicista que vê este mesmo

⁷ No original: "Of all our observations, this is the most crucial," she'd said. "Life is a mask through which the universe expresses itself. We assume that all of humankind and its supportive life forms represents a natural community and that the fate of all life is at stake in the fate of the individual".

⁸ No original: [...] You are God embodied [...]

universo e esta mesma natureza como máquinas desassociadas da consciência, e portanto, objetos a serem explorados inconsequentemente. Vale aqui ressaltar, em termos arquetípicos, que a arte pertencente ao campo do que se constantemente denomina como *Fantástica*, de cunho não-realista, em todas as suas possíveis concretizações, luta contra o império da racionalidade imposto pelas ideias progressistas e iluministas. Portanto, é uma luta no campo das ideias, que prevê que a presunção inerente a uma sobrevalorização das faculdades racionais e egóicas é responsável pela repressão do mistério, do inexplicável. Falamos aqui, em termos arquetípicos, pois é precisamente o arquétipo que representa o feminino, da Deusa ou da Grande Mãe, que usualmente representa o mistério dos ciclos da vida e da morte: ao mesmo tempo em que permite a existência, que dá vida e forma aos seres, também os devora quando suas existências findam. A tomada da natureza e do feminino como posses pelas sociedades patriarcais é a base que fundamenta a “tirania da razão”⁹ que desconsidera o mistério intrínseco da existência, além de ser a concretização de um desejo fugaz de eternidade autocentrada, desejo este representado pelo medo da morte e, portanto, medo da dissolução da individualidade.

Não coincidentemente a obra **Duna** é reconhecida por tratar da temática ecológica e da interdependência entre todos os elementos participantes de um ecossistema. Frank Herbert trabalhou como consultor social e ecológico no Paquistão e no Vietnã em meados da década de 1970, e:

De acordo com a biografia escrita por seu filho, Herbert foi influenciado pela visão de mundo dos indígenas norte-americanos, em especial à pertencente ao seu amigo mais próximo, Herbie Hansen da tribo Quileute, que insistia: “A Terra está morrendo, está

⁹ “Foi precisamente contra os excessos dessa tirania da razão – responsável, no campo das artes, por uma fria elegância formal onde não havia espaço para a expressão da alma humana – que se voltou a literatura fantástica. A empresa a que se propunha era contestar a hegemonia do racional fazendo surgir, no seio do próprio cotidiano por ele vigiado e codificado, o inexplicável, o sobrenatural – o irracional, em suma. Frequentes vezes, a racionalidade é posta a serviço da ordem social vigente, à qual ela cuida de justificar e legitimar, ao mesmo tempo em que estabelece um silêncio punitivo sobre o que considera irracional” (PAES, 1985, p. 190).

sendo mal usada por civilizações não indígenas que *tomam* e não *dão*¹⁰” (SHELTON, 2020, p.7, grifo nosso, tradução nossa).

Até a década de 1960, a FC se deu principalmente (ainda que não majoritariamente) por meio de revistas, uma literatura baseada em heróis prototípicos que resolvem problemas de escala cósmica, “salvando” o universo e recebendo recompensas grandiosas ainda que, de forma ingênua, tenham atingido seus objetivos por meio de atitudes que não justificam as consequências por elas geradas. Este período reflete os valores socioculturais do estilo de vida norte-americano e da humanidade ocidental (contendo enredos tipificados e relativamente simples), configurados por atitudes bélicas e simbolicamente masculinas que conquistam, dominam e obliteram civilizações inimigas inteiras. Como diz Attebery (2003, p.34, tradução nossa):

A caracterização era superficial [...]. Diversos escritores ajudaram a traduzir essas velhas fórmulas no que hoje é chamado de "Space Opera" [...]. Em cada estágio, os heróis adquiriam tecnologias mais poderosas e maior poderio sobre-humano com a finalidade de enfrentar vilões cada vez mais sombrios¹¹.

Não é nosso objetivo compreender profundamente uma era tão imensa de produções da FC, que perpassa todo o começo e meados do século 20, mas é importante denotar que este período também deu vida a obras importantíssimas que fugiam do paradigma instaurado pelas revistas supracitadas – tal qual **Admirável Mundo Novo** (1932) e **Fahrenheit 451** (1953). Sugiro àqueles dotados de curiosidade sobre a historiografia literária da FC consultarem **The Cambridge Companion to Science Fiction** (2003) editado por Farah Mendleson e Edward James.

¹⁰ No original: According to the biography written by his son, Herbert was affected by the American Indian worldview belonging to his closest friend, Herbie Hansen of the Quileute tribe, who insisted: “The Earth is dying, it is being misused by non-Indian civilizations that *take* and do not *give*”.

¹¹ No original: Characterization was perfunctory [...]. Several writers helped to translate these older formulas into what is now generally called ‘space opera’ [...]. At each stage, the heroes acquire more powerful technology and more superhuman powers of their own to face ever more shadowy villains.

Dentro desse contexto de embate ideológico entre o domínio mecanicista de uma sociedade capitalista pautada no acúmulo incessante, da objetificação e, portanto, da mecanização da humanidade e da natureza, visão esta que é incapaz de *dar*, apenas de *tomar*, notamos que **Duna** e a obra de Herbert se situam concomitantes aos ideais presentes do movimento contracultural norte americano e da geração *New Wave* da FC:

Toda fantasia reflete o local e tempo que a produziu. [...] *Duna* é a fantasia paradigmática da "Era de Aquário". Seus interesses - estresse ambiental, potencial humano, estados alterados de consciência e as revoluções de países em desenvolvimento contra o imperialismo - estão combinados em uma visão definidora de sua época de transformação pessoal e cósmica¹² (KUNZRU, 2015, online, tradução nossa).

O ápice do movimento contracultural norte americano pode ser simbolizado pela imagem inerente ao festival de Woodstock – a era dos “hippies” e do rock psicodélico (não coincidentemente, Alejandro Jodorowsky em seu documentário sobre sua versão de **Duna** nunca filmada, revela que a banda Pink Floyd seria responsável por compor a trilha sonora de seu ousado filme), do uso de drogas que provocam intensa alteração da percepção, de um desejo de reconexão com a natureza e com a espiritualidade, de uma quebra do *status quo*, de uma busca de rompimento com os paradigmas predominantes em uma cultura burguesa, belicosa, colonizadora e arcaica. A *New Wave*, por sua vez, também foi fruto de um rompimento dentro no campo FC no que tange a forma, a estrutura narrativa e também a temática – de maneira similar ao movimento contracultural, a *New Wave* efetivou uma ruptura nos enredos tipificados das revistas pulp além de uma considerável elaboração no campo estilístico e literário. Citamos anteriormente como a série **Duna**, nas próprias palavras de Frank Herbert, pretende quebrar a sobrevalorização do ego e do herói e resgatar um sentimento de coletividade e interconexão ao fluxo da natureza – o foco

¹² No original: Every fantasy reflects the place and time that produced it. If *The Lord of the Rings* is about the rise of fascism and the trauma of the second world war, and *Game of Thrones*, with its cynical realpolitik and cast of precarious, entrepreneurial characters is a fairytale of neoliberalism, then *Dune* is the paradigmatic fantasy of the Age of Aquarius. Its concerns – environmental stress, human potential, altered states of consciousness and the developing countries’ revolution against imperialism – are blended together into an era-defining vision of personal and cosmic transformation.

principal da sociedade burguesa, do pensamento iluminista, das civilizações patriarcais e das revistas pulp é precisamente a elevação do substrato egoico da psique a um patamar de superioridade em relação ao meio que o engendra; no caso específico das revistas vemos repetidamente a narrativa de um herói europeizado que, devido às suas capacidades soberbas, “salva” a humanidade de perigos atroz. O questionamento que se coloca principalmente em **Duna**, na *New Wave* e na contracultura é – qual a diferença entre este dito herói e uma sociedade que coloniza e escraviza seus semelhantes e a natureza apenas para a manutenção de seu poderio egoico? Como nos elucida Damien Broderick (2003, p. 51, tradução nossa):

[...] *Duna* (1965), talvez o romance moderno mais famoso de ficção científica. Ele manipulou soberbamente a espera que Bester havia criticado tão ferozmente: um adolescente ansiando por mundos imaginários nos quais heróis triunfam por meio de um misto sobrenatural de bravura e genialidade que neste caso são intensificadas por meio de uma droga psicodélica, *melange*. A grande ironia do triunfo popular de *Duna*, e também de suas diversas sequências, é a intenção declarada de Herbert em sabotar precisamente aquela identificação predominante e apaixonada da imagem do herói sobrehumano e van Vogtiano. É nesta cruz, tanto quanto nos avanços e excessos estilísticos da *New Wave*, que a década de 60 marcaram a FC, enquanto a última marcou ainda mais profundamente o mundo¹³

Retornemos ao trecho de Kunzru: **Duna** reflete os ideais da contracultura a partir da temática ecológica e do reavivamento do sentimento apocalíptico das origens góticas da FC, a Jihad Buttleriana que precede historicamente a humanidade na série e que de acordo com Huntington (apud ROBERTS, 2000, p. 81, tradução nossa) "coincide com uma década de ativismo político e de ceticismo em

¹³ No original: [...] *Dune* (1965), perhaps the most famous modern sf novel. It manipulated superbly the longing that Bester had mocked so ferociously: an adolescent craving for imaginary worlds in which heroes triumph by a preternatural blend of bravery, genius and psi, helped along in this case by a secret psychedelic drug, *melange*. The deep irony of *Dune*'s popular triumph, and that of its many sequels, is Herbert's own declared intention to undermine exactly that besotted identification with the van Vogtian superman-hero. It is in this crux, as much as in the stylistic advances and excesses of the *New Wave*, that the sixties made its mark on sf, and sf made its even greater mark on the world

relação a soluções tecnológicas para problemas sociais e ambientais”; temos, ademais, a especiaria, droga reguladora de todo o comércio no império galáctico, além de uma absorção da simbologia religiosa que permeia o oriente, transitando desde o Sufismo, Islamismo, Hinduísmo (Tantra) até o Zen-Budismo e Taoísmo.

Essa simbologia religiosa misturada às ideias de relativização espaço-temporal propostas pela física einsteiniana tanto quanto o princípio da incerteza de Heisenberg (que será futuramente explicado) tem direta relação com a tecnologia mais poderosa cujo desenvolvimento se dá através da reprodução genética dentro da obra: a presciência, poderio psíquico que permite deslocamentos da consciência no que tange o quantum espaço-temporal (portanto uma relativização temporal no campo da psique), ato divinatório que permite àquele possuído pelas visões proféticas que rememore tanto o passado ancestral quanto vislumbre o desdobramento de infinitos futuros possíveis. Em **Duna**, a especiaria além de ser combustível para as viagens interestelares é também uma poderosa droga que provoca experiências de expansão de consciência e que potencializa os poderes prescientes de uma humanidade que se desenvolveu geneticamente por milhares de anos após ter sido escravizada pela inteligência artificial.

Parece claro que Frank Herbert tinha a intenção de que sua perplexa e ornamentada sequência sobre os super-homens e super-mulheres Atreides do ano de 10.000 induzisse os leitores em um tipo de consciência avançada. Como um Sufi ou Mestre Zen, Herbert desejava incitar seus leitores em direção à iluminação, momento de satori ou de insight que os liberaria da aderência mecânica à rotina, do hábito e da complacência maçante da década anterior ¹⁴ (BRODERICK, 2003, p.52, tradução nossa).

É importante frisar que, exatamente a ideia mecanicista e que fundamenta o que fora denominado anteriormente como “tirania da razão” procede através de uma lógica *linear* e *causal* que é desafiada pela capacidade divinatória da presciência; o princípio de Sincronicidade, formulado por Jung, é comumente aplicado para melhor

¹⁴ No original: It seems clear that Frank Herbert did intend his ornate, baffling sequence about the Atreides supermen and women of the year 10,000 to induct readers into a sort of advanced consciousness. Like a Sufi or Zen master, Herbert wished to prod his readers toward enlightenment, a moment of satori or insight that would free them from mechanical adherence to routine, habit and the dull complacency of the previous decade.

entendimento do conceito de divinação e também reflete a ideia previamente explicitada em **Duna** de que a consciência não é um fenômeno completamente separado do todo universal, mas interconectada ao mundo físico. Como diz Marie-Louise von Franz:

O pensamento sincronístico, isto é, a maneira chinesa de se pensar, entretanto, é completamente diferente. [...] No seu questionamento em relação ao que tem o potencial de ocorrer conjuntamente, pode-se trazer tanto fatos internos quanto externos. Para a maneira sincronística de se pensar é essencial que se observe ambas as áreas da realidade, o físico e o psíquico, e que se note que no momento em que se teve tais e tais pensamentos ou tais e tais sonhos, que seriam eventos psicológicos, tais e tais eventos externos e físicos aconteceram¹⁵ (FRANZ, 1980, p. 40, tradução nossa).

A principal contribuição da psicologia analítica jungiana advém do conceito de inconsciente coletivo, substrato profundo da psique que pressupõe uma interconexão simbólica entre o inconsciente de toda a humanidade, sendo “A hereditariedade [...] a principal via por meio da qual os conteúdos suprapessoais do inconsciente são transmitidos” (PERASSOLI Jr., 2016, f.17). Na série de Frank Herbert, a agonia provocada pelo uso concentrado da especiaria na forma de “Água da Vida”¹⁶, quando ainda não transubstanciada, provoca experiências análogas à expansão de consciência provocada por outros psicodélicos como LSD e Ayahuasca, permitindo também, àquele que ingeriu a droga geriátrica em sua forma concentrada e caso o mesmo seja capaz de sobreviver e transmutar a substância para uma versão não venenosa através de sua psique e controle *prana-bindu*¹⁷, que rememore

¹⁵ No original: The synchronistic, i.e., the Chinese way of thinking, however, is completely different. [...] In their question as to what likes to occur together, one can bring in both inner and outer facts. For the synchronistic way of thinking it is even essential to watch both areas of reality, the physical and the psychic, and to notice that at the moment when one had these and these thoughts or these and these dreams which would be psychological events such and such outer physical events happened.

¹⁶ Ao imergir um verme da areia na água, obtém-se a forma concentrada e também venenosa da especiaria, a ‘Água da vida’, que precisa ser transubstanciada por uma Reverenda Madre (Bene Gesserit) para que possa ser consumida pela humanidade.

¹⁷ O controle *prana-bindu* em **Duna** representa o treinamento desenvolvido pelas Bene Gesserits em controlar seus nervos e músculos. Prana em sânscrito pode significar desde “respiração”, “força vital” ou “princípio vital” e até mesmo energia da consciência e o princípio criativo; Bindu em sânscrito significa “ponto” e no Tantrismo representa o oitavo chakra e a união entre Shakti e Shiva.

toda sua ancestralidade e hereditariedade, adquira a proteção e/ou invasão dos seus ancestrais: nesse momento de “iluminação” o inconsciente coletivo se torna permanentemente acessível e integrado ao nível consciente (trecho a seguir presente em **Os Filhos de Duna**).

Esta foi a conquista do Muad'Dib: Ele percebeu o reservatório subliminar de cada indivíduo como um banco inconsciente de memórias recuando até a célula primal de nossa gênese comum. Cada um de nós, ele disse, pode medir sua distância em relação a essa origem comum. Vendo isso, e sobre isso falando, ele chegou a uma audaciosa decisão. Muad'Dib assumiu a tarefa de integrar a memória genética à contínua avaliação. Assim ele penetrou nos véus do Tempo, tornando o futuro e o passado uma coisa única. Essa foi a criação do Muad'Dib, incorporada ao seu filho e à sua filha (HERBERT, 1985b, p. 110)

É Jung também quem traz à tona a inter-relação entre a História e a memória do inconsciente coletivo e nossa herança individual desse arcabouço arquetípico e simbólico. O inconsciente, portanto, conteria em si um registro de magnitude incomensurável da experiência psíquica — consciência, experiências sensoriais e cognitivas, experiências culturais e espirituais — até então vivenciadas.

[...] vivem e funcionam evidentemente nas camadas mais profundas do inconsciente, em especial naquele substrato filogenético que designei por inconsciente coletivo. Essa localização explica suficientemente a sua estranheza: animus e anima trazem à consciência efêmera uma vida psíquica desconhecida, pertencente a um passado longínquo. É o espírito de nossos ancestrais desconhecidos, seu modo de pensar e sentir, seu modo de vivenciar vida e mundo, deuses e homens. A realidade destas camadas arcaicas é presumivelmente a raiz da crença em reencarnações e em lembranças de "vidas passadas" (JUNG, 2002, p. 279).

Devido ao enredo de **Duna** se pautar na experiência humana e suas devidas ressignificações através do tempo num entrelaçamento contínuo da consciência e de

suas manifestações físicas e materiais, vemos como um dos motivos narrativos na série a inevitabilidade da repetição de conteúdos e arquétipos profundamente enraizados no inconsciente humano. O *caminho dourado*¹⁸ vislumbrado por Leto Atreides II se propõe a tornar a humanidade menos susceptível aos domínios egóicos, autodestrutivos e encarceradores que delimitam a psique e a realidade através de uma imposição fatídica do destino, imposição esta que acaba determinando o crescimento e a imaginação humana. Vemos novamente uma metáfora que critica o pensamento puramente mecanicista fundamentado pelo iluminismo (filosoficamente) e pela física newtoniana. Ao excluir a constante atualização e mudança, ao projetar a imagem de máquina ao ser humano, ao universo e à realidade, o mecanicismo pretendia tornar o futuro completamente previsível e absoluto – precisamente a armadilha que Muad'Dib conjurou a si mesmo ao repetir a violência da Jihad que jazia submersa nas águas da psique coletiva humana. Em futuros trabalhos pretendemos analisar mais profundamente o *caminho dourado* como processo de individuação da humanidade como um todo e também como libertador da presciência absoluta e baseada nos preceitos deterministas, retornando o sentido de organicidade para a consciência humana, assim livrando-a dos perigos e da estagnação da predição completa. Brian Greene (2004, p.18), em **O Tecido do Cosmos**, elucida bem o paradigma newtoniano fundador da ciência moderna:

Esses pioneiros do pensamento científico moderno argumentavam que, quando observados da maneira correta, os acontecimentos no universo não eram apenas explicáveis quanto também previsíveis. O poder da Ciência de predizer aspectos do futuro – consistentemente e quantitativamente – havia sido revelado¹⁹.

¹⁸ Visão divinada pelo Imperador Leto Atreides II em que a humanidade não era levada à auto-destruição e que dependia de seu governo totalitário e duradouro para se tornar auto-sustentável; pretendemos demonstrar em análises futuras que o objetivo do *caminho dourado* é expandir a humanidade para diversos confins do universo ainda não explorados além de reequilibrá-la em face da ainda existente prevalência mecanicista resultante de uma sobrevalorização egóica no inconsciente coletivo.

¹⁹ No original: These early pioneers of modern scientific thought argued that, when looked at the right way, the happenings in the universe not only are explicable but predictable. The power of Science to foretell aspects of the future —consistently and quantitatively—had been revealed.

No que diz respeito ainda, às memórias ancestrais adquiridas através da *agonia da especiaria* — uso da droga em sua forma concentrada e venenosa em que o usuário deve converter sua forma para um substrato consumível e, portanto, não perecer durante o processo, que leva eventualmente à reconexão com as memórias ancestrais — como diz Leto Atreides II em o **Imperador Deus de Duna**:

Que não reste dúvida de que eu sou uma reunião de meus ancestrais, uma arena na qual eles exercitam meus impulsos. Eles são minhas células e eu sou o corpo deles. Esse é o favrashi²⁰ através do qual eu falo, a alma, o inconsciente coletivo, a fonte dos arquétipos, o repositório de todo trauma e de toda alegria. E sou a escolha do seu despertar. Meu samhadi²¹ é o seu samhadi. Suas experiências são minhas. Seu conhecimento destilado é minha herança. Esses bilhões sou eu.

— Os diários roubados (HERBERT, 1986, p.211).

Vemos claramente no excerto acima a ressonância da psicologia analítica e dos conceitos propostos por Jung para a conceptualização da obra de Frank Herbert. A *agonia da especiaria* abre a percepção para o “substrato filogenético” do inconsciente coletivo e integra as memórias ancestrais à consciência e também facilita o desenvolvimento de faculdades divinatórias, especificamente a da *presciência*. Como já dito anteriormente, tal habilidade de deslocamento da consciência do observador pela dimensão espaço-temporal circunda toda a obra e é um dos principais poderes psíquicos que guia não só as personagens, mas toda a humanidade pertencente ao universo edificado pela série em direção a um eterno porvir. Para Jung, o inconsciente contém em si as potencialidades do futuro, logo, acessar tais camadas da psique pode trazer vislumbres divinatórios; em **Duna**, a

²⁰ Favrashi é uma direta referência ao conceito persa de Fravashi que significa no “Zoroastrianism, the pre-existing external higher soul or essence of a person (according to some sources, also of gods and angels). Associated with Ahura Mazdā, the supreme divinity, since the first creation, they participate in his nature of pure light and inexhaustible bounty. By free choice they descend into the world to suffer and combat the forces of evil, knowing their inevitable resurrection at the final glory. Each individual’s fravashi, distinct from his incarnate soul, subtly guides him in life toward the realization of his highernature. The saved soul is united after death with its fravashi” (DILLON, p.2, s.d, tradução nossa).

²¹ Samhadi é uma direta referência ao conceito de Samadhi e que representa o “state in which the yogi perceives the identity of his soul as spirit. It is an experience of divine ecstasy as well as of superconscious perception; the soul perceives the entire universe. In other words, human consciousness becomes one with cosmic consciousness.

família Atreides possui geneticamente imprimida em sua linhagem a habilidade da presciência em níveis proeminentes²² que se intensifica durante o transe provocado pela especiaria, o que permite a Paul Muad'Dib e seus herdeiros vislumbrarem infinitas possibilidades de futuro, não somente para si mesmos, mas para o universo como um todo.

Chamamos o inconsciente de um "nada", e no entanto ele é uma *realidade* in-potentia: o pensamento que pensaremos, a ação que realizaremos e mesmo o destino de que amanhã nos lamentaremos já estão inconscientes no hoje. O desconhecido que o afeto descobre, sempre esteve aí e mais cedo ou mais tarde se apresentaria à consciência. Por isso devemos contar constantemente com a existência de algo ainda não descoberto. Podem ser, como dissemos, qualidades desconhecidas de caráter. Podem manifestar-se também possibilidades futuras de desenvolvimento, talvez numa explosão emocional, que transforma radicalmente uma situação. O inconsciente é como o Janus bifronte: por um lado, seus conteúdos apontam para trás, em direção a um mundo do instinto pré-consciente e pré-histórico; por outro, antecipa potencialmente um futuro, devido a uma prontidão instintiva dos fatores determinantes do destino (JUNG, 2002, p. 272-273, grifo do autor).

Leto Atreides II, figura ambivalente e paradoxal, filho de Paul Muad'Dib, com reflexões sempre provocantes no quarto livro da série faz outra alusão direta à teoria junguiana e ao excerto apresentado acima (excerto contido em **O Imperador Deus de Duna**):

[...] Ela é necessariamente uma aristocrata, mas a aristocracia se volta principalmente para o passado. Essa é a falha. Você não enxerga muita coisa de qualquer caminho, a menos que seja como Janus, olhando simultaneamente para trás e para a frente.

²² “— Uma natureza dadivosa permitiu que a melange descobrisse para alguns de nós as profundezas inesperadas da psique, e no entanto você teme isso?

— Eu sou um Atreides, Senhor!

— Ah, sim, e para um Atreides a melange pode envolver o mistério do Tempo num processo peculiar de auto-revelação” (HERBERT, p.188, 1986).

— Janus? Oh, sim, o deus com dois rostos opostos. — Ela umedeceu os lábios com a língua. — E você é Janus, Leto?
— Eu sou Janus aumentado 1 bilhão de vezes [...] (HERBERT, 1986, p.209).

Claramente, devido aos poderes prescientes nos níveis possuídos pelo Imperador Leto II e também, devido ao conceito que ele mesmo e as Bene Gesserits usualmente fazem alusão de que o Universo é *infinito*, vemos uma multiplicação da imagem do deus Janus e uma extrapolação simplória de divisão do tempo em passado e futuro – afinal de contas a percepção e ideia de separação do tempo em passado, presente e futuro pressupõe uma experiência *linear* do tempo e o Janus bifrontal é a representação dessa experiência em forma de símbolo; a amplificação de Janus ao infinito leva inexoravelmente a constituição de uma gama infinita de possibilidades para o futuro, configurando muito mais do que apenas *um único caminho*. Vale ressaltar que o deus romano representa a tomada de decisões e poder sobre os princípios, precisamente o que Leto procura enaltecer e engendrar na humanidade através do seu *caminho dourado*, a capacidade de ressignificação do passado em forma de possibilidades infinitas de manifestação do futuro. Segue um trecho de **O Messias de Duna** para exemplificação:

A visão que ambos sabiam ter sido colocada em terrível movimento nesse lugar exigia um ato de criação em certo ponto do tempo. Naquele momento, todo o universo senciente compartilhava uma visão linear do tempo que possuía características de uma progressão ordenada. Eles haviam penetrado nesse tempo como se tivessem pulado para dentro de um veículo em movimento, e só poderiam abandoná-lo do mesmo modo. Contra isso, Leto mantinha suas rédeas de múltiplos fios, equilibrando-se em sua própria visão iluminada do tempo como multi-linear e multi-cíclica. Ele era o homem dotado de visão num universo de cegos. Somente ele poderia dispersar a racionalidade ordenadora uma vez que seu pai não detinha as rédeas mais. Na visão de Leto, um filho alterou o seu passado. E um pensamento ainda não sonhado no futuro mais longínquo poderia refletir sobre o agora e mover sua mão (HERBERT, p.261, 1985a).

No excerto acima, percebemos que a visão *linear* e sequencial, que geralmente é atribuída ao princípio de causalidade, é colocada em cheque durante um momento de vislumbre divinatório e de experiência extrassensorial intensificada pela agonia da especiaría. A humanidade ainda presa às amarras mecanicistas concebe o espaço-tempo através de uma lógica *linear* que é desafiada pela presciência, uma vez que um “pensamento ainda não sonhado no futuro mais longínquo poderia refletir sobre o agora e mover sua mão”. Notemos que essa interconexão do futuro ainda não manifestado com o presente também não é dotado de uma noção causal, o futuro não está de fato “provocando” o movimento da mão no presente, mas *refletindo* através de uma conexão estabelecida a partir do *sentido*, do *símbolo* e a relação dos mesmos com a consciência que os apreende.

É de Jung também o conceito de Sincronicidade, princípio acausal que constitui uma relação simbólica entre um estado da psique e a manifestação de um evento no mundo físico. Este princípio é utilizado para explicar e representar eventos de ordem divinatória e é amplamente discutido através do desenrolar narrativo dos seis livros da série.

Logo, não pode ser uma questão de causa e efeito, mas uma queda conjunta no tempo, um tipo de simultaneidade. Por causa desta qualidade de simultaneidade, eu escolhi o termo "Sincronicidade" para designar um fator hipotético hierarquicamente páreo à causalidade quanto princípio explicativo. No meu artigo "Sobre a Natureza da Psique", Eu considerei a sincronicidade como relativização do tempo e do espaço psiquicamente condicionada. Os experimentos de Rhine mostram que em relação à psique, o tempo e espaço são, por assim dizer, "elásticos" e podem ser aparentemente reduzidos a um ponto de fuga, como se fossem dependentes de condições psíquicas e não existissem por si mesmos, mas fossem apenas "postulados" pela mente consciente²³ (JUNG, 2010, Kindle, tradução nossa).

²³ No original: Therefore it cannot be a question of cause and effect, but of a falling together in time, a kind of simultaneity. Because of this quality of simultaneity, I have picked on the term “synchronicity” to designate a hypothetical factor in rank to causality as a principle of explanation. In my essay “On the Nature of the Psyche”, I considered synchronicity as a psychically conditioned relativity of space and time. Rhine’s experiments show that in relation to the psyche space and time are, so to speak,

Como complementa futuramente em seu ensaio sobre a Sincronicidade, esta é constituída de dois fatores: “A) Uma imagem consciente vem à consciência tanto diretamente (isso é, literalmente) ou indiretamente (simbolizada ou sugerida) na forma de um sonho, ideia, ou premonição. B) Uma situação objetiva coincide com esse conteúdo”²⁴ (JUNG, 2010, Kindle, tradução nossa).

Deve-se denotar precisamente a partir deste princípio acausal a ocorrência da relativização espaço-temporal no campo do psíquico, uma vez que **Duna** é a concretização de uma ficção que representa o momento contracultural norte-americano e que flerta com os estados de alteração de consciência que potencializam percepções extra-temporais e cujo pessimismo inerente a este momento histórico em relação ao advento tecnológico provoca também certa desconfiança em relação a uma visão científica puramente pautada no princípio da causalidade.

As teorias da física quântica e relativista tiveram um efeito revolucionário na abordagem Newtoniana, não somente na transformação do formalismo da física, mas também mudando a visão de mundo com a qual ela se associava. Niels Bohr, por exemplo, acentuou que a teoria quântica havia revelado a indivisibilidade essencial da natureza enquanto o princípio de incerteza de Heisenberg indicava a extensão da intervenção do observador no sistema observado [...]. Esse universo participatório de Bohr e Heisenberg, essa relativização do espaço e do tempo, essa interconectividade das coisas, apontam para uma visão de mundo totalmente diferente da visão mecanicista de Newton. No entanto, mesmo com essas importantes revoluções que tomaram conta da física, maneiras arcaicas de se pensar continuam a dominar nossa relação com a natureza. O tempo, como acreditamos, é externo à nossa vida e nos carrega em seu fluxo; a causalidade rege as ações da natureza com mãos de ferro e nossa “realidade consensual” é restringida à superfície das coisas e parece mais

“elastic” and can apparently be reduced almost to vanishing point, as though they were dependent on psychic conditions and did not exist themselves but were only “postulated” by the conscious mind.

²⁴ No original: a) An unconscious image comes into consciousness either directly (i.e., literally) or indirectly (symbolized or suggested) in the form of a dream, idea, or premonition. B) An objective situation coincides with this content.

próxima ao funcionamento restrito de uma máquina do que das adaptações sutis de um organismo²⁵ (PEAT, p.13-14, 1988).

Ainda que as revoluções epistemológicas advindas da teoria da relatividade e das teorias quânticas tenham provocado mudanças fundamentais em nossa concepção de natureza e realidade, percebemos que o paradigma newtoniano ainda ecoa na maneira como a humanidade se comporta e concebe o mundo e a si mesma: como *máquinas* e, portanto, esquecendo-se de sua organicidade. O princípio de Sincronicidade, em contraposição, percebe a interconectividade de todos os elementos que compõem a experiência que podemos chamar de *real* e não aloca o observador numa instância de *separação*, mas de constante *participação*. Marie-Louise Von Franz em **On Divination and Synchronicity** aprofunda a discussão sobre a relação entre o princípio acausal estudado por Jung e o processo divinatório existente desde os primórdios da humanidade (p.14):

Os chineses tinham duas ideias ou aspectos do tempo: o tempo atemporal ou eternidade, a eternidade imutável e sobre ela superposto o tempo cíclico. Nós vivemos normalmente, com nossas consciências, no tempo cíclico, de acordo com as ideias chinesas, mas existe um tempo eterno *une durée créatrice*, usando uma expressão de Bergson, subjacente, que por vezes interfere na outra instância temporal²⁶.

Vemos essa ideia refletida em diversas passagens da série, um eco do Taoísmo e do Zen-Budismo chineses, e o acesso inevitável da presciência ao

²⁵ No original: Quantum theory and relativity had a revolutionary effect upon this Newtonian approach, not only in transforming the formalism of physics but also changing the worldview that was associated with it. Neils bohr, for example, stressed that quantum theory had revealed the essential indivisibility of nature while Heinsenberg's uncertainty principle indicated the extent to which an observer intervenes in the system he observes. [...]. This participatory universe of Bohr and Heisenberg, this relativity of space and time, this interconnectedness of things, points to a very different worldview than that of Newtonian mechanism. Yet despite the important revolutions that have taken place within pyhsics, old ways of thinking continue to dominate our relationship to nature. Time, we believe, is external to our lives and carries us along in its flow; causality rules the actions of nature with its iron hand and our "consensus reality" is restricted to the surface of things and seems closer to the rule-bound functioning of a machine than to the subtle adaptability of an organism.

²⁶ No original: The Chinese had two ideas or aspects of time: namely timeless time or eternity, unchanging eternity, with superimposed on it cyclic time. We live normally, with our consciousness, in cyclic time, according to Chinese ideas, but there is an eternal time *une durée créatrice*, to use an expression of Bergson's underneath, which sometimes interferes with the other.

“tempo atemporal”, como podemos observar com este excerto de **Os Filhos de Duna**: “Com esse compromisso, a consciência de Leto escorregou para dentro da rede *atemporal* do tao²⁷” (HERBERT, 2008a, p.451, tradução nossa). Jung e Von Franz dedicam boa parte de suas análises e sínteses para conceber e explicar o princípio da Sincronicidade a partir do **I Ching** ou **O livro das mutações**, “o texto Chinês filosófico e antigo com seu método divinatório – ele [Jung] tinha, claro, escrito o prefácio da tradução de Wilhelm do **I Ching**²⁸” (CAMBRAY, 2009, p.41).

Para ele os sábios chineses recorriam à “hipótese da unidade da natureza, e procuravam explicar a ocorrência simultânea de um estado psíquico com um processo físico por meio de uma *equivalência de significado*”. [...] A tradução de Wilhelm do Tao como “significado” é crucial para Jung. As descrições de Lao-Tsé da natureza do Tao como “nada” (por exemplo, Transformamos barro para fazer um receptáculo / Mas é no espaço que não há nada que a utilidade do receptáculo depende) está ligada ao significado ou propósito para Jung. Ele nota que “só é chamado de “Nada” por que não aparece no mundo dos sentidos, mas é apenas seu organizador,” a capacidade de organização, mais especificamente auto-organização, como a fonte de significado sincrônicos é crucial²⁹ (CAMBRAY, 2009, p.23).

Como bem explicitado no excerto acima, notamos que o *sentido* tem importância essencial para fenômenos sincrônicos, sendo que estes se configuram por meio da busca de uma equivalência de significado entre um estado psíquico e um processo físico que manifesta, representa e simboliza o mesmo; percebemos que a noção ocidental de *observador* enquanto uma instância separada da realidade encontra pouco espaço dentro do paradigma chinês – a participação da

²⁷ No original: With this commitment, Leto’s awareness slipped into the web of timeless dao.

²⁸ No original the ancient Chinese philosophical text with its divinatory method – he [Jung] had of course also written the foreword to Wilhelm’s translation of the **I Ching**

²⁹ No original: For him the Chinese sages accordingly drew upon “the hypothesis of the unity of nature , [and] sought to explain the simultaneous occurrence of a psychic state with a physical process na *an equivalence of meaning*. [...] Wilhelm’s translation of the Tao as “meaning” is key for Jung. Lao Tzu’s description of the nature of the Tao as “no-thing” (for example, We turn clay to make a vessel / But it is on the space where there is nothing that the utility of the vessel depends) is tied to meaning or purpose for Jung. He notes that “it is only called Nothing because it does not appear in the world of the senses, but is only its organizer;” the capacity for organization, more exactly selforganization, as the source of synchronistic meaning is crucial

consciência no desenrolar dos eventos é essencial, pois é através dela que se estabelece o *sentido* das manifestações físicas, é através dela que a realidade se organiza e adquire significado, adquire os símbolos que são “cruciais” para a formulação de sincronicidades. Observemos também que a fala de Jung “chamamos o inconsciente de um ‘nada’ [...]” (2002, p.272-273) tem direta relação com o significado atribuído ao Tao de “nada”, tanto na atribuição nominal quanto em seu potencial de organizador advindo de sua “*realidade in-potentia*” (2002, p.272-273, grifo do autor). Ressaltamos aqui ainda, o conceito budista de *Śūnyatā* que será futuramente aprofundado na dissertação e que também ecoa a ideia de *vacuidade* e se reflete pela obra através do sistema religioso e filosófico claramente inspirado no Sufismo e no Zen-budismo denominado como *Zensunni* no universo de **Duna**.

Os sutras geralmente usam a palavra “grande vazio” para explicar o significado de sunyata. No geral, entendemos o “grande vazio” como algo que não contém absolutamente nada. Entretanto, a partir de uma perspectiva Budista, a natureza do “grande vazio” implica algo que não obstrui outras coisas, no qual toda matéria age de acordo com suas próprias funções. Matéria é forma, que por sua natureza, implica obstrução. A característica especial do “grande vazio” é a não-obstrutividade. O “grande vazio”, portanto, não serve como obstáculo à matéria. Uma vez que o “grande vazio” não exibe características obstrutivas, ele serve como *fundação* para o funcionamento da matéria. Em outras palavras, se não houvesse o “grande vazio” e suas características não-obstrutivas, seria impossível para o mundo material existir e funcionar. O “grande vazio” não está separado do mundo material. O último depende do primeiro. Podemos constatar que o profundo significado de sunyata e a natureza de sunyata no Budismo acentua a natureza não-obstrutiva do “grande vazio”. Sunyata não implica no “grande vazio” [em um sentido de algo que não contém absolutamente nada]. Pelo contrário, este é a fundação de todos fenômenos (forma e mente). [...] Estes incluem as partículas mais pequenas, as relações entre as partículas, os planetas e as relações entre eles, até chegarmos em todo o universo! Da menor partícula até a matéria mais ampla, não existe uma identidade independentemente absoluta. [...] Como já discutimos anteriormente, podemos observar o significado profundo

de sunyata através da perspectiva de relações interdependentes. (SUNYATA (emptiness) in the mahayana context, 2020, online, tradução nossa)³⁰

Ou seja, o “grande vazio”, o “no-thing” e “nada” do inconsciente são a fundação para o funcionamento da matéria/energia e, portanto, das manifestações físicas que são inevitavelmente impermanentes dentro de um fluxo infinito e interdependente. Nos jornais roubados, documento autobiográfico deixado por Leto Atreides II para sua posteridade, encontramos reflexões pertinentemente implícitas às noções Taoístas e Budistas de *Tao* e de *Śūnyatā* (trecho na sequência de **O Imperador Deus de Duna**).

Dentro de todo o meu universo não pude ver nenhuma lei natural que fosse permanente e inexorável. Esse universo apresenta apenas relações transitórias que são por vezes vistas como leis por aquelas consciências de vida curta. Esses sensores feitos de carne que comumente chamamos de *eu* são efemeridades que murcham no brilho do infinito, momentaneamente conscientes de condições temporárias que confinam nossas atividades e que mudam conforme nossas atividades também mudam. Se você deseja denominar o *Absoluto*, use seu nome correto: *Temporário*.

- Os Jornais Roubados³¹ (HERBERT, 2008c, p.565).

³⁰ No original: The sutras often use the word "great void" to explain the significance of sunyata. In general, we understand the "great void" as something that contains absolutely nothing. However, from a Buddhist perspective, the nature of the "great void" implies something which does not obstruct other things, in which all matters perform their own functions. Materials are form, which by their nature, imply obstruction. The special characteristic of the "great void" is non-obstruction. The "great void" therefore, does not serve as an obstacle to them. Since the "great void" exhibits no obstructive tendencies, it serves as the foundation for matter to function. In other words, if there was no "great void" nor characteristic of non-obstruction, it would be impossible for the material world to exist and function. The "great void" is not separated from the material world. The latter depends on the former. We can state that the profound significance of sunyata and the nature of sunyata in Buddhism highlights the "great void's" non-obstructive nature. Sunyata does not imply the "great void". Instead, it is the foundation of all phenomena (form and mind). [...] These include the smallest particles, the relationship between the particles, the planets, and the relationship between them, up to and including the whole universe! From the smallest particles to the biggest matter, there exists no absolute independent identity. [...]As we have discussed before, we can observe the profound significance of sunyata from the perspective of inter-dependent relationships. (buddhanet.net)

³¹ No original: In all my universe I have never seen no law of nature, unchanging and inexorable. This universe presents only changing relationships which are sometimes seen as laws by short-lived awareness. These fleshly sensoria which we call self are ephemera withering in the blaze of infinity,

David Peat em **Synchronicity: A bridge between matter and mind** elucida de maneira clara as falibilidades do mecanicismo newtoniano e apresenta argumentos em direção a uma aceção do princípio de Sincronicidade pela física contemporânea e pela ciência como uma potencialidade unificadora dos estudos da consciência e da inter-relação entre a matéria e a mente — Para diversas linhas filosóficas e religiosas orientais, a mente ainda pertence ao campo material, sendo apenas composta de um substrato menos “denso” que as manifestações físicas. A consciência, no entanto, como princípio que jaz subjacente à mente e que a origina, não possui forma e é mais facilmente compreendida através do conceito de *Śūnyatā*. Vemos essa ideia levemente desenhada no trabalho do físico britânico, ainda que não completamente explorada —. A partir da concepção que também notamos em **Duna**, de que o universo se comporta como um organismo vivo e não como máquina, da concepção de interconectividade explicitada através dos excertos apresentados que tangem a simbologia Taoísta e Budista, as elucidações do físico nos permitem melhor compreender tanto o princípio acausal quanto sua relação com a obra aqui analisada:

A estrutura dinâmica desse “universo vivo” deve sua existência a uma totalidade mais ampla, que pode em última instância envolver o universo inteiro. É uma característica de tais sistemas que nasçam de um terreno subjacente, persistam por algum tempo, e então morram de volta a esse mesmo terreno. Como uma metáfora para a mente isto sugere as sensações de vastidão, plenitude (vacuidade) e de dissolução do ego, tal qual acompanham certos estados transcendentais. Para o místico, o ego não possui uma realidade primordial em si mesmo, mas é apenas um padrão que, por algum período de tempo se manifesta dentro do icognoscível³². (PEAT, 1988, p.82)

fleetingly aware of temporary conditions which confine our activities and change as our activities change. If you must label the *absolute*, use its proper name: *Temporary*.

³² No original: The particular dynamic structure of this "living universe" all owe their existence to a wider whole, which may ultimately involve the entire universe itself. It is characteristic of such systems that they are born out of an underlying ground, persist for a time, and then die back into this ground. As a metaphor for mind this is suggestive of the feelings of vastness, wholeness (emptiness), and the dissolution of the ego that accompanies certain transcendent states. For the mystic, the ego does not have a primary reality in itself but is simply a pattern that, for a time, appears within the unknowable

Para devidamente ampliarmos nossa compreensão sobre o princípio de sincronicidade, devemos também elucidar as relações de Jung com o físico quântico Wolfgang Pauli e a confluência entre ambos os autores e a tentativa do criador da psicologia analítica em apreender e se utilizar das recentes descobertas no campo da física para a formulação de seu princípio acausal. Ainda que Jung tenha cometido “pequenas confusões semânticas”³³ (CAMBRAY, 2009, p.24, tradução nossa) no uso de termos advindos da física quântica, as contribuições de Pauli foram essenciais para a formulação do ensaio sobre a Sincronicidade. O princípio da incerteza de Heisenberg aparece como motivo narrativo em **Duna** e como metáfora explicativa do ato de criação inerente ao ato presciente; em termos simplórios, a realidade (não somente as partículas subatômicas, mas também a energia e a matéria como um todo) comporta-se ao mesmo tempo como *onda* e como *partícula* (o que é usualmente denominado como a dualidade onda-partícula) – ao tentarmos mensurar a *posição* de uma partícula subatômica somos incapazes de determinar seu *momento* e vice-versa³⁴. Nesses casos, somos levados apenas a calcular a *probabilidade* de que essas partículas estejam em determinada *posição* ou com determinado *momento*, mas não podemos concluir com certeza e simultaneamente ambos os dados. Observamos o seguinte trecho de **Duna**:

A presciência, ele percebeu, era uma iluminação que incorporava os limites daquilo que revelava, ao mesmo tempo uma fonte de precisão e de erro significador. Um tipo de indeterminação de Heisenberg mediava: o gasto de energia que revelava aquilo que ele viu mudava o que ele via³⁵ (HERBERT, 2003, p.477, tradução nossa).

A noção *sequencial* de causalidade que permeia nosso imaginário constrói a realidade a partir dos princípios que a constituem, em uma ordem *lógica*, do microcosmo para o macrocosmo – geralmente as partículas subatômicas e o próprio átomo são chamados de “blocos de construção” dos quais o tecido que conhecemos

³³ No original: [...] minor semantic confusion[s] [...]

³⁴ Não entraremos em explicações aprofundadas sobre o tema, apenas suas concretizações literárias enquanto metáforas na obra de Frank Herbert.

³⁵ No original: The prescience, he realized, was an illumination that incorporated the limits of what it revealed - at once a source of accuracy and meaningful error. A kind of Heisenberg indeterminacy intervened: the expenditure of energy that revealed what he saw, changed what he saw.

por *real* é edificado. No entanto, o que observamos a partir das revoluções epistemológicas da física quântica é que esses “blocos de construção” estão fundamentalmente interconectados com as ordens superiores que os mensuram e os definem.

A descoberta do inconsciente coletivo talvez seja a contribuição mais original de Jung para a psicologia; de fato, ele se referia ao conceito como seu “mito pessoal”. O físico Pauli ficou particularmente surpreso com a correspondência que o conceito criava entre a física e a psicologia. [...] O nível quântico da matéria, por exemplo, que aparenta sublinhar todos os fenômenos materiais é em si mesmo dependente do nível clássico para suas definições e para suas medições. Portanto, enquanto é sempre possível analisar os níveis superiores em termos dos inferiores, é também verdade que os níveis superiores podem condicionar os inferiores, que então, podem conter formas novas e inesperadas de funcionamento. As complexidades da mente e da matéria são, portanto, como imagens refletidas em espelhos paralelos que nunca serão apreendidas de uma única maneira. Tanto quanto os níveis mais profundos da matéria estão irreduzivelmente conectados aos níveis superiores também pode ser descoberto que os reinos mais profundos do inconsciente coletivos estão dependentes ou condicionados pela percepção consciente³⁶ (PEAT, 1988, p.103, tradução nossa).

Essa mesma visão de que os níveis de um universo *micro* se conectam num loop infinito de *feedback* com o universo *macro*, sendo em última instância interconectados de uma maneira que é impossível distinguir uma linha lógica e sequencial para devida atribuição de uma origem *causal* é refletida através da obra

³⁶ No original: The discovery of the collective unconscious probably stands as Jung's most original contribution to psychology; indeed, he referred to it as his "personal myth". The physicist Pauli was particularly struck by the correspondence it created between physics and psychology. [...]The quantum level of matter, for example, which appears to underlie all material phenomena is itself dependent upon the classical level for its definitions and for any measurements that are made. Hence, while it is always possible to analyze higher levels in terms of lower, it is also true that the higher levels may condition the lower and may contain unexpected and novel forms of behavior. The complexities of matter and mind are therefore like images reflected in parallel mirrors that can never be grasped in a unique way. Just as the deepest levels of matter are irreducibly connected to higher levels, so too may it be discovered that the deepest regions of the collective unconscious are in some degree dependent upon and conditioned by conscious awareness.

de **Duna** e no pensamento sincrônicos chinês, tal qual elucidado por Von Franz e apenas reforça a relação entre o princípio de Sincronicidade como possível direcionamento epistemológico para que a ciência como um todo possa compreender os limites e falibilidades de uma concepção puramente mecanicista. No livro de Peat, sistemas não-lineares são suscitados como exemplificações na natureza em que este mesmo tipo de *loop* e *feedback* ad infinitum não podem ser simplesmente explicados e analisados por preceitos puramente lineares e, portanto, causais.

[...] o corpo humano é composto de células que dependem do organismo como um todo. Portanto, de uma maneira as operações do corpo podem ser explicadas em termos de seus constituintes, mas em outra esses constituintes devem ser definidos em termos dos objetivos, operações e o significado do organismo em sua totalidade³⁷ (PEAT, 1988, p.63, tradução nossa).

Ademais, a ideia de que a humanidade pode funcionar e agir, a partir de uma perspectiva mais ampla, como um *único organismo* aparece diversas vezes como motivo narrativo através da jornada espaço-temporal contada pelo enredo dos seis livros da série; essa mesma ideia é utilizada como exemplo por David Peat para caracterizar sistemas biológicos que por ora se comportam de maneira *linear* e que por ora, quando unidas e indistintas, de maneira *não-linear* e uníssona.

A Natureza produziu em torno de 500 diferentes variedades de limo que vivem a partir de vegetações em decomposição. A propriedade singular desses organismos microscópicos é de que, tal qual a dualidade onda/partícula do mundo subatômico, eles possam existir em duas formas completamente distintas. Em seu estado comum, uma colônia de limo consiste de um número amplo de indivíduos independentes, células similares a amebas que absorvem sua nutrição da vegetação espalhada pelo chão das florestas. Essas células se multiplicam através de uma divisão simples e se espalham comendo tudo em seu caminho até que a colônia exaure a fonte de

³⁷ No original: [...] the human body is composed of cells which depend upon the whole organism. So at one level the operations of the body can be explained in terms of its constituents, yet at another, these constituent parts must be defined in terms of the goals, operations, and meaning of the whole.

alimento no seu entorno. Nesse momento crítico, sinais químicos são enviados entre as células que desencadeiam uma forma totalmente nova de comportamento. As células individuais começam a se congregarem conjuntamente e os elementos separados da colônia transformam-se num único organismo multicelular³⁸ (PEAT, 1988, p.66, tradução nossa).

O paralelo com os arquétipos que constituem nossa concepção de *masculino* e *feminino* são claramente traçáveis com as noções de *separação* e *conexão*. O pensamento racional e centrado no ego que fundamenta a “tirania da razão” se pauta no princípio de *separação* (realidade enquanto *partícula*) – conhecer a realidade manifesta, a princípio, só é possível desde que distingamos as coisas umas das outras, desde que efetuemos o processo de *análise* e possamos então dar nome aos objetos e manifestações provindas do caos que nos cerca. Já a noção de *conexão* se fundamenta na concepção de interdependência e eterna fusão com esse mesmo caos que nos cerca (realidade enquanto *onda*) – conhecer as possibilidades da realidade sem *diferenciação*, num fluxo em que os limites não são tangíveis e em que refletimos em uníssono os desejos e movimentos do todo. Lembremo-nos do “[...] ‘sentimento oceânico’, [...] em que nosso ego, ainda não constituído, não é capaz de conceitualizar diferença entre si e o mundo externo [...], e nos vemos em conexão com o universo que nos cerca.” (NEGRINI, 2020, p.6). Seguem dois excertos encontrados no terceiro livro, **Filhos de Duna**, que refletem a ideia de indivisibilidade do universo:

O Universo é Deus. É uma única coisa, uma totalidade em que as separações podem ser identificadas. A vida transitória, mesmo aquela auto-consciente e racional que chamamos de senciente, possui apenas um frágil domínio sobre qualquer porção do todo.
[...]

³⁸ No original: Nature has produced some five hundred different varieties of slime mold that live on rotting vegetation. The singular property of these microscopic organism is that, like the wave/particle duality of the subatomic world, they can exist in two entirely different forms. In its normal state, a slime mold colony consists of a large number of independent individuals, amoebalike cells that take nourishment from vegetation on the forest floor. These cells multiply by simple division and so spread out, eating everything in their path until the colony exhausts the food supply around it. At this critical point chemical signals move between cells, like expanding ripples, and trigger an entirely new form of behavior. Individual cells now begin to congregate together and the separate elements of the colony transform themselves into members of a single, multicellular organism.

Igreja e Estado, fé e racionalidade científica, o indivíduo e sua comunidade, mesmo o progresso e a tradição – todos podem ser reconciliados nos ensinamentos de Muad'Dib. Ele nos ensinou que não existem oposições intransigentes exceto nas crenças da humanidade. Qualquer um pode rasgar os véis do Tempo. Você pode descobrir o futuro no seu passado ou em sua própria imaginação. Ao fazê-lo, ganha de volta a consciência de seu ser interior. Você sabe então que o universo é um todo coerente do qual você é indivisível³⁹. (HERBERT, 2008, p.558, tradução nossa)

Milhares de anos depois do governo do Deus-Imperador Leto II, vemos ainda a manutenção do *caminho dourado* através da realização da inevitável impermanência inerente à vida. Frisamos aqui o sentimento oceânico conceituado por Freud que em **Duna** reflete também a transmissão das memórias ancestrais e, portanto, da conexão do indivíduo e do ego com o inconsciente coletivo – o que remete inevitavelmente ao exemplo dado por David Peat no que tange o comportamento do limo que por ora consiste de inúmeros indivíduos independentes e que por ora retornam e se transformam em um único organismo multicelular – “Algo é passado de uma mãe para um filho. Começa no ventre e provavelmente não acaba nem mesmo quando estão finalmente separados”⁴⁰ (HERBERT, 1987b, p.395, tradução nossa, trecho encontrado em **Hereges de Duna**). Joseph Cambay em **Synchronicity: nature & psyche in an interconected universe** elucida com precisão a relação parte/todo (partícula/onda) e como a noção de interconexão do universo reflete sobre o princípio de sincronicidade tal qual conceituado por Jung.

Existe apenas um fluxo comum, uma respiração comum, todas as coisas estão em simpatia. O organismo em sua totalidade e cada uma de suas partes trabalham em conjunção para o mesmo

³⁹ No original: The Universe is God's. It is one thing, a wholeness against which all separations may be identified. Transient life, even that self-aware and reasoning life which we call sentient, holds only fragile trusteeship on any portion of the wholeness. [...]

Church and State, scientific reason and faith, the individual and his community, even progress and tradition - all of these can be reconciled in the teachings of Muad'Dib. He taught us that there exist no intrasigent opposites except in the beliefs of men. Anyone can rip aside the veil of Time. You can discover the future in the past or in your own imagination. Doing this, you win back your consciousness in your inner being. You know then that the universe is a coherent whole and you are indivisible from it.

⁴⁰ No original: Something passed from such a mother to such a child. It began in the womb and probably did not end even when they were finally separated.

propósito. . . o grande princípio se estende para cada parte em sua extremidade, e de cada parte na extremidade retorna para o grande princípio, para natureza una, para o ser e o não-ser. Esse é o modelo de um universo completamente e radicalmente interconectado. Jung continua a amplificar este ponto de vista a partir de uma série de filósofos do mundo antigo até a renascença. [...] A noção de Leibniz de “harmonia pré-estabelecida”, que foi uma tréplica à separação cartesiana da mente/corpo, é particularmente interessante para Jung. Suas leituras de Leibniz focam em como as monadas são cada uma um “espelho ativo e indivisível”, “um microcosmo com conexões que expressam todas as outras”; “um espelho vivo e perpétuo do universo”.⁴¹ (2009, p.25-26)

É de nosso interesse ressaltar a metáfora do espelho usada por Leibniz, filósofo medieval alemão cujas reflexões contribuíram para que Jung conceituasse o princípio de Sincronicidade, uma vez que tal metáfora é também utilizada no sexto livro da série, **As Herdeiras de Duna**; separamos três passagens do 6º livro da série que refletem as ideias apresentadas pelo excerto supracitado de Cambray.

Primeiro excerto:

Auto-consciência: encarando espelhos que passam pelo universo, colhendo novas imagens no caminho – infinitamente reflexivo. O infinito visto como finito, a analogia da consciência carregando pedaços sensoriais do infinito (HERBERT, 1987, p.5).

Segundo excerto: “Você é um espelho no qual o universo é refletido. Essa reflexão é tudo que experimenta [...]” (HERBERT, 1987, p.50).

Terceiro excerto:

⁴¹ No original: There is one common flow, one common breathing, all things are in sympathy. The whole organism and each one of its parts are working in conjunction for the same purpose . . . the great principle extends to the extremist part, and from the extremist part it returns to the great principle, to the one nature, being and not-being. This is a model of a wholly or radically interconnected universe. Jung continues to amplify this viewpoint with a series of philosophers from the ancient world through to the Renaissance. [...] [As] Leibniz’s notion of the “pre-established harmony,” which was in part his rejoinder to Descartes’ mind/body split, is particularly of interest to Jung. Jung’s reading of Leibniz focuses on how the monads are each an “active indivisible mirror, ”a microcosm with connections “which express all the others;” “a perpetual living mirror of the universe”

“Você foi ainda mais profundamente?” Idaho encontrou-se fascinado.
 “Eu fui pego. Nomes levam a nomes levam a nomes levam ao inominável. Quando adentrei naquela sala importante, Eu era inominável. Você já arriscou isso? [Miles Teg]

[...]

“Então você entrou mais a fundo?” [...]

“Ah, sim. E me encontrei no famoso ‘Hall de Espelhos’ que eles nos descreveram e nos alertaram para escapar.

[...]

“Independente dos avisos, eu permaneci vendo meu “si-mesmo dos si-mesmos” e suas infinitas permutações. Reflexões de reflexões ad infinitum.”

“Fascinação do ‘centro egoico’. Muitos poucos escapam dessa profundidade. Você foi sortudo.”

“Não sei se podemos chamar de sorte. Sabia que deveria ter uma primeira consciência, um despertar...”

“Aquele que descobre não é o primeiro.”

[...]

“Eu estava preso e sabia. Poderia me visualizar como um vegetal mas não me importei. Os espelhos eram tudo até que, como algo que saiu flutuando de dentro da água, Eu vi minha mãe. Ela olhou para mim da maneira como tinha olhado logo antes de morrer.”

[...]

“Ela pegou minha mão,” Teg disse. “Eu pude senti-la! E ela me guiou diretamente para fora do Hall. [...]

“Não! Eu a vi da mesma maneira que as Reverendas Madres vêem suas memórias ancestrais. Foi o jeito dela dizer: ‘Por que diabos está perdendo tempo aqui quando há trabalho para ser feito?’ Ela nunca me deixou, Duncan. O passado nunca abandona nenhum de nós”⁴²

(HERBERT, 1987, p.413-416).

⁴² No original: 1) Self-awareness: facing mirrors that pass through the universe, gathering new images on the way - endlessly reflexive. The infinite seen as finite, the analogue of consciousness carrying the sensed bits of infinity.

2) "You are a mirror upon which the universe is reflected. That reflection is all you experience" (p.50)

3) "Did you go deeper?" Idaho found himself fascinated.

"I was caught. Name leads to name leads to names leads to nameless. When i walked into that important room, I was nameless. Did you ever risk that?" [Miles Teg]

A ideia de totalidade refletida em cada micro manifestação da realidade, do *microcosmo* refletindo infinitamente o *macrocosmo* é um dos motivos narrativos essenciais da obra e conjectura o *caminho dourado* para uma humanidade que, amaldiçoada pela tomada do complexo egoico que se vê separado do todo, que é capaz de “*tomar* e não de *dar*”, vê-se inevitavelmente repetindo a violência de seus ancestrais⁴³ e acumulando poder de uma maneira que leva, potencialmente, à estagnação e à extinção. Cambray aponta um paralelo interessante entre a reflexividade do conceito leibniziano de mônada — “um microcosmo com conexões que expressam todas as outras [mônadas]” — em relação ao todo através de uma metáfora usada na perspectiva do Budismo chinês e indiano:

Outra imagem arquetípica é a da “Teia de Indra” pertencente à filosofia do Budismo chinês e indiano. Essa imagem é uma das primeiras metáforas do Hua-yen, escola da guirlanda de flores:

Diz-se que nos paraísos do grande deus Indra existe uma vasta e brilhante rede, mais fina que uma teia de aranha, que se estica até os mais distantes confins do espaço. Em cada intersecção de seus fios translúcidos está amarrada uma joia refletora. Já que a rede é infinita em extensão, as joias são infinitas em número. Na superfície polida de cada joia se refletem todas as outras joias, mesmo aquelas nos cantos mais longínquos do paraíso. Em cada reflexão,

[...]

"So you went deeper?" [...]

"Oh, yes. And i found myself in the famous 'Hall of Mirrors' they described and warned us to flee."

[...]

"Despite the warnings, I lingered, seeing my 'self of selves' and infinite permutations. Reflections of reflections ad infinitum."

"Fascination of the 'ego core'. Damn few ever escape from that depth. You were lucky."

"I'm not sure it should be called luck. I knew there must be a First Awareness, an awakening..."

"Which discovers it is not the first."

[...]

I was caught and knew it. I could visualize myself as a bedridden vegetable but I didn't care. The mirrors were everything util, like something floating up out of water, I saw my mother. She looked more or less the way she had just before she died."

[...]

"She took my hand," Teg said. "I could feel it! And she led me right out of the Hall.[...]"

"No! I saw her the same way Reverend Mothers see Other Memory. It was her way of sayng: 'Why the hell are you wasting time here when there's work to do?' She has never left me, Duncan. The past never leaves any of us

⁴³ “Não há escapatória - pagamos pela violência de nossos ancestrais” (tradução nossa, HERBERT, 1964, p.237)

No original: There is no escape – we pay for the violence o four ancestors.

novamente se refletem todas as infinitas outras joias, de maneira que nesse processo, reflexões das reflexões continuam sem fim.

Como já vimos, as monadas de Leibniz também compartilham essa mesma imagem fundamental, sua tese do espelho insiste que cada monada reflete todas as outras, ou seja, o universo todo em si mesma. Uma visão holística, radicalmente interconectada de um universo reflexivo tem sido um tema recorrente na imaginação da humanidade, e a teoria de Jung do si-mesmo em conjunto com o inconsciente coletivo oferecem uma leitura psicológica desse padrão arquetípico.⁴⁴ (CAMBRAY, 2009, p.44)

Relembremo-nos também do conceito de *psicóide* formulado por Jung que nos remete à noção de que o arquétipo se situa no limiar da percepção da psique e que suscita um paralelismo com o conceito de *Tao* apresentado anteriormente e também com simbologias do Budismo e do Hinduísmo que tiveram claro impacto na construção de **Duna**. *Psicóide* significa quase-psíquico e Jung se apropria da noção de frequências do espectro da luz, como o ultravioleta, que não podem ser apreendidos pela limitada percepção humana, para explicá-lo (cf. JUNG, 1960). Ou seja, os conteúdos e representações arquetípicas que se revelam na luz cognoscível da psique são nada mais que uma limitação do continuum infinito, daquilo que é o *nada*, o *vazio*, o *inominável* e que contém, em si, todas as possibilidades não manifestas. O arquétipo em si, seria “transcendente e irrepresentável”. Ainda que o *espelho* da consciência reflita o todo, as imagens refletidas não são o todo, mas uma captura momentânea e uma experiência minimamente sensorial que por si, no ato de se experimentar, limitam o *infinito* em *finito*.

⁴⁴ No original: Another archetypal field image is “Indra’s net” from Indian and Chinese Buddhist philosophy. This image is one of the primary metaphors of the Hua-yen, or flower garland school: In the heaven of the great god Indra is said to be a vast and shimmering net, finer than a spider’s web, stretching to the outermost reaches of space. Strung at each intersection of its diaphanous threads is a reflecting jewel. Since the net is infinite in extent, the jewels are infinite in number. In the glistening surface of each jewel is reflected all the other jewels, even those in the furthest corner of the heavens. In each reflection, again are reflected all the infinitely many other jewels, so that by this process, reflections of reflections continue without end.

As already seen, Leibniz’s monads also share this same fundamental image, his mirror thesis insists that each monad reflects all others, that is, the whole universe in itself. A holistic, radically interconnected, reflective universe has been a recurrent imagining of humanity, and Jung’s theory of the Self together with the collective unconscious offer a psychological reading of this archetypal pattern.

As representações arquetípicas (imagens e ideias) mediadas para nós através do inconsciente não devem ser confundidas com o arquétipo como tal. Elas são estruturas muito variadas que, no todo, apontam novamente para uma forma básica essencialmente irrepresentável”. [...] O arquétipo como tal é um fator psicóide que pertence ao espectro invisível, ultra-violeta da psique. Parece-me provável que a natureza real do arquétipo não seja capaz de se fazer consciente, por isso é transcendente, e devido a isso que a chamo de psicóide [quase-psíquico]⁴⁵. (JUNG, 2001, p.123)

Nos capítulos futuros pretendemos analisar o fenômeno da consciência e a relação corpo-mente a partir de diversas linhas filosóficas e/ou científicas e suas conexões com a obra de Frank Herbert – sabemos que os estados alterados por psicodélicos, a conexão com o inconsciente coletivo e também as ressonâncias de religiosidades orientais em **Duna** refletem uma conceituação de consciência que não se encaixa nos moldes dualistas e cartesianos e nem tão pouco nos moldes de um materialismo reducionista que funciona sobre pretextos puramente causais. Cambray nos antecipa em sua discussão da Sincronicidade como princípio que reforça a ideia de interconexão do universo e de um “fluxo do todo” que os conceitos jungianos prevêm que o universo está “permeado de psique” e que a mesma “nesse modelo serve como um princípio ordenador, organizador”. Como já apontamos, a “capacidade de organização [...] como fonte de significados sincronísticos é crucial”, e o fenômeno da consciência (enquanto capacidade de percepção, criação e atribuição de significado, de observação de estados qualitativos e quantitativos e não somente ao que a psicanálise denominou como substrato consciente da mente) reflete *ad infinitum*, tal qual uma joia no paraíso de Indra, os movimentos e confluências das possibilidades e probabilidades contidas no *Infinito* – e ao fazê-lo acaba por limitar o todo, o que podemos exemplificar através da metáfora da dualidade partícula/onda contida no princípio de incerteza de Heisenberg que é fundamental para a análise de **Duna**, acaba, portanto, colapsando a função

⁴⁵ No original: The archetypal representations (images and ideas) mediated to us by the unconscious should not be confused with the archetype as such. They are very varied structures which all point back to one essentially “irrepresentable” basic form. [...] The archetype as such is a psychoid factor that belongs, as it were, to the invisible, ultra-violet end of the psychic spectrum ... It seems to me probable that the real nature of the archetype is not capable of being made conscious, that it is transcendent, on which account I call it psychoid [quasi-psychic].

enquanto *onda* do universo e *manifestando* uma das infinitas probabilidades em uma *forma* pertencente a um espectro cognoscível e apreensível pela consciência. A observação do *infinito* o limita através de sua ordenação, o transforma em *finito* tal como as imagens provindas das representações arquetípicas funcionam somente como mediações finitas das qualidades de “irrepresentável”, “inominável” e “incognoscível” inerentes ao arquétipo (e também inerentes ao *Infinito*, ao *Tao* e à noção de *Śūnyatā*).

É como se no nível mais profundo ele estivesse procurando um lugar para a psique nas origens do universo através do arquétipo psicóide. Esse não é um argumento similar ao do design inteligente, mas uma indicação que o universo seja permeado com psique tanto quanto espaço, tempo e matéria; que as sincronicidades provêm traços de um estado original de indiferenciação. Nesta cosmogonia sugiro que Jung está nos levando a ver a psique como outro potencial inerente à singularidade. Conforme o universo expande de sua primordial singularidade e esfria, conforme a matéria é separada da energia ainda que possa interagir com ela (tal como a radiação) e conforme o espaço-tempo emerge, padrões começam a tomar forma e se tornam substanciais, primeiro na forma de partículas, que então se tornam matéria e, eventualmente, com maior resfriamento e expansão em nuvens que se tornam fundações estelares a galácticas de onde eventualmente os padrões que levam a vida emergem, e assim por diante até a consciência, ou seja, padrões com potencial de formar a psique e carregar significado. [...] Isso pressupõe não só um significado latente que permeia o todo e que pode ser reconhecido pela consciência, mas durante um tempo pré-consciente, um processo psicóide que coincide significativamente com as manifestações físicas. [...] Nesse sentido, a visão de Jung é parecida com o trabalho de David Bohm sobre a ordem implícita. [...] A psique nesse modelo serve como um princípio ordenador, organizador. [...] No final da monografia ele revê a simultaneidade através de uma metáfora teológica: “o que acontece sucessivamente no tempo é

simultâneo na mente de Deus”⁴⁶ (CAMBRAY, 2009, p.21, tradução nossa).

A presciência na série através de suas manifestações divinatórias permite o acesso de cada “espelho” permeado de consciência que adentre no reino do “tempo atemporal” e, portanto, experimente as confluências de possibilidades em que o fluxo do todo infinito se desdobra, assim revelando *simultaneamente* aquilo que aparenta ser sucessivo no tempo através de nossa percepção limitada pelos confinamentos lineares: a visão profética dos Atreides (que possuem o dom presciente em níveis elevados) distorce o tempo linear permitindo que a atemporalidade infinita do *Tao* se reflita e se manifeste em suas consciências através de vislumbres transcendentais.

Ele sentiu o passado ser carregado em suas células, em suas memórias, nos arquétipos que assombravam suas suposições, nos mitos que o margeavam, em suas linguagens e seus detritos pré-históricos. Eram todas as formas de seu passado humano e não-humano, todas as vidas que ele agora comandava, todas integradas em si finalmente. E ele sentiu a si mesmo como algo preso no fluxo e refluxo de nucleotídeos. Contra o pano de fundo do infinito ele era uma criatura protozoária na qual o nascimento e a morte eram virtualmente simultâneos, mas ele era ao mesmo tempo infinito e um protozoário, uma criatura de memórias moleculares. *Nós humanos*

⁴⁶ No original: It is as if at the deepest level he is finding a place for the psyche at the origins of the universe through the psychoid archetype. This is not an intelligent design argument but an indication that the universe is as permeated with psyche as it is with space, time, and matter; that synchronicities provide traces of an original undifferentiated state. In such a cosmogony I suggest Jung is leading us to see psyche as another of the potentials inherent in the singularity. As the universe expands from the primordial singularity and cools, matter is separate from energy yet can interact with it (for example, as radiation) and space-time emerges; patterns begin to take shape and become substantial, first in the form of particles, which make up matter, then with greater cooling and expansion into clouds, which become stellar and galactic nurseries from which eventually the patterns that lead to life emerge and so on to consciousness, that is, patterns with the potential to form psyche and hold meaning. [...]This presupposes not only an all-pervading, latent meaning which can be recognized by consciousness, but during that preconscious time, a psychoid process with which a physical event meaningfully coincides. [...]In this sense Jung’s view is close to the work of David Bohm on the implicate order. [...] Psyche in this model serves as an ordering, organizing principle. [...] By the end of the monograph he also re-envisioned simultaneity through a theological metaphor: “what happens successively in time is simultaneous in the mind of God”

somos uma forma de organismo colonial, ele pensou⁴⁷ (HERBERT, 2008a, p.405, tradução nossa).

Vemos no trecho acima, que se encontra no terceiro livro da série **Os Filhos de Duna**, a ideia de correspondência entre o infinito inominável e às limitações daquele “protozoário” que reflete o infinito – o *microcosmo* que está intimamente conectado ao *macrocosmo* – o que definitivamente aponta para uma noção de um universo *orgânico* e não puramente mecânico.

Marie-Louise Von Franz em **On Divination and Synchronicity** aprofunda a discussão sobre a relação entre o princípio acausal da Sincronicidade e o processo divinatório existente desde os primórdios da humanidade. Como pontuado pela pesquisadora, existem sempre padrões aleatórios e caóticos (e que remetem, por conseguinte, à ideia de *probabilidade*) nos quais a psique projeta seus conteúdos inconscientes; um bom adivinhador é aquele que vive na linha tênue entre consciente e inconsciente. “É por isso que o médium precisa de um *abaissement du niveau mental* e precisa entrar em um *trance*, um estado próximo ao do sono, para trazer à consciência seu conhecimento⁴⁸” (FRANZ, 1980, p. 40, tradução nossa). Esse motivo narrativo já nos é apresentado desde as primeiras páginas do primeiro romance, **Duna**, quando Paul Atreides tem sonhos que frequentemente se manifestam na realidade e que sua capacidade presciente se torna cada vez mais poderosa conforme seu consumo de especiaria e os transes provocados por ela se intensificam.

- [...] Diga-me sinceramente, Paul, você costuma sonhar com coisas que depois acontecem exatamente como você sonhou?
- Sim. E já sonhei com essa moça antes.
- É? Você a conhece?
- Eu ainda irei conhecê-la (HERBERT, 1984, p. 30).

⁴⁷ No original: He felt the past carried in his cells, in his memories, in the archetypes which haunted his assumptions, in the myths which hemmed him, in his languages and their prehistoric detritus. It was all of the shapes out of his human and nonhuman past, all of the lives which he now commanded, all integrated in him at last. And he felt himself as a thing caught up in the ebb and flow of nucleotides. Against the backdrop of infinity he was a protozoan creature in which birth and death were virtually simultaneous, but he was both infinite and protozoan, a creature of molecular memories. *We humans are a form of colony organism*, he thought

⁴⁸ No original: That is why the medium needs an *abaissement du niveau mental* and has to go into a trance, a sleep-like state, to pull up his or her knowledge

Paul Muad'Dib, anos após a passagem supracitada em um momento de decaimento de seu império, conforme o segundo romance **O Messias de Duna** nos apresenta, é confrontado para procurar deliberadamente por respostas através de suas visões divinatórias:

[...] seria o mesmo que dizer que é o paraíso falando conosco, que ser capaz de ler o futuro é um ato harmonioso do ser humano. Em outras palavras, predição é uma consequência natural na onda do presente.[...] Mas tais poderes não podem ser usados a partir de uma atitude que se presta a direções e propósitos. Uma *lasca* em meio às *ondas* diz onde está indo? Não há causa e efeito no oráculo. Causas são as ocasiões de convecções e confluências, você preenche seu ser com conceitos repugnantes ao intelecto. Sua consciência intelectual, então, os rejeita. Ao rejeitá-los, intelecto se torna parte do processo e é subjugado⁴⁹ (HERBERT, 2008b, p.74, tradução nossa).

Interessa à nossa argumentação denotar a presença de certas ideias que flertam com o princípio de Heisenberg tanto na imagem metafórica da *onda* e da *lasca* (que remete inevitavelmente às qualidades da *partícula*) e da confluência das forças do presente que permitem à consciência que interprete por meios intuitivos essas convecções dos movimentos mais amplos do todo e vislumbre as potencialidades do futuro ainda que o próprio ato seja repugnante à fração da mente que chamamos de intelecto, uma vez que esta parte do espectro da consciência funciona a partir de uma visão linear e mecanicista, apreendendo os eventos que formam a realidade por meio da sucessividade do tempo cíclico. Vemos claramente em **Duna** que a divinação dos Atreides tem relação direta com os níveis de consciência alterados provocados por transe/sonhos nos quais certos padrões de aleatoriedade (e, portanto, *probabilidade*) são representações simbólicas

⁴⁹ No original: [...]it'd be just to say it's heaven speaking to us, that being able to read the future is a harmonious act of man's being. In other words, prediction is a natural consequence in the wave of the present.[...] But such powers cannot be used from an attitude that prestates aims and purposes. Does a chip caught in the wave say where it's going? There's no cause and effect in the oracle. Causes become occasions of convections and confluences, you fill your being with concepts repugnant to the intellect. Your intellectual consciousness, therefore, rejects them. In rejecting, intellect becomes a part of the processes, and is subjugated

(características da Sincronicidade) que jazem subjacentes no “fluxo do todo” e que potencialmente se desdobram no futuro.

Quase todas as técnicas divinatórias não-numéricas são baseadas em algum padrão caótico, que é exatamente como o teste de Rorschach. A pessoa vislumbra o padrão caótico e então capta uma fantasia, e a completa desordem no padrão confunde a mente consciente dela⁵⁰ (FRANZ, 1980, p. 39, tradução nossa).

A lógica de linearidade do tempo cíclico em contraposição à simultaneidade do tempo atemporal do *Tao* é replicada em outros diversos excertos da série o que questiona os estreitamentos necessários para o estabelecimento do paradigma causal como único princípio explicativo e nos direciona para uma interconectividade sincronística. Segue um excerto de **Hereges de Duna** que faz essa alusão e que também se assemelha ao experimento da dupla fenda da física quântica que demonstra a característica duplícita da energia e da matéria enquanto *partícula/onda* e a condição essencialmente *probabilística* do universo quântico – o confinamento da visão, de um suposto observador participatório, por meio de uma “fenda” colapsa a função em forma de *onda* e força a realidade a se comportar dentro dos limites finitos da linearidade e da causalidade, negando o fenômeno em sua totalidade e forçando seu desdobramento em forma de *partícula*.

Havia um homem que sentava todo dia olhando através de uma abertura vertical estreita, onde uma única tábuca havia sido removida de uma cerca de madeira. Cada dia um burro passava por fora da cerca, observável através da abertura estreita – primeiro o nariz, depois a cabeça, as pernas da frente, as longas costas marrons, as pernas de trás e por último o rabo. Um dia, o homem pulou e tomado por súbita iluminação gritou para todos que podiam ouvi-lo: “É óbvio! O nariz causa o rabo!”⁵¹ (HERBERT, 1987b, p.510, tradução nossa)

⁵⁰ No original: Almost all non-number divination techniques are based on some kind of chaotic pattern, which actually is exactly like the Rorschach test. One stares at a chaotic pattern and then gets a fantasy, and the complete disorder in the pattern confuses one's conscious mind.

⁵¹ There was a man who sat each day looking out through a narrow vertical opening where a single board had been removed from a tall wooden fence. Each day a wild ass of the desert passed outside the fence and across the narrow opening - first the nose, then the head, the forelegs, the long brown

David Peat nos explica a interferência do observador macroscópico nos experimentos quânticos, o que reafirma que não existe, fundamentalmente, separação completa e constituída de uma suposta neutralidade plena, tal como as pressuposições mecanicistas de uma epistemologia científica e iluminista pretendem instaurar: o observador não está separado do experimento, mas é um participante do mesmo.

Qualquer tentativa de medir ou determinar as propriedades do estado quântico enfrenta as limitações fundamentais de Heisenberg, ou seja, que o observador está irredutivelmente conectado ao sistema quântico e que qualquer ato de observação perturba o sistema de maneira finita. Para medir um estado quântico e determinar suas propriedades, portanto, requer-se a presença de um observador macroscópico que perturba esse estado. Então, enquanto o nível macroscópico pode ser analisado através do nível quântico, o último, por sua vez, é condicionado pelo primeiro. A noção de realidade se torna como uma cena vista por dois espelhos paralelos em que cada imagem se desdobra na próxima e quase parece se tornar auto-sustentável sem qualquer limite último⁵² (PEAT, 19xx, p.64, tradução nossa).

Duncan Idaho, o único personagem a trespassar por toda a narrativa por meio de suas incontáveis encarnações *gholas*⁵³, no quinto livro **Os Hereges de Duna**, integra todas as memórias de suas vidas passadas, num processo similar à acepção das memórias ancestrais obtidas pela agonia da água da vida. Este processo de integração e iluminação também pode ser compreendido através da metáfora da dualidade *partícula/onda*, sendo que cada vida singular e, portanto, separada do

back, the hindlegs, and lastly the tail. One day, the man leaped to his feet with the light of discovery in his eyes and he shouted for all who could hear him: "It is obvious! The nose causes the tail!"

⁵² No original: Any attempt to measure or determine the properties of a quantum state meets with Heisenberg's fundamental limitation, that the observer is irreducibly linked to the quantum system and that any act of observation disturbs this system in a finite way. To measure a quantum state and determine its properties therefore requires the presence of a macroscopic observer who will disturb the state. So while the macrolevel can be analyzed in terms of the quantum level, this quantum level, in turn, is conditioned by the macrolevel. The notion of reality becomes like a scene viewed in two parallel mirrors in which each image enfolds the next and almost appears to become self-sustaining with no final limit

⁵³ Gholas são um resultado da manipulação genética dos Bene Tleilaxu em que as células já mortas de criaturas são manipuladas e recriadas, em um processo similar ao da clonagem (ainda que Herbert deixe claro durante os livros que Gholas não são simplesmente clones).

espectro em sua totalidade representaria seu estado desdobrado e colapsado em forma de *partícula* que, em contraposição ao continuum inseparável de sua existência através dos eons do universo, o representaria em sua totalidade enquanto *onda*. Em uma conversa com Murbella, no sexto livro da série, Duncan faz alusão à simultaneidade do *Tao*: "Você naturalmente disse a si mesmo para não minimizar o *Tao*." [...] "Eu perguntei questões diferentes. Coisas que acontecem ao mesmo tempo possuem conexões subjacentes. O que é causa e efeito quando confrontadas com a simultaneidade?"⁵⁴ (HERBERT, 1987, p.313, tradução nossa). A Reverenda Madre Superior Taraza, uma das personagens principais do quinto livro é responsável por guiar as Bene Gesserits ao lado de Darwi Odrade (descendente dos Atreides e também dotada da faculdade presciente) em direção a um renascimento e ressignificação de dogmas que ameaçam a existência da ordem matriarcal milenar. Exploraremos nos capítulos futuros uma análise mais aprofundada das Bene Gesserits, mas cabe aqui exemplificarmos nas palavras de Taraza (também visto no sexto livro da série, **Hereges de Duna**) a interrelação matéria-consciência e os desdobramentos físicos vislumbrados pelos poderes da presciência:

Não estamos observando um novo estado da matéria, mas sim uma relação recentemente reconhecida entre a consciência e a matéria, o que nos provê um insight perspicaz do funcionamento da presciência. O oráculo modela e projeta um universo interno com a finalidade de produzir novas probabilidades externas a partir de forças que não entendemos⁵⁵. (HERBERT, 1987b, p.658, tradução nossa)

Nos eventos finais de **Os Hereges de Duna** temos a destruição do planeta Rakis⁵⁶ pelas forças que retornaram da Dispersão⁵⁷ e Odrade absorve e integra as memórias ancestrais contidas em Taraza logo antes de seu falecimento, tornando-se a nova líder das Bene Gesserits. Devido à sua ascendência Atreides e contendo,

⁵⁴ No original: "You naturally told yourself not to minimize the Tao." [...] "I asked different questions. Things that happen together can have underground links. What is cause and effect when confronted with simultaneity?"

⁵⁵ No original: We are not looking at a new state of matter but at a newly recognized relationship between consciousness and matter, which provides a more penetrating insight into the workings of prescience. The oracle shapes a projected inner universe to produce new external probabilities out of forces that are not understood.

⁵⁶ Nome atribuído ao planeta Duna após a queda do império de Leto Atreides II.

⁵⁷ Movimento dos seres humanos descendentes de Siona Atreides e de Duncan Idaho em busca de novos planetas e de expansão aos confins do universo ainda não conhecidos.

portanto, as memórias de Lady Jessica (mãe de Paul Muad'Dib e avó de Leto Atreides II), Darwi Odrade carrega em si um parcela da desobediência que levou Jessica a contrariar as ordens de suas superiores e dar luz ao filho do duque Atreides, fato este que ocorreu cerca de cinco mil anos antes dos eventos narrados no quinto livro. O dom presciente de Odrade é explorado com cautela, devido aos acontecimentos prévios que culminaram no Império totalitário de Leto Atreides II, os quais analisaremos também futuramente em conjunto à visão profetizada pelo Deus-Imperador na forma do *caminho dourado* e da capacidade engendrada pelo mesmo de uma humanidade que vive *aqui/agora* (o que ecoa também preceitos do Zen Budismo e do Taoísmo); Odrade é responsável por escrever o *Manifesto Atreides*, documento que traduz o funcionamento da presciência e no qual percebemos a clara alusão metafórica à dualidade *partícula/onda*, aos elementos *probabilísticos* e *potenciais* presentes no *Vazio* (como nos mostra os conceitos de *Śūnyatā* e do *Tao*), aos processos caóticos transmutados em ordem através da consciência participatória num ato de criação que molda a *realidade*.

Este é o universo mágico que inspira deslumbramento: não existem átomos, apenas ondas e movimentos ao nosso entorno. Aqui, você descarta toda a crença em barreiras à compreensão. Você deixa de lado a própria compreensão. Este universo não pode ser visto, não pode ser ouvido, não pode ser apreendido de maneira alguma pelos sentidos fixos. É o grande vazio, onde não existem telas pré-ordenadas nas quais as formas possam ser projetadas. Você tem apenas uma consciência aqui - a tela dos magos: Imaginação! Aqui, você aprende o que é ser humano. Você é um criador de ordem, de formas belas e sistemas, um organizador do caos.

- O Manifesto Atreides, Arquivos das Bene Gesserit⁵⁸ (HERBERT, 1987b, p. 393, tradução nossa).

⁵⁸ No original: This is the awe-inspiring universe of magic: There are no atoms, only waves and motions all around. Here, you discard all belief in barriers to understanding. You put aside understanding itself. This universe cannot be seen, cannot be heard, cannot be detected in any way by fixed perceptions. It is the ultimate void where no preordained screens occur upon which forms may be projected. You have only one awareness here—the screen of the magi: Imagination! Here, you learn what it is to be human. You are a creator of order, of beautiful shapes and systems, an organizer of chaos.

No trecho “não existem átomos, apenas ondas e movimentos” notamos a metaforização do comportamento duplo da realidade – no âmago mais profundo, no derradeiro “vazio”, a realidade é puramente feita de movimentos interconectados em que a manifestação em forma de *partículas* (átomos) é apenas uma dentro das ilimitadas possibilidades que a função de *onda* apresenta. A faculdade presciente permite acesso a esse “grande vazio” de potencial e através do ato criador de uma consciência observatória colapsa a função de *onda* e ordena o estado caótico dotado de indiferenciação. Como a própria Odrade diz a respeito da faculdade criativa na presciência em **Os Hereges de Duna** “Assim como o universo é criado com a participação da consciência, o ser humano presciente carrega essa faculdade criativa até seu extremo último⁵⁹” (HERBERT, 1987b, p.172). Criar, portanto, é atribuir *significado* (de maneira sincronística, ou seja, esse significado não pode ser resultado simplório de arbitrariedade, mas uma compreensão e intuição a partir da confluência do movimento e fluxo do todo) e então diferenciar o caos, assim o organizando e permitindo sua manifestação particular. Essa mesma metáfora parece aludir ao princípio gnóstico de *Pleroma* com o qual podemos estabelecer relações com o conceito do *Tao*. “Começo com a vacuidade. Vacuidade é a mesma coisa que plenitude. O infinito pleno é nada mais que vazio. Vacuidade é simultaneamente vazia e plena. [...] Como a creatura [*sic*] se origina?... O pleroma engloba tudo, distinção e não-distinção. Distinção é creatura⁶⁰.” (JUNG, 1916, online)

*Todas criaturas sob o céu nascem do ser;
O Ser nasce do não-ser.
Ser e Não-ser criam a si mesmos. [...]*

*O Tao é chamado de a Grande Mãe:
Vazia ainda que inexaurível,
Parindo infinitos mundos*

*Cada ser separado no universo retorna à fonte comum.
[...]*

⁵⁹ No original: Just as the universe is created by the participation of consciousness, the prescient human carries that creative faculty to its ultimate extreme.

⁶⁰ No original: I begin with nothingness. Nothingness is the same as fullness. In infinity full is no better than empty. Nothingness is both empty and full. [...]How did creatura originate?... The pleroma hat all, distinctiveness and non-distinctiveness. Distinctiveness is creatura.

Somente quando a criação começa que os nomes existem. [...]

Naturalmente o Tao [...] engloba ambos Pleroma e a Criatura, o que permite a Chuan Tzu resumir sua essência:

O pivô do Tao passa através do centro aonde todas as afirmações e negações convergem. [Aquele] que agarra o pivô está no estado de repouso de onde todos os movimentos e oposições possam, então, serem vistos em suas devidas relações. Portanto [o indivíduo] vê as possibilidades ilimitadas de ambos "Sim" e "Não". Abandonando todos os pensamentos que impõem limites ou tomam posições. [o Eu verdadeiro] reside na intuição⁶¹. (ROSEN, 1987, p.76-79, tradução nossa)

A noção de interconectividade entre a consciência ordenadora que inter-relaciona, apreende e traduz os movimentos e os ecos das potencialidades do todo são, de maneira clara, argumentadas por Cambrey ao demonstrar a relação do conceito de *psicóide* com o Gnosticismo e a alquimia:

Nesse momento ele entende "quase-psíquico" como a interface aonde o psicológico e a matéria são indiferenciáveis. [...] isto opera anteriormente a qualquer divisão Cartesiana entre mente e corpo, algo mais próximo do aspecto *unus mundus* da alquimia. [...]

⁶¹ No original: *All creatures under heaven are born from being; Being is born from non-being. Being and non-being create each other. [...]*

*The Tao is called the Great Mother:
empty yet inexhaustible,
it gives birth to infinite worlds*

Each separate being in the universe returns to the common source. [...]

When creation begins, only then are there names. [...]

Naturally, the Tao [...] encompasses both Pleroma and Criatura, which allows Chuang Tzu to sum up the essence:

The pivot of the Tao passes through the center where all affirmations and denials converge. [The person] who grasps the pivot is at the still-point from which all movements and oppositions can be seen in their right relationship. Hence [the individual] sees the limitless possibilities of both "Yes" and "No". Abandoning all thought of imposing a limit or taking sides. [The true self] rests in direct intuition.

algumas cosmologias [...], como a alquímica, são análogas à física subatômica com um estado original anterior a qualquer diferenciação das substâncias. Estas cosmogonias apresentam um mundo de relações ao invés de objetos, ou seja, atentando-se para a inteconectividade de todas as coisas aonde processos interativos parecem mais fundamentais do que partículas identificáveis ⁶² (CAMBRAY, 2009, p.15, tradução nossa).

Cambray também demonstra que o princípio de sincronicidade está intimamente conectado ao conceito de criação e à relação psique-matéria, “Em jogo está a interface entre a física moderna e a psique, [...] uma expectativa por insights em forma de criação. A sincronicidade como um ‘ato de criação no tempo’ é outra das definições de Jung do termo⁶³” (CAMBRAY, 2009, p.18, tradução nossa). A criação, como vemos nas palavras de Lao-Tsé, surge do “não-ser”, é parida pela *Grande Mãe* que é o próprio *Tao*; o nome das coisas, portanto, a capacidade da consciência de distinção e de organização da realidade surge simultaneamente ao ato de criação. O ato divinatório que em **Duna** procede através da faculdade presciente representa o reflexo das potencialidades contidas no tempo atemporal do *Tao*, as possibilidades ilimitadas contidas na criação infinita da *Grande Mãe*.

Divinação é, portanto, o microcosmo que reflete a totalidade da natureza e da sociedade e inclui, dentro de si, o observador. A visão contemporânea dessa explicação antiga é que em cada processo da natureza o todo está abrangido. Desta maneira todo o universo pode ser envolvido durante um momento no tempo e durante o ato de divinação. Dentro do **I Ching**, mente e matéria não são mais percebidas como dualidade, mas em sua essência unitária e o potencial do momento é explicitamente desdobrado dentro do padrão do hexagrama. De certa maneira, então, o **I Ching**, através do ato de

⁶² No original: There he intends it as “quasi-psychic” at the interface where the psychological and material are undifferentiated [...].it operates prior to any Cartesian-like separation of mind and body, rather like an aspect of the unus mundus of alchemy. [...] [...] some cosmologies [...], such as the alchemical one, parallel that of subatomic physics with an original state prior to any differentiation of substances. They present a world of relations rather than objects, that is, attending to the interconnectedness of all things, where interactive processes appear more fundamental than discrete particles

⁶³ No original: At play in this interface between modern physics and the psyche, [...] is a longing for insight into creation. Synchronicity as an “act of creation in time” is another of his [Jung] ways of aphoristically defining the term.

divinação e interpretação, provê alguns insights profundos da natureza da informação que age sobre a mente e a matéria, assim lhes modelando. A divinação, portanto, é também um reflexo da ordem atemporal e eterna dentro da qual todas as possibilidades residem⁶⁴ (PEAT, 1988, p.182, tradução nossa).

Como o *Tao* permeia a tudo e todos, podemos dizer que cada um de nós contém em seu microcosmo consciente os reflexos da totalidade universal em todas suas ilimitadas possibilidades, reflexos do macrocosmo; devido à natureza “não-obstrutiva” do *grande vazio* somos canais criativos que permitem a constante recriação de um universo infinito. Em **Duna**, como já demonstramos, o Manifesto Atreides revela a natureza criativa inerente à presciência e, portanto, a capacidade de *estruturação* de conteúdos cuja existência jaz apenas enquanto potencial criativo no inconsciente coletivo, no *Tao*. Este ato criativo, entretanto, não é apenas arbitrário e fonte de um sobredomínio e de uma sobrevalorização egoica, que projeta na *imagem* de si mesmo o arquétipo de Deus, em uma fugaz e fútil tentativa de controle sobre a criação, sobre a natureza e seus processos cíclicos – este ato criativo surge da interconectividade e dissolução entre “*observador e observado*”, entre “aquele que distingue e a própria distinção⁶⁵” (PEAT, 1988, p. 207, tradução nossa).

Dentro desse terreno comum todas as atividades e estruturas da mente se tornam unas de forma que a criatividade, então, possa agir. De Cusa também indica como o ato criativo dissolve as formas e estruturas fazendo com que elas voltem do tempo [cíclico] em direção à eternidade, apenas para se desdobrarem novamente em novas formas. O ato da percepção criativa acontece dentro de um momento atemporal no qual todas as distinções desaparecem e a

⁶⁴ No original: Divination is therefore the microcosm that reflects the whole of nature and society and includes, within it, the observer. The contemporary version of this ancient explanation is that within each process of nature is enfolded the whole. In this way the whole universe may be enfolded within a moment of time and within the act of divination. Within the I Ching, mind and matter are no longer perceived as a duality but in their essential unity, and the potential of the moment is explicitly unfolded within the pattern of the hexagram. In a sense therefore the I Ching, through the act of divination and interpretation, gives some insight into the nature of the information that acts upon mind and matter to give it form. The divination is therefore also a reflection of the eternal or timeless order in which all potentialities abide.

⁶⁵ No original: [...] observer and the observed, [...] the distinguisher and the distinction.

partir de um único momento no tempo o universo é renascido. Mas esse não é simplesmente um único momento histórico, um único ato criativo que da forma à consciência e ao mundo, mas sim uma criação contínua e eterna na qual o mundo renasce de momento a momento. Ou seja, o momento uno é eternamente presente e constantemente se manifesta na renovação criativa do universo⁶⁶ (PEAT, 1988, p.207, tradução nossa).

⁶⁶ No original: Within this ground all activities and structures of the mind become as one, so that creativity alone can act. De Cusa also indicates how the creative act will dissolve forms and structures back again so that they retreat from time into eternity, only to unfold again into new forms. The act of creative perception takes place within the timeless moment in which all distinctions vanish, so that out of a moment in time, the universe is born afresh. But this is not simply a single, historical moment, an unique act of creation that gives rise to consciousness and to the world, but rather it is the eternal and continuous creation in which the world is reborn from moment to moment. Or in another sense, the one unique moment is forever present and constantly manifest in the creative renewal of the universe.

2. CONSCIÊNCIA EM DUNA

Como já fora previamente exposto, o fenômeno da consciência que observa e recria o universo a partir de suas potencialidades não manifestas é de extrema relevância para a compreensão dos conceitos de divinação e do princípio de Sincronicidade concretizados por meio da faculdade presciente que é essencial enquanto tema narrativo da série **Duna**. Entender, então, quais as conjecturas filosóficas e teológicas que conceitualizam a ideia de *consciência* é de vital importância para uma análise mais aprofundada da série, além de também nos revelar os ecos metafísicos que constituem o pano de fundo teórico da obra de Frank Herbert. Apresentamos, no capítulo prévio, ressonâncias de religiosidades orientais que perpassam pelo Budismo, Hinduísmo, Taoísmo e Sufismo e que dialogam com uma visão de consciência divergente das predominantes no pensamento ocidental: majoritariamente, a nossa metafísica conceitualiza a consciência ora através do *dualismo cartesiano*, ora através do *materialismo reducionista* (temos diversos filósofos que seguem a linha idealista, mas não é predominante em nossa sociedade capitalista contemporânea). Em termos simplórios, o *dualismo cartesiano* se dá através da máxima “*cogito ergo sum*” – “penso, logo existo” – e da ideia de separação entre corpo e mente. Para o filósofo francês somos constituídos de duas substâncias diferentes, uma de ordem material (corpo) e outra de ordem mental; em objetos físicos (dotados somente da substância material e não de consciência), a mecanicidade da realidade seguiria de acordo com suas próprias normas. Resumidamente, diversos questionamentos e problemáticas surgem a partir das afirmações cartesianas – como, por exemplo, a remoção da “alma” e, portanto, da consciência de criaturas vivas não humanas ou a maneira como estas duas substâncias de ordens diferentes são capazes de interagir no corpo humano – temos aqui já um princípio que separa a humanidade da natureza de maneira auto-centrada em uma alegada superioridade detida pela “alma” e pela “mente” humana.

Com o crescimento da ciência puramente determinista e materialista temos o eventual fortalecimento epistemológico, filosófico e metafísico do *materialismo reducionista* ou *fisicalismo*, que se contrapõe à ideia dual proposta por Descartes. Entretanto, para o *materialismo reducionista* (que se correlaciona diretamente ao

que chamamos de *mecanicismo* no capítulo anterior), a consciência/mente é apenas uma consequência epifenomenal das reações eletro-químicas no cérebro – de fato não passaríamos de máquinas (ou zumbis nos termos usados por Chalmers em seu experimento mental *p-zombie*⁶⁷) com completa incapacidade de uma experiência factualmente subjetiva da realidade, incapazes de ressignificação e criação de *significado*, afinal de contas, todo o nosso comportamento poderia ser completamente determinado e previsto através da *redução* última da consciência ao funcionamento do cérebro, uma espécie de ilusão que surgiria como consequência do funcionamento cerebral. David Chalmers argumenta constantemente e de forma perspicaz que o funcionamento de certas áreas do cérebro em relação à experiência subjetiva da consciência demonstra apenas elementos que se correlacionam – quais áreas do cérebro se correlacionam com a *qualia*⁶⁸ e, portanto, com as experiências subjetivas daquela consciência. Para Chalmers é impossível estabelecer uma relação de causalidade entre a experiência subjetiva da consciência e o funcionamento do cérebro, apenas uma correlação simbólica – e ainda que ele não tenha utilizado o termo ou dialogado com os conceitos junguianos, podemos facilmente estabelecer uma relação sincronística entre cérebro e qualia, as manifestações cerebrais e de ordem material funcionam como representações simbólicas de um conteúdo da psique. Relembremos que Jung, em seu tratado sobre a Sincronicidade, já havia proposto uma possível relação sincronística entre corpo e consciência.

Caso assim seja, então, devemos nos perguntar se a relação entre a alma e o corpo pode ser vista deste ângulo, ou seja, se a coordenação entre processos físicos e psíquicos em um organismo vivo pode ser compreendida como um fenômeno sincronístico ao invés de uma relação causal. [...] A suposição de uma relação causal entre a psique e o corpo leva, por outro lado, a conclusões que são difíceis de enquadrarmos em nossa experiência: ou existem processos físicos que causam os acontecimentos psíquicos, ou uma psique pré-existente é quem organiza a matéria. No primeiro caso é

⁶⁷ Do inglês *philosophical zombie* é um experimento mental que demonstra que apenas uma substância material é incapaz de explicar a consciência. Os zumbis seriam criaturas que não possuem consciência, qualia ou senciência.

⁶⁸ Qualia é a experiência subjetiva que toda consciência absorve ao vivenciar o mundo: a sensação do azul do céu, o gosto específico de uma banana, etc...

difícil conceber como processos químicos são capazes de produzir processos psíquicos, enquanto no segundo se imagina como uma psique imaterial poderia mover a matéria. [...] O princípio de Sincronicidade possui propriedades que podem ajudar na resolução do problema corpo-alma⁶⁹ (JUNG, 2010, Kindle, tradução nossa).

Duna, na contramão epistemológica e metafísica do pensamento ocidental, seguirá uma conceitualização de *consciência* mais próxima de correntes panpsiquistas que também dialogam com as religiosidades orientais tão mencionadas no presente trabalho – “ela flutuava em um *agora* banhado pelo mar que purgava suas angústias. [...] Uma calma profunda lhe inundava. *Eu flutuo, logo sou*”⁷⁰ (HERBERT, 1987b, p.35, tradução nossa). No excerto citado de **Herdeiras de Duna**, por exemplo, vemos a desconstrução do famigerado *Cogito Ergo-Sum* por meio de sua ressignificação em uma ideia de *Ser* pautada na vivência do tempo presente (*agora*) – um dos maiores ensinamentos de Buddha é a presença do aqui-agora –, além da referência ao Taoísmo e ao princípio do *Wu Wei* – seguir o fluxo da vida através de um estado de *não-ação*, apenas permitindo que as águas da existência nos carreguem enquanto *flutuamos* num estado de imersão e conexão ao próprio fluxo.

Para Chalmers e a corrente do panpsiquismo, devemos considerar a *consciência* como um fenômeno fundamental da realidade (cf. CHALMERS, 1996), como um princípio constituinte daquilo que chamamos de *real*. Frisamos aqui que Chalmers não propõe uma interrelação de sua filosofia com o pensamento junguiano, mas é inevitável que traçemos paralelos entre ambas linhas de pensamento – a consciência enquanto fundamento essencial do tecido do cosmos nos remete ao arquétipo psicóide e da psique enquanto potencial desde os primórdios do universo. Relembremos a seguinte citação de Cambray:

⁶⁹ No original: If that is so, then we must ask ourselves whether the relation of soul and body can be considered from this angle, that is to say, whether the co-ordination of psychic and physical processes in a living organism can be understood as a synchronistic phenomenon rather than as a causal relation. [...] The assumption of causal relation between psyche and physis leads on the other hand to conclusions which it is difficult to square with experience: either there are physical processes which cause psychich happenings, or there is a pre-existent psyche which organizes matter. In the first case it is hard to see how chemical processes can ever produce psychic processes, and in the second case one wonders how an immaterial psyche could ever set matter in motion. [...] The synchronicity principle possesses properties that may help to clear up the body-soul problem.

⁷⁰ No original: “[...] she floated in a sea-washed *now* that cleansed away woes. [...] A great calmness flooded her. *I float, therefore I am*.

É como se no nível mais profundo ele estivesse procurando um lugar para a psique nas origens do universo através do arquétipo psicóide. Esse não é um argumento similar ao do design inteligente, mas uma indicação que o universo seja permeado com psique tanto quanto espaço, tempo e matéria; que as sincronicidades provêm traços de um estado original de indiferenciação. Nesta cosmogonia sugiro que Jung está nos levando a ver a psique como outro potencial inerente à singularidade⁷¹ (CAMBRAY, 2009, p.21, tradução nossa).

Para uma humanidade adoecida pela sua desconexão com a natureza e com o universo, tomada pelo mecanicismo que lhe automatiza, a percepção, absorção e projeção dos significados encontrados em nossas experiências subjetivas são consideravelmente diminuídas; a vida passa a não possuir *significado* e somos levados de maneira automática, robótica e inorgânica a reproduzir os valores vigentes tais quais impressoras reproduzem os arquivos que lhes são ordenados, tudo em nome da acumulação incessante e do centramento egoico daqueles que detém o poder, daqueles que *tomam* sem *dar* nada em retorno. Relembremos também que o psicóide e o arquétipo em si são irrepresentáveis, como já discutimos anteriormente, e isso dialoga diretamente com concepções de consciência nos termos das religiosidades orientais com as quais **Duna** flerta. É comum que no Ocidente conceitualizemos a consciência como a própria mente, mas para o Budismo e Hinduísmo a mente provém de uma ordem mais sutil da matéria enquanto a consciência pura é *vazia* de forma (*Śūnyatā*).

De acordo com Haney, “Eu sugiro que a natureza humana enquanto subjetividade é bimodal: um dos aspectos é associado à consciência-em-si-mesma e o outro com a mente ou com o conteúdo da consciência”⁷² (2006, p.6, tradução nossa). Essa bimodalidade da consciência reflete precisamente as ideias discutidas acima – a consciência pura e *vazia* de forma (*Śūnyatā*) e a mente ao lado de seu

⁷¹ No original: It is as if at the deepest level he is finding a place for the psyche at the origins of the universe through the psychoid archetype. This is not an intelligent design argument but an indication that the universe is as permeated with psyche as it is with space, time, and matter; that synchronicities provide traces of an original undifferentiated state. In such a cosmogony I suggest Jung is leading us to see psyche as another of the potentials inherent in the singularity.

⁷² No original: I suggest that human nature like subjectivity is bimodal: one aspect is associated with consciousness-as-such, and the other with the mind or the content of consciousness. [...]

conteúdo conjecturada a partir de uma matéria menos densa. Essa noção pode ser exemplificada por meio do seguinte escrito Sufi, de autoria de Rumi (reconhecidamente um dos maiores poetas do Sufismo):

Pensar produz fumaça para provar a existência do fogo. Um místico se senta dentro da pira. Existem formas maravilhosas que ascendem na fumaça e que a imaginação ama presenciar. Mas é um erro deixar o fogo por esta visão translúcida. Permaneça aqui no âmago da chama⁷³ (*apud* NORTH, 2008, online, tradução nossa).

Nesta belíssima metáfora construída por Rumi, a *consciência* equivale ao centro das chamas, enquanto o pensamento e a mente pertencem ao reino da fumaça – o místico, aquele que adentra no reino da consciência pura, não precisa olhar para as formas produzidas pela fumaça para reconhecer sua chama interna. Devemos denotar aqui, no entanto, que o Sufismo e algumas vertentes do Hinduísmo se encaixam no que é chamado de *idealismo* – todas as manifestações materiais não passam de meras ilusões que nos impedem de reconhecer e atingir o estado de iluminação. **Duna** não segue uma tendência *idealista*, o que leva autores como Mahmoud Shelton a criticarem a série por ela divergir de seus conceitos metafísicos enraizados na negação completa da realidade física. Nesse sentido, a concepção da série de Herbert se estrutura mais próxima das antigas vertentes matriarcais do Hinduísmo (como o Shaktismo), do Tantra e do Budismo, que não relegam a matéria e a fisicalidade à condição de ilusões a serem transcendidas, mas entendem a dança infinita e cósmica entre consciência e as manifestações materiais que a cercam – reconhecendo assim a realidade *relativa* da matéria que está em um constante fluxo de mudanças inevitáveis, portanto ausente de qualquer forma ou instância *absoluta, essencial*. Citemos um exemplo de uma conversa entre Leto II e Moneo em **O Imperador Deus de Duna** que ecoa tais ideias:

“Leis tendem a ser temporárias em longos prazos, Moneo. Não existe tal coisa como a criatividade regradada.”

⁷³ No original: Thinking gives off smoke to prove the existence of fire. A mystic sits inside the burning. There are wonderful shapes in rising smoke that imagination loves to watch. But it's a mistake to leave the fire for that filmy sight. Stay here at the flame's core

“Mas Senhor, você mesmo falou de leis que governam seu programa de procriação.”

“O que acabei de lhe dizer, Moneo? Procurar regras para a criação é como tentar separar a mente do corpo”⁷⁴ (HERBERT, 2008c, p.89, tradução nossa).

Cabe a nós aqui especificar que o programa genético do Imperador Leto II é feito de maneira praticamente aleatória, sem a preocupação em preservar determinados substratos genéticos e, portanto, divergindo do plano genético criado pelas Bene Gesserits – plano este da Ordem matriarcal que fora pautado numa tentativa de controle total sobre os resultados e sobre a prole – que levou inevitavelmente ao nascimento de seu pai Paul Muad'Dib e de si mesmo, Leto Atreides II. Ainda no mesmo livro, capítulos à frente, o Imperador discute com uma Bene Gesserit, Chenoeh, sobre as produções do maquinário Ixiano⁷⁵ e as reflexões postas questionam a redução da consciência e, portanto, da criatividade e da inteligência, a um estado de automação ausente da concepção de *significado* e de *qualia*.

“Automação é sinônimo de inteligência consciente?” ele perguntou.

[...]

Ela falou: “A máquina não pode antecipar cada problema de importância para os humanos. É a diferença entre pedaços em série e um continuum inseparável. Nós temos o último enquanto as máquinas são confinadas ao primeiro.”

[...]

“A inteligência cria,” Leto disse. “Isto significa que você deve lidar com respostas nunca antes imaginadas. Você deve confrontar o *novo*”⁷⁶ (HERBERT, 2008c, p.241, tradução nossa).

⁷⁴ No original: "Laws tend to be temporary over the long haul, Moneo. There is no such thing as rule-governed creativity."

"But Lord, you yourself speaks of laws which govern your breeding program."

"What have I just said to you, Moneo? Trying to find rules for creation is like trying to separate mind from body"

⁷⁵ IX é um planeta do universo de **Duna** completamente dominado pelo pensamento mecanicista e tecnocrático.

⁷⁶ No original: "Is automation synonymous with conscious intelligence?" he asked.

[...]

Denotemos a ideia apresentada no excerto acima de um *continuum inseparável* que reflete muito bem alguns dos conceitos que apresentaremos nos próximos parágrafos, além de também reafirmar que o universo e a consciência que é fundamental para a sua existência não estão separados. A fragmentação em pequenos *bits* de informação que são programados para funções específicas e delimitadas não podem corresponder à capacidade criativa e ilimitada da consciência que contém em si as potencialidades infinitas do todo. A crítica em relação ao pensamento *mecanicista* se dá exatamente por limitarmos a experiência ilimitada e infinita da consciência, separando-a do universo e da natureza, programando-a para objetivos específicos e controláveis, finitos.

Leto II, em seus diários roubados como observamos em **O Imperador Deus de Duna**, conceitualiza seus transe proféticos nos quais sua faculdade divinatória tem seu máximo potencial atingido e nos revela a inevitável impermanência das coisas – a noção de uma instância *absoluta* (sendo essa suposta absolutez a materialidade que origina a ilusão da consciência ou a consciência que origina a ilusão da materialidade) da realidade, portanto, esvai-se em meio ao infinito.

O estado de transe da profecia é diferente de qualquer outra experiência visionária. Ele não constitui um recuo da exposição bruta aos sentidos (como o são muitos dos estados de transe), mas sim a imersão em uma infinidade de novos movimentos. As coisas se movimentam. Constitui um pragmatismo final no meio do Infinito, uma consciência exigente onde você chega, afinal, à percepção contínua de que o universo se move por si mesmo, de que ele muda, de que suas regras se alteram, de que nada é permanente ou absoluto em tais movimentos e de que uma explicação mecânica para todas as coisas só pode funcionar dentro de limites precisos. Uma vez que as fronteiras de tais limites sejam rompidas, as velhas explicações se desmancham, destruídas e arrastadas pelos novos movimentos. As coisas que vemos nesse transe são sérias, freqüentemente demolidoras. Elas exigem um esforço total para se

She spoke: "The machine cannot anticipate every problem of importance to humans. It is the difference between serial bits and an unbroken continuum. We have the one; machines are confined to the other."

[...]

"Intelligence creates," Leto said. "That means you must deal with responses never before imagined. You must confront the new."

permanecer intacto, para não se ser destruído. E ainda assim você emerge desse estado profundamente mudado (HERBERT, 1986, p.221).

Ou seja, nessa proposição de conceitualização orgânica do universo, como vemos na série de **Duna**, sobra pouco espaço para o reducionismo tal qual o *mecanicismo* efetiva – é precisamente o *materialismo reducionista* e o *mecanicismo* que levam a humanidade à beira da extinção quando dominada pelas máquinas pensantes milhares de anos anteriormente ao começo da saga. Tampouco vemos na obra a separação entre o corpo e a mente, entre corpo-mente e a consciência criativa que permeia o todo. Relembremos que a mente e seu conteúdo (pensamentos) são dotados de certa materialidade em visões Hinduístas e Budistas. Haney detalha com eficiência essa ideia:

Nesta tradição existem dois tipos de entidades – Purusha e Prakriti, espírito e matéria. O primeiro é múltiplo, puro, imutável; o último é primariamente um, mas sempre mutável; ele constitui o mundo material a partir de si mesmo. Consciência-em-si-mesma é Purusha, o princípio transcendental na base de todo o conhecimento, enquanto a mente evolui de Prakriti. Ao explicar a distinção entre mente e consciência, “Advaitas” ocidentais como Forman, Shear, Deiman e outros sugerem que a consciência pura se qualifica como o componente mais sutil da natureza humana. O Advaita Vedanta e o Samkhya-Yoga explicam a consciência em relação aos quatro estados da mente, que incluem os três estados ordinários da consciência – acordado, dormindo e sonhando – e um quarto estado (turiya) enquanto Atman ou consciência pura. Como uma tela branca refletindo as cores e imagens projetadas de um filme, este quarto estado é um “vazio de conceitos” que sublinha todos os fenômenos mentais dos três estados ordinários. Esta consciência que testemunha, que é imanente dentro dos outros três estados, é definida em termos de *conhecimento pela existência*, não em termos de uma “experiência” baseado no dualismo consequente de um espaço temporal entre sujeito e objeto. Como Forman coloca, turiya “envolve nem o sentir nem o pensar. De fato ele significa estar completamente ‘vazio de conceitos’” quando não encontramos

nenhuma imagem, som, emoções ou outro conteúdo consciente mas “simplesmente persiste ‘sem suporte’”. Forman descreve este *conhecimento pela existência* como um “evento da consciência pura” (samadhi)⁷⁷ (HANEY, 2006, p.6, tradução nossa).

Percebemos em **Duna** algumas referências a esse estado de *vacuidade* ou *vazio de conceitos* em alguns excertos a serem apresentados. Antes, no entanto, precisamos reforçar que qualquer interpretação *dualista* de Purusha e Prakriti (ou Shiva e Shakti, para os termos do Tantra) pode ser majoritariamente *idealista* e conter inevitável compreensão ocidentalizada destes conceitos (ainda que existam vertentes *duais* no Hinduísmo, elas não são o nosso foco de análise neste trabalho) – Purusha/Shiva, ou a consciência em seu estado de *vacuidade*, não apresenta a ideia de *oposição* à materialidade de Prakriti/Shakti.

De fato, na visão não-dual de Dzogchen, a dimensão espaço-temporal das formas relativas, $E = mc^2$, nunca se separou de sua base dimensional sem forma que acolhe no todo a Verdade Última. Relembrem-se que estas duas dimensões da verdade são ontologicamente inseparáveis e uma unidade epistemologicamente sempre presente. Nagarjuna disse de maneira correta: “Não há diferença última entre samsara (relativo) e nirvana (extremo)”⁷⁸ [...]. Na filosofia da mente do Budismo Madhyamakano Prasangikano, esta visão das Duas Verdades (Relativa e Última) representa um Caminho do Meio entre a existência permanente e substancial

⁷⁷ No original: In this tradition, There are two kinds of entities—Purusha and Prakriti, spirit and matter. The former is manifold, pure, changeless; the latter is primarily one, but is ever mutable; it evolves the material world out of itself. Consciousness-as-such is purusha, the transcendental principle at the basis of all knowledge, while the mind is an evolute of prakriti. In explaining the distinction between mind and consciousness, Western Advaitans such as Forman, Shear, Deikman and others suggest that pure consciousness qualifies as the most subtle component of human nature. Advaita Vedanta and Samkhya-Yoga explain consciousness with reference to the four quarters of the mind, which include the three ordinary states of consciousness—waking, sleeping and dreaming—and a forth state (turiya) of Atman or pure consciousness. Like a white screen reflecting the projected colors and images of a film, the forth state as “a void of conceptions” underlies the mental phenomena of the three ordinary states. This witnessing awareness, which is immanent within the other three states, is defined in terms of knowing by being, not in terms of an “experience” based on the dualism of a temporal gap between the subject and object. As Forman puts it, turiya “involves neither sensing nor thinking. Indeed, it signifies being entirely ‘void of conceptions’ where one encounters no images, sounds, emotions or other conscious content but “simply persists ‘without support’”. Forman describes this knowing by being as a “pure consciousness event” (samadhi)

⁷⁸ [...] Se você deseja denominar o *Absoluto*, use seu nome correto: *Temporário* (HERBERT, 1981, p.565)

presente na metafísica do Materialismo/Fisicalismo tão adorada pela física e filosofia ocidental e o niilismo da metafísica Idealista presente tanto no Oriente quanto no Ocidente, os quais percebem a existência material como algo ilusório, avidya maya. Em outras palavras, o grande Caminho do Meio do Budismo Prasangikano reconhece a realidade relativa da dimensão espaço-temporal composta de Forma mental e física ou [composta] de Verdade Relativa (samvriti satya) conforme esta dimensão surge continuamente do solo da consciência última, da vacuidade/shunyata que abarca a tudo (paramartha satya), do próprio todo ilimitado que a tudo inclui (mahabindu, cittadhatu, dharmakaya, kadag), da própria natureza da mente⁷⁹ e de tudo que dela surge. Portanto, é a presença primordial de nossa sempre presente Mente da Sabedoria, nossa Mente de Buddha interna (samatajnana) que já é ciente disto⁸⁰ (BOAZ, 2019, acesso online).

Como elucidado por David Paul Boaz e pela frase de Nagarjuna “*não há diferença última entre samsara e nirvana*”, podemos compreender que não há diferenciação última entre Purusha e Prakriti (entre Shiva e Shakti) – a consciência em sua vacuidade está intimamente interconectada com o todo que se manifesta em termos materiais. Boaz também nos elucida que essa interconexão provém de uma acausalidade, o que nos remete inevitavelmente ao princípio de Sincronicidade.

⁷⁹ Boaz está usando o termo Mente neste momento não com o sentido dotado de materialidade (que Haney relacionou à Prakriti e ao conteúdo da mente) mas sim como o ‘princípio organizador ausente de forma’ já explicado através do conceito de *Śūnyatā*.

⁸⁰ No original: Indeed, on the nondual Dzogchen view, the spacetime dimension of relative form, $E = mc^2$, has never departed its formless dimensional ground that is all embracing Ultimate Truth. Recall that these two truth dimensions are an inseparable ontologically prior and epistemologically always present unity. Nagarjuna told it well: “There is no ultimate difference between (relative) samsara, and (ultimate) nirvana” [...]. In Madhyamaka Prasangika Buddhist philosophy of mind, this Two Truths View (Relative and Ultimate) represents a Middle Way between the permanent substantial material existence of Metaphysical Materialism/Physicalism so beloved of Western physics and philosophy, and the nihilism of both Eastern and Western Metaphysical Idealism which sees material existence as no more than illusory avidya maya. In other words, the great Buddhist Prasangika Middle Way acknowledges the reality of the relative spacetime dimension of mental and physical Form or Relative Truth (samvriti satya) as it continuously arises from its all-embracing ultimate consciousness Emptiness/shunyata ground (paramartha satya), the great all inclusive unbounded whole itself (mahabindu, cittadhatu, dharmakaya, kadag), the very nature of mind, and of everything arising therein. It is the primordial presence (gzhi rigpa) of our always present Wisdom Mind, our indwelling Buddha Mind (samatajnana) that already knows this.

Muito tem sido dito pelos filósofos da mente sobre a natureza dessa “relação básica”. Novamente, o monismo cosmopsíquico do Dzogchen, como eu já construí amplamente, aplica uma noção acausal/não-causal de conexão entre a realidade dos fenômenos relativos e a superfície fulcral e ôntica do próprio solo primordial de onde as instâncias relativas surgem continuamente. Este processo de sabedoria gnóstica surge em uma forma inerentemente trans-conceitual, pós-racional, pós-empírica e pós-metafísica do todo não-dual e ilimitado em que todas nossas aparentes e nascentes realidades espaço-temporais são instanciações energéticas e luminosas⁸¹ (BOAZ, 2019, acesso online).

Elucidemos desta maneira: caso houvesse separação entre Purusha e Prakriti (entre consciência e as manifestações materiais, entre espírito e matéria nos termos de Haney), estaríamos novamente seguindo concepções metafísicas pautadas ou no *dualismo* ou no *idealismo*. A resolução do *materialismo reducionista* é remover o fenômeno da consciência da equação, mas ao fazê-lo ocorre uma separação, ainda que de modo inconsciente, mais severa: Relega-se a humanidade ao estado de máquina, sem capacidade de experiência subjetiva, sem a capacidade de produção, criação e transformação de *significados*. Lembremos que *significado* é essencial para a percepção de sincronicidades e que é precisamente a *consciência* que efetua a mediação entre uma manifestação material e o alcance amplo que a mesma pode simbolizar. Não é surpresa que as ideias junguianas, principalmente a de Sincronicidade, tenham sido pouco aceitas em um meio científico que é dominado pela metafísica *materialista*. Talvez acresça à nossa discussão percepções que parecem “obscurecer” a visão *mecanicista* e que são comumente ignoradas ou esquecidas pelos paladinos do *materialismo reducionista*, defensores de uma suposta cientificidade capaz de desvelar todos os mistérios universais – seu paradigma provém de axiomas que em si são irreduzíveis e, portanto, suas construções de verdades são totalmente enviesadas por concepções que são *também* de ordem metafísica; quaisquer construções arbitrárias de modelos da

⁸¹ No original: Much has been said by philosophers of mind about the nature of this “grounding relation”. Again, Monistic Cosmopsychic Dzogchen as I have broadly construed it, employs an acausal/non-causal grounding connection of relative arising phenomenal reality to/in our ultimate basal ontic primordial ground itself. And this gnostic wisdom process arises in the inherently trans-conceptual, post-rational, post-empirical and post-metaphysical nondual boundless whole in whom all of our arising and appearing spacetime realities are luminous energetic instantiations

realidade são pautadas em conceitualizações metafísicas que suportam esses mesmos modelos. Assumir, como faz o *materialismo reducionista*, que o princípio de causalidade é capaz de explicar todos os fenômenos da experiência a que chamamos de realidade ou assumir que níveis superiores de energia podem ser *reduzidos* aos seus blocos de construção, aos seus níveis microscópios em termos definitivos é, portanto, um fazer metafísico. Relembremos que David Peat já nos demonstrou que os níveis microscópicos de energia (e as partículas subatômicas) estão intimamente interconectadas aos níveis macroscópicos, conjecturando uma espécie de feedback infinito e interdependente; o físico também acrescenta que

A consciência é de uma ordem sutil com um movimento delicado, sensível e intangível que é bem diferente da ordem explícita da matéria, ainda que inseparável desta dentro do espectro comum das ordens. A consciência não pode ser reduzida de maneira absoluta às operações físicas do cérebro, nem mesmo estes processos materiais podem ser descritos como completamente condicionados pela mente. Ao invés, mente e cérebro surgem como dois aspectos indivisíveis de uma mesma fonte subjacente⁸² (PEAT, 1988, p.227, tradução nossa).

Voltemos ao estado puro da consciência, em sua *vacuidade* interconectada ao todo e à obra de **Duna** – segue uma passagem em que o Imperador Leto II (**O Imperador Deus de Duna**) descreve a experiência meditativa na qual a consciência primordial (ou pura) reina:

A compreensão do que Eu sou ocorre na consciência atemporal que não estimula nem ilude. Eu crio um campo sem si-mesmo ou centro, um campo em que até mesmo a morte se torna apenas uma analogia. Eu não desejo resultados. Eu apenas permito este campo que não tem metas ou desejos, não tem perfeições nem mesmo visões de conquistas. Neste campo, a consciência onipresente e primordial é tudo. É a luz que verte pelas janelas do meu universo.

⁸² No original: Consciousness is a subtle order with a delicate, sensitive, intangible movement that is quite different from the order of explicate matter, yet is inseparable from it within the common spectrum of orders. Consciousness cannot be reduced in any absolute way to the physical operations of the brain, neither can these material processes be described as totally conditioned by mind. Rather, mind and brain arise as two indivisible aspects of the one underlying source.

- Os diários roubados⁸³ (HERBERT, 2008c, p.425, tradução nossa).

O Tantra Shaivista e Shaktista também se articula através de concepções não-duais que entendem a interdependência e interconectividade do todo, a interrelação entre a consciência *vazia* que permeia e que é o universo em sua totalidade e as manifestações materiais provindas da criatividade divina, ainda que estas sejam suscetíveis à eterna impermanência dentro de um fluxo infinito. Estas noções, que também se assemelham ao não-dualismo Budista, podem ser claramente aludíveis ao Manifesto Atreides no que diz respeito à participação da consciência em atribuir e projetar significado ao universo, organizar as instâncias materiais por meio de atos de criatividade e, então, dotá-las de estrutura e forma. Esse jogo, ou dança, repete-se infinitamente permitindo que todas as manifestações imagináveis pela criatividade divina tomem forma, materializem-se – a humanidade enquanto manifestação divina, como diz Odrade, carrega a faculdade da criação ao seu máximo. Sendo assim, cada instância individual é dotada e permeada pela consciência cósmica, um reflexo *micro* do universo como um todo, uma expressão da criatividade divina materializada ainda que muitas vezes inconsciente de sua interconexão com o todo – nas palavras de Lady Jessica, “A vida é uma máscara através da qual o universo se expressa” (tradução nossa, HERBERT, 2008, p.453). O treinamento Bene Gesserit é também uma direta referência ao Tantra e ao Yoga – desde o controle completo dos músculos atingido pelo *prana-bindu*, as faculdades psíquicas desenvolvidas como a *Voz*⁸⁴, a capacidade de manipulação e de transmutação de substâncias nocivas (como a Água da Vida), até o acesso às memórias ancestrais.

⁸³ No original: The realization of what I am occurs in the timeless awareness which does not stimulate nor delude. I create a field without self or center, a field where even death becomes only analogy. I desire no results. I merely permit this field which has no goals nor desires, no perfections nor even visions of achievements. In that field, omnipresent primal awareness is all. It is the light which pours through the windows of my universe.

- The Stolen Journals

⁸⁴ Uma das conquistas físicas mais impressionantes das Bene Gesserists; a terminologia idiomática usada para se referir à manipulação da fala com a finalidade de alcançar completo controle sobre o receptor; a produção de estímulos auditivos extrassensoriais capazes de implantar uma mensagem no inconsciente de um indivíduo, assim criando uma compulsão para a obediência desse mesmo comando (Voice/DE, 2020, online, tradução nossa).

No original: One of the most impressive physical accomplishments of the Bene Gesserit; the idiomatic terminology used to refer to the manipulation of speech to achieve complete control over the receiver; the production of extraperceptual auditory stimuli capable of implanting a message in an individual's unconscious, thus creating a compulsion to obey.

[O Tantra se baseia em uma] Ênfase na experiência direta de uma realidade divina que possui aspectos transcendentos e imanentes, chamados de Siva [Shiva] e Sakti [Shakti], respectivamente, sendo Siva compreendido primariamente como a consciência pura que é a superfície última do ser e Sakti como a energia que flui e que constitui todo o universo manifesto. [...]

NST⁸⁵ afirma que apenas uma coisa existe: o Divino, em suas variadas permutações. Dizer que Deus por si mesmo é real é a mesma coisa que dizer que tudo que existe é Deus. Para NST, a experiência desta divindade dentro e enquanto todas as coisas é o objetivo da prática⁸⁶ (WALLIS, 2013, p.25, grifo nosso, tradução nossa).

Percebemos neste trecho de Wallis precisamente a interrelação entre Consciência e as particularizações do universo manifesto, do universo tomado forma. Para o tantrismo, tal qual para as Bene Gesserits, como vemos na fala de Jessica “a vida é uma máscara através da qual o universo se expressa”. As práticas meditativas do NST buscam uma reconexão com o Divino que fora perdida devido ao sentimento de separação provocado pela sobrevalorização das faculdades egoicas – um reconhecimento do eu no outro, portanto, do *vazio* inerente à impermanência do fluxo do todo uma vez que somos este mesmo *macrocosmo* universal que se reflete ad-infinitum em cada loco de consciência. Wallis complementa:

O Divino é ensinado como possuidor de dois aspectos, o transcendente e o imanente. O aspecto transcendente é chamado de Siva (SHEEvuh) e personificado como uma divindade masculina (Deus). Ainda que Siva seja representado mitologicamente com certas características, Tantrikas (seguidores do Tantra) entendem Siva como a Consciência pura: não pessoal, transcendente de todas as limitações e qualidades, além do alcance dos sentidos, da fala e

⁸⁵ Non-dual Shaivism Tantra / Tantra Shaivista Não-Dual.

⁸⁶ No original: Emphasis on direct experience of a divine reality that has transcendent and immanent aspects, called Siva and Sakti respectively, with Siva primarily understood as the pure consciousness that is ultimate ground of being and Sakti as the flowing energy making up the entire manifest universe. [...]

NST holds that one thing alone exists: the Divine, in various permutations. To say that God alone is real is the same as saying everything that exists is God. In NST, to experience this divinity in and as all things is the goal of the practice

da mente – em termos simples, a Luz da Consciência singular que permite todas as manifestações, o solo banhado em quietude e paz de tudo que é. O aspecto imanente do divino (imanente significa perceptível através dos sentidos e da mente) é chamado de Sakti (SHUCK-tee) e personificado como uma divindade feminina (Deusa). Ou seja, a totalidade do universe manifesto é a Deusa e deve ser reverenciado como tal. Assim, *Siva e Sakti são na verdade apenas um*, não dois, mas são representados como dois uma vez que correspondem a dois aspectos interdependentes da realidade, um dos quais pode ser predominante em qualquer momento de nossa experiência⁸⁷ (WALLIS, 2013, p.25, grifo nosso, tradução nossa).

Em **Duna**, as Bene Gesserits são reconhecidas pela criação e manutenção dos sistemas simbólicos e religiosos, pela criação e manutenção dos mitos – a própria sobrevivência de Lady Jessica e Paul Atreides sob proteção dos Fremen, no desenrolar da narrativa do primeiro livro, é consequência de centenas de anos de preparação da ordem matriarcal, que implantou seu paradigma por todo o Império. As Bene Gesserits, como já demonstrado, ecoam as noções tântricas apresentadas pelo excerto de Wallis, principalmente pela conceitualização da não negação da materialidade e do corpo, sendo esses canais ou meios pelos quais a criatividade divina pode se manifestar.

O que o NST adicionou foram suas técnicas inovadoras do yoga do corpo sutil, somado à noção revolucionária de que qualquer coisa pode se tornar uma forma de prática espiritual. Esta ideia é baseada no ensinamento de que todas as coisas são manifestações da Deusa. Portanto, o corpo não é mais visto como um loco de pecado e impuridade, como era na tradição pré-Tântrica, mas como um veículo

⁸⁷ No original: The Divine is here taught as having two aspects, the transcendent and the immanent. The transcendent aspect is called Siva (SHEEvuh) and personified as male divinity (God). Though Siva is represented mythologically as having certain characteristics, Tantrikas (followers of the Tantra) understand Siva as pure Consciousness: nonpersonal, utterly transcendent of all limitations or qualities, beyond the reach of senses, speech, and mind—in short, the singular Light of Awareness that makes possible all manifestation; the quiescent and peaceful ground of all that is. The immanent aspect of the divine (“immanent” means perceivable through the senses and the mind) is called Sakti (SHUCK-tee) and personified as female divinity (Goddess). That is, the entire manifest universe is the Goddess, and therefore ought to be revered as such. Now, Siva and Sakti are actually one, not two, but are represented as two because they correspond to two interdependent aspects of reality, one of which is predominant in any given moment of experience

para se concretizar a realidade divina. Isto levou a uma nova ênfase em práticas focadas no corpo e suas energias além de um mapeamento detalhado da estrutura do universo refletida no corpo, que era visto como um microcosmo do todo⁸⁸ (WALLIS, 2013, p.26, tradução nossa).

Entretanto, como iremos discutir nos próximos capítulos, ideias mecanicistas e estagnantes ainda operam nas bases da ordem matriarcal milenar que, ao cristalizar seus paradigmas, passa também a se tornar dogmática e corrompida; são necessários milênios para que, sob o comando de Odrade, as Bene Gesserits possam atingir renovação e se desapegar de velhas estruturas que potencialmente poderiam levá-las à extinção – e somente atitudes heréticas, como as de Lady Jessica, de Taraza e de Odrade podem reavivar o sentimento de estarem *vivas* e receptivas para as mudanças inevitáveis de um universo em constante transformação, de um universo *vazio* de noções absolutas. No terceiro livro, **Filhos de Duna**, Lady Jessica é incumbida de treinar Farad'n Corrino (sobrinho de Irulan e neto de Shaddam IV, antigo Imperador que caiu sob as mãos da Jihad de Paul Muad'Dib) e discorre a seu pupilo sobre a noção de impermanência que vemos por meio do não-dualismo Budista e Tantrista:

"Para aprender a paciência do Modo Bene Gesserit, você deve começar por reconhecer a estabilidade crua e essencial de nosso universo. Nós chamamos de natureza - significando sua totalidade em todas as suas manifestações - o Derradeiro Não Absoluto. Para libertar sua visão e permitir que reconheça esse caráter mutável, condicional à natureza, você esticará os braços ao máximo, mantendo as mãos diante de si. Olhe para suas mãos estendidas, primeiro as palmas, depois o dorso. Examine os dedos, a parte da frente e a de trás. Faça isso" (HERBERT, 1985b, p.191).

⁸⁸ No original: What NST added was its innovative yogic techniques of the subtle body, plus the revolutionary notion that virtually anything can become a form of spiritual practice. This idea is based on the teaching that all things are manifestations of the Goddess. Therefore the body was seen not as a locus of sin and impurity, as in the pre-Tantrik tradition, but rather as a vehicle to realize divine reality. This led to a new emphasis on practices focused on the body and its energies and to the detailed mapping of the structure of the universe onto the body, which was seen as a microcosm of the whole

Cada instância da realidade está em completa interconexão com o todo, está em constante transformação. O jogo interminável de criação e dissolução no todo, como alude o Manifesto Atreides, depende da *imaginação* de um loco de consciência, de um microcosmo que reflete em seu âmago pleno de *vacuidade* o macrocosmo da consciência cósmica que permeia a tudo, sendo o primeiro, portanto, uma manifestação e um veículo da criatividade do universo – os infinitos locos de consciência que permeiam o todo ilimitado estão recriando constantemente a realidade em uma dança de formas nunca finitas, ressignificando a experiência daquilo que chamamos de real.

Essa atividade é a criação (e dissolução) do universo manifesto. Mas o que realmente é criação? Não é nada mais de uma projeção, um fluir, dentro do campo infinito da Consciência, de uma vasta multiplicidade de sujeitos e objetos aparentemente diferenciados. Vamos definir este polo sujeito-objeto, esta dualidade que o Uno se apresenta. Cada objeto (= algo cognoscível) é uma manifestação de uma potencialidade atemporal inerente na Luz da Consciência (*prakasa*). Ou seja, cada objeto é a personificação de uma faceta da existência infinita do Uno. Cada sujeito (= qualquer conhecedor, um ser senciente como você) também encarna a Luz da Consciência, mas é mais com um movimento reflexivo de auto-consciência, um modo específico da auto-reflexividade do Uno (*vimarsa*). Ou seja, você (e todo ser senciente) encarna uma maneira única na qual o Uno reflete sobre si mesmo. Recapitulando, então, esta Consciência infinita escolhe não permanecer em uma inexistência sem forma, homogênea e estática e sim condensar a si mesmo na forma, manifestando-se (dentro do campo de sua própria consciência) como uma vasta multiplicidade de sujeitos e objetos aparentemente diferenciados, então dando início a um vasta dança de auto-exploração. Este ato de criação é conhecido como jogo divino (*krīḍā*), no sentido que esta atividade é fundamentalmente um ato livre e prazeroso de auto-expressão, feito inteiramente em prol de si mesmo⁸⁹ (WALLIS, 2013, p.30-31, tradução nossa).

⁸⁹ No original: [...] that activity is of course the creation (and dissolution) of the manifest universe. But what is creation, really? It is nothing but the projection, the flowing forth, within the infinite field of Consciousness, of a vast multiplicity of apparently differentiated subjects and objects. Let's define this

Resgatar o sentimento de organicidade e de conexão com o universo e com a natureza, resgatar o sentimento de uma humanidade *viva* e não autômata, uma humanidade *consciente* e capaz de atribuição e de transformação de significados em meio à impermanência inerente a um universo infinito parece ser um dos objetivos do *caminho dourado* e da própria série **Duna**. A sociedade ocidental, por meio de seu imperialismo cultural e bélico, imprimiu globalmente uma visão *mecanicista* e *reducionista* sob as amarras do capitalismo e da tecnocracia contemporânea – o “império da razão” reina e domina nossos valores e concepções metafísicas da realidade extinguindo e confinando, portanto, nossa capacidade de adaptação, de escolhas, nossa *criatividade*, nos relegando a um papel de *máquina*. Tais paradigmas, profundamente enraizados na obra, requisitam uma gradual mudança e amadurecimento da psique humana. Exploraremos trabalhos posteriores a ideia do *caminho dourado* como processo de individuação e iluminação da humanidade, ou seja, a ideia de que a visão profética de Leto II representa a própria *infinitude* e a capacidade de estarmos vivos, adaptando-se momento a momento – a eterna criação de uma humanidade capaz de se adaptar sem se apegar aos velhos dogmas, uma humanidade *presente* no aqui-agora. A noção *mecanicista* que impera em nosso paradigma, em nossos impulsos de *tomar sem dar nada em retorno*, limita e constringe as *possibilidades*, reduz a realidade a um construto finito. Separamos um trecho do sexto livro, **As Herdeiras de Duna**, em que Duncan Idaho, tomado por uma epifania, reflete sobre a consciência dentro de si, cuja capacidade de *percepção* da realidade e de *tomada* de decisões lhe são inerentes:

Faces. Uma sucessão de máscaras, diferentes perspectivas dessa pessoa chamada eu. Faces ligeiramente desequilibradas. Cabelos às vezes grisalhos, às vezes os caracóis negros de sua vida atual. Às vezes humorado, outras severo, procurando interiormente sabedoria

subject-object pole, this basic twoness that the One appears as. Each object (= something that can be known) is an actualization of a timeless potentiality inherent in the Light of Consciousness (prakasa). That is to say, each object is an embodiment of some facet of the One's infinite being. Each subject (= any knower, a sentient being like you) also embodies that Light of Consciousness, but is further a reflexive movement of self-awareness, a specifically defined mode of the One's self-reflection (vimarsa). That is, you (and every sentient being) incarnate a unique way for the One to reflect on its Self. [...]To recap, then, this infinite Consciousness chooses not to remain static homogenous formless nothingness but rather condenses itself into form, manifesting itself (within the field of its own awareness) as a vast multiplicity of apparently differentiated subjects and objects, thus initiating a vast dance of self-exploration. Now, this act of creation is called a divine play or game (krīḍā), in the sense that this activity is fundamentally a free and joyous act of self-expression, done entirely for its own sake.

para enfrentar um novo dia. Em algum lugar nisso tudo jazia uma consciência que observava e deliberava. Alguém que fazia escolhas.

[...]

Isto é o que significa estar vivo.

Memória alguma de suas outras vidas, nada que os Tleilaxu haviam feito a ele, nada disto mudava sua consciência mais profunda⁹⁰ (HERBERT, 1987, p.249, tradução nossa).

Relembremos que o conceito de *Śūnyatā*, de *Siva* e do *Tao* enquanto *vacuidade* não oferecem obstrução para o funcionamento da matéria, ainda que permeiem o todo. A consciência profunda de Duncan, portanto, não pode ser mudada por qualquer memória ou alteração genética que os Tleilaxu pudessem ter efetuado em seu código uma vez que ela é o reflexo da consciência cósmica do todo – o *microcosmo* que reflete o *macrocosmo* infinitamente. Como nos aponta David Peat, “Dentro de cada parte está abarcado o todo, de maneira que cada elemento se torna um microcosmo do macrocosmo⁹¹” (1988, p.242, tradução nossa).

Nas tradições místicas isto era interpretado como o significado de que o “homem” [Humanidade] é o microcosmo no qual o todo é refletido. Similarmente, a ideia de uma ordem implícita oculta sugere que o todo da realidade está envolvido dentro de cada indivíduo. Desta maneira, o microcosmo pode ser visto como infinitas séries análogas ao universo inteiro que, inclui e também vai além da consciência e da matéria. Oculto dentro de cada um de nós está o solo implícito que é sustentado pela eterna primavera que nasce da fonte inominável de criatividade⁹² (PEAT, 1988, p.198, tradução nossa).

⁹⁰ No original: Faces. A succession of masks, different views of this person he called myself. Slightly imbalanced faces. Hair sometimes gray, sometimes the jet karakul of his current life. Sometimes humorous, sometimes grave and seeking inward for wisdom to meet a new day. Somewhere in all of that lay a consciousness that observed and deliberated. Someone who made choices.

[...]

This is what it means to be alive.

No memory from his other lives, nothing the Tleilaxu had done to him, none of that changed his deepest awareness one whit.

⁹¹ No original: Within each part is enfolded the whole, so that each element becomes a microcosm of the macrocosm.

⁹² No original: In the mystical traditions this was interpreted as meaning that "man" is the microcosm in which the whole universe is reflected. Similarly, the idea of an enfolded implicate order implies that the

Para complementar nossa discussão sobre a *vacuidade* não-essencialista do Budismo que percebemos em **Duna** repetidamente através das menções à natureza impermanente do universo e da não-existência de qualquer verdade completamente absoluta, devemos denotar que tal epistemologia e ontologia são dificilmente compreensíveis dentro dos paradigmas ocidentais, nos quais reinam ainda o *dualismo cartesiano* e o *materialismo reducionista*. Para o pensamento cartesiano a mente ou alma é detentora de uma *essência*, uma substância de ordem não material e, portanto, o corpo e a mente são concebidos em instâncias distintas; como já discutimos anteriormente, esse tipo de divisão leva inexoravelmente à separação entre a humanidade e a totalidade da natureza. Para o *materialismo reducionista*, a totalidade de nossa subjetividade não passa de uma consequência das reações eletroquímicas do cérebro, sendo a consciência uma espécie de ilusão necessária para a sobrevivência de organismos sencientes e auto-centrados; a realidade física domina esse paradigma e a verdade essencial é encontrada nas estruturas básicas da matéria. O Budismo nos mostra que não existe uma essência ou uma verdade intrínseca à realidade – toda a experiência a que construímos como real é *Pratītyasamutpāda* (palavra comumente traduzida como “origem dependente” ou “origem interdependente”), ou seja, o construto que fazemos da realidade depende das interações e interrelações entre os objetos e as consciências que a observam. Nas palavras de Boaz,

Mahayana e o Caminho do Meio são em suas raízes ontologias não-essencialistas, negando que as bugigangas do espaço-tempo feitas a partir de uma realidade relativa física e mental possuam qualquer existência inerente ou natureza instrínseca, muito menos uma natureza intrínseca puramente fisicalista. Ao invés, o tecido da realidade é, para a grande mente do budista não-dual do 2º século Nagarjuna, totalmente aparte ao si-mesmo, vazia e ausente de “qualquer pedaço de existência intrínseca”. Vazia de que? A existência relativa das coisas do espaço-tempo é vazia de qualquer

whole of reality is enfolded within each individual. In this way, the microcosm can stand as an endless series of analogies to the entire universe, which includes and yet goes beyond consciousness and matter. Enfolded within each one of us is the implicit ground which is sustained by the eternal spring which bubbles up from the unnamed source of creativity.

existência permanente última e absoluta⁹³ (BOAZ, 2019, acesso online).

A *Pratītyasamutpāda* está intimamente relacionado ao conceito de *Śūnyatā* uma vez que a não-absoltez das “bugigangas” que percebemos, inclusive do nosso sentimento de “eu” tão valorizado na metafísica cartesiana, dá-se precisamente por ela ser em última instância *vazia*. É *vazia* de inerência, pois sua existência é interdependente aos infinitos processos *microcósmicos* e *macrocósmicos* que fluem conjuntamente a ela. Frisamos novamente que as metafísicas não-duais não negam a existência relativa do ego e, portanto, tecem tanto uma crítica ao idealismo que pretende elevar o status da mente e do substrato egoico a um patamar de substância essencial (e negando as manifestações materiais que *enredam* este ego em um mundo de supostas “ilusões”) tanto quanto o materialismo ultrarracional que simplesmente elimina a Consciência de sua equação reducionistas.

Entretanto, fenômenos mentais e físicos são relativamente, convencionalmente reais em virtude de suas aparições no espaço-tempo para uma consciência que lhes percebe, designa e reifica, numa frequência excessivamente real de si-mesmo/ego/eu. Mas todas essas bugigangas não são essencialmente e intrinsecamente reais. Ultimamente, esta visão do grande todo que é a realidade não-dual descreve os limites reais de todos os fenômenos mentais e físicos que aparecem no espaço-tempo – instancias do próprio solo primordial. Estas coisas são de modo relativo e a depender do observador, reais, mas não em última instância ou independentes do observador⁹⁴ (BOAZ, 2019, acesso online).

⁹³ No original: Mahayana and its causal Middle Way Madhyamaka Prasangika are at root non-essentialist ontologies, denying that the spacetime stuff of relative physical and mental reality has any inherently existing intrinsic nature, let alone a purely physicalist intrinsic nature. Rather, the furniture of reality is, for the great nondual Buddhist mind of 2nd century Nagarjuna, utterly selfless, empty and absent “any shred of intrinsic existence”. Empty of what? Relatively existing spacetime stuff is empty of any permanent ultimate absolute existence.

⁹⁴ No Original: However, mental and physical phenomena are relatively, conventionally real by virtue of their appearance in spacetime to a perceiving, designating, reifying consciousness, an often all too real self-ego-I. But all this appearing stuff is not essentially intrinsically real. Ultimately, this view of the great whole that is nondual reality itself describes the reality limit of all appearing spacetime physical and mental phenomena—instantiations of the primordial ground itself. This stuff is then relatively, observer-dependently real; but not ultimately, observer-independently real.

Tal qual o princípio de Sincronicidade, a própria experiência do tecido que conjecturamos como realidade depende da interrelação entre uma consciência que apreende e projeta significados sobre as manifestações materiais que a cercam – ainda que estes significados e estas instâncias não sejam permanentes e dotados de uma essência intrínseca, é inevitável que possuam algum nível de realidade *relativa*. Isso é facilmente observável quando tomamos como exemplo o experimento da dupla-fenda discutido no capítulo anterior – o comportamento das partículas sub-atômicas, sua velocidade e seu momento, dependem diretamente de sua interrelação com o fluxo quântico que lhes engolfa e também da interrelação (ou a falta dela) com um determinado observador. O *tecido do cosmos* torna-se, nessa visão, terra fértil para a criação e estruturação de formas imagináveis pela consciência cósmica que permeia o universo.

No nível quântico nosso universo pode ser visto como um local indeterminado, previsível de maneira estatística apenas quando aplicamos números suficientemente grandes. Entre este universo e um relativamente previsível onde a passagem de um único planeta pode ser mensurável em psicosegundos, outras forças entram em jogo. Para o universo intermediário onde encontramos nossas vidas diárias, aquilo em que você acredita é uma força dominante. Suas crenças ordenam os desdobramentos dos eventos no dia-a-dia. Se uma quantidade suficiente de nós acreditarmos, uma coisa nova pode passar a existir. A estrutura da crença cria um filtro pelo qual o caos é transformado em ordem⁹⁵ (HERBERT, 1987b, p.173, tradução nossa, trecho encontrado em **Hereges de Duna**).

A concretização de **Duna** enquanto uma obra importantíssima para a geração *New Wave* da FC se dá por criticar as próprias premissas epistemológicas e ontológicas das bases filosóficas que sustentam uma visão *mecanicista* da realidade – visão esta que, estruturada no sentimento de *separação* e em construções egoicas e insubstanciais, leva a humanidade a se comportar de maneira predatória,

⁹⁵ No original: At the quantum level our universe can be seen as an indeterminate place, predictable in a statistical way only when you employ large enough numbers. Between that universe and a relatively predictable one where the passage of a single planet can be timed to a picosecond, other forces come into play. For the in-between universe where we find our daily lives, that which you believe is a dominant force. Your beliefs order the unfolding of daily events. If enough of us believe, a new thing can be made to exist. Belief structure creates a filter through which chaos is sifted into order.

destrutiva e objetificadora das manifestações de *Śakti*, das manifestações da Natureza e da Grande Mãe. Somos tomados pela força ancestral focada apenas em *tomar*, incapazes de *dar* algo em retorno. Ao negar o *infinito* a cada ser que surge do oceano de potencialidades do universo negamos também o *infinito* à própria humanidade – somos levados à sina de máquinas exauridas da criatividade que permeia e que dá vida ao universo. Em **O Imperador Deus de Duna**, Malky é um representante de IX, o planeta que mais conservou o paradigma mecanicista no universo de Herbert; segue um excerto de uma conversa entre o embaixador ixiano e Leto II:

— Pouco antes de sua chegada, Moneo e eu estávamos discutindo o Infinito.

— Pobre Moneo — disse Malky.

Leto sorriu.

— Está lembrado, Malky? Uma vez você me pediu para demonstrar o Infinito.

— E você disse que não havia um Infinito para ser demonstrado. — Malky voltou o olhar para Moneo. — Leto gosta de brincar com paradoxos. Conhece todos os truques de linguagem que já foram inventados.

[...]

— Moneo acusa-me de ser o único possuidor do Infinito — disse Leto.

— Ele se recusa a acreditar que possui tanto Infinito quanto eu⁹⁶ (HERBERT, 1986, p.306).

Malky é uma metáfora ao próprio mecanicismo que nega o infinito a si próprio, que nega as infinitas possibilidades representadas pelo todo. Como já comentamos anteriormente, o processo de análise se propõe a conhecer e conceber a realidade a partir de seus elementos enquanto instâncias separadas e desconectadas de sua totalidade. Vemos na série, em diversos momentos, a afirmação de que não existem separações que não as feitas pelo intelecto humano, que o próprio ato de separar

⁹⁶ No original: Leto said: "Just before your arrival [Malky], Moneo and I were discussing Infinity." "Poor Moneo," Malky said.

Leto smiled. "Do you remember, Malky? You once asked me to demonstrate Infinity."

"You said no Infinity exists to be demonstrated." Malky swept his gaze toward Moneo. "Leto likes to play with paradox. He knows all the tricks of language that have ever been discovered"

cria um constructo que não pode representar o infinito – uma parte confinada da experiência da realidade não é capaz de exprimir as potencialidades intermináveis da existência e tampouco é capaz de definir a si mesma a partir de um estado de completa disassociação em relação à totalidade com a qual está interconectada; essas instâncias possuem, portanto, sua verdade relativa e não-absoluta e é devido ao nosso apego a determinadas formas, nosso desejo por construções de ordem absoluta, que inevitavelmente esquecemos do continuum inseparável do universo. Observemos, ainda em **O Imperador Deus de Duna** – “Moneo, por que você insiste em retirar pedaços do continuum?”, Leto perguntou. “Quando você vê um espectro, você deseja uma cor mais que todas as outras?”⁹⁷ (HERBERT, 2008c, p.523, tradução nossa). Em **O Tantra Iluminado**, Wallis demonstra como as operações mentais que fazemos, a partir de bases analíticas, conjecturam delimitações da realidade que levam inevitavelmente ao sofrimento⁹⁸.

[...] especificamente a afirmação aqui é de que toda consciência em sua forma limitada (por exemplo, eu e você) somos meramente pontos estratégicos dentro de um campo de consciência inquebrável [continuum] e que a tudo abarca. Na verdade, isto também é lógico, por que caso fôssemos, cada um de nós, ilhas de consciência separadas, descontínuas do resto, não seríamos capazes de nos comunicarmos ou até mesmo de compartilharmos a mesma realidade. [...] Colocando de forma breve, nossos cérebros sintetizam uma experiência de realidade através de nossos sentidos limitados, sendo que cada um funciona como um tipo diferente de analisador de frequências dentro deste campo fluido de energia à nossa volta (e do qual não estamos separados).

Exploraremos no próximo capítulo com mais profundidade o desejo do princípio masculino em cristalizar e eternizar os construtos mentais que são produzidos por meio de suas observações da realidade. Estes construtos limitam a experiênciam do real em uma tentativa de domar e tomar como posse os objetos

⁹⁷ No original: “Moneo, why do you insist on taking pieces out of the continuum?” Leto asked. “When you see a spectrum, do you desire one color there above all the others?”.

⁹⁸ Nos termos colocados por Wallis, o sofrimento é diferente da dor. A Dor é um aspecto inevitável e importante da realidade enquanto o sofrimento surge do nosso sentimento de separação e apego às formas.

“externos” para provar a própria existência, em uma forma autocentrada de extensão do próprio ego. Esta tentativa busca tornar este mesmo ego em uma instância absoluta e completamente separada da interdependência e do fluxo da natureza, algo que se fortalece em sociedades tomadas simbolicamente pelo arquétipo patriarcal. O feminino representa precisamente esta impermanência e interconexão de cada *microcosmo* com sua totalidade e, neste ato constante de criação infinita, não há espaço para a existência de uma substância completamente e absolutamente separada do próprio fluxo que a engendra.

Seres sencientes como nós são simplesmente pontos nodais de auto-consciência, movimentos recursivos da energia em um campo que, de outra forma, seria de dinâmica indiferenciada. Enquanto seres pensantes realizamos operações mentais de ordem analítica e sintética ao contemplarmos a realidade. Algumas dessas operações se enrijecem e se tornam construtos mentais de persistência relativa, os quais usamos como filtros para selecionar e interpretar o que consideramos como significativo na realidade, portanto, estreitando ainda mais o nosso já limitado espectro de percepção. Então cometemos o erro final de acreditar que os construtos interpretativos que sobrepomos à realidade são a própria realidade, em vez de percebermos o que realmente são, representações imperfeitas que serviram uma necessidade particular em um momento particular. Este entendimento errôneo causa sofrimento. De fato, é a única causa de sofrimento⁹⁹ (WALLIS, 2013, p.28-29, tradução nossa).

⁹⁹ No Original: [...] the specifically spiritual assertion here is that all limited consciousnesses (e.g., you and me) are merely vantage points within one all encompassing and unbroken [continuum] field of awareness. Actually, this too is logical, because if we were each separate islands of consciousness, discontinuous with the rest, we would not be able to communicate with each other or even share the same reality. [...]

To put it briefly, our brains synthesize an experience of reality through our limited senses, each of which functions as a different type of frequency analyzer directed at this fluxing field of energy all around us (and which we are not separate from). Sentient beings like us are simply nodal points of self-awareness, recursive movements of energy in an otherwise undifferentiated dynamic field. As thinking beings, we perform analytic and synthetic mental operations in our contemplation of reality. Some of those operations rigidify, becoming more or less durable and persistent mental constructs, which we then use as filters to select and interpret what we think is significant in reality, thereby narrowing further our already limited spectrum of perception. Then we make the final error of believing that the interpretive constructs we superimpose on reality are reality itself, instead of what they actually are, imperfect representations that served a particular need at a particular time. This wrong understanding causes us suffering. Indeed, it is the only cause of suffering.

“Cuidado. Compreenda nada. Toda compreensão é temporária”¹⁰⁰ (HERBERT, 1987a, p.246, tradução nossa, excerto presente em **Herdeiras de Duna**). Ou seja, a realidade intrinsecamente interdependente de nossos paradigmas, devido à impermanência e ao fluxo constante do universo, precisa direcionar-se a uma compreensão desapegada de suas estruturas, a uma compreensão que considere suas existências relativas enquanto *originações dependentes* (*Pratīyasamutpāda*), uma dança de formas (partículas) que surgem e se esvaem no continuum oceânico (ondas) de possibilidades ilimitadas e impermanentes do todo. A consciência, nesses termos, ao reintegrar e equilibrar as limitações mentais, devolve o sentido de organicidade e conexão com o macrocosmo, devolve o sentimento comunitário da humanidade em relação à natureza e ao universo.

"Estou na sagrada presença humana. Como eu, que você também esteja um dia. Suplico à sua presença que assim seja. Que o futuro permaneça incerto, porque ele é a tela que receberá nossos desejos. Portanto, a condição humana se defronta com sua eterna tabula rasa. Não possuímos mais que este momento, onde nos dedicamos continuamente à sagrada presença que compartilhamos e criamos" (HERBERT, 1987a, p.163, grifos do autor).

Estar conectado ao fluxo do todo requer um movimento oposto ao de ação e de atividade – nossas concepções reducionistas, ocidentais, pautadas na linearidade e na causalidade erroneamente engendram esse estado de conexão como um objetivo a ser alcançado, uma missão a ser conquistada, um fruto a ser colhido. Relembremos as palavras de Leto II anteriormente citadas: “Eu não desejo resultados. Eu apenas permito este campo que não tem metas ou desejos, não tem perfeições nem mesmo visões de conquistas” (HERBERT, 2008c, p.425, tradução nossa). Este excerto do **Imperador Deus de Duna** exhibe inevitáveis semelhanças com o *Zazen*, técnica meditativa do Zen-Budismo; nas palavras de Kodo Sawaki, o “Zazen é como retornar ao útero materno. Portanto, não é um meio para um fim”¹⁰¹ (ROSHI, 2014, p.116), e também “Zazen é a única maneira de nos conectarmos com o todo do universo. Samadhi é praticar cada e toda coisa junto ao universo inteiro,

¹⁰⁰ No original: “Be warned. Understand nothing. All comprehension is temporary”.

¹⁰¹ No original: Zazen is like re-entering our mother’s womb. Therefore, it is not a means to an end.

momento a momento”¹⁰² (ROSHI, 2014, p.187). Segue uma passagem de Wallis que explica mais profundamente esse estado de harmonia com o macrocosmo:

Quando você se percebe claramente, um brilho de reconhecimento aparece: você é precisamente uma expressão microcós mica dos mesmos poderes divinos que criam, mantêm e dissolvem todo o universo. Quando você percebe, por meio da experiência, que os mesmos poderes repletos de beleza e encanto que orquestram a exibição complexa e maravilhosa de toda a criação estão fluindo dentro de você, criando a você mesmo ao mesmo tempo em que você cria com eles, provendo a base do todo da sua experiência de realidade, uma transformação profunda acontece. Seu medo e mesquinhez desaparecem conforme você se conecta de maneira harmônica à dança da energia vital, percebendo que você mesmo era o único a limitar seu potencial. Uma explosão de regozijo acompanha a percepção de que não há nada mais a ser feito, nada mais a ser alcançado do que abraçar completamente os poderes divinos que procuram se manifestar através de você ao expressar a inteireza do seu ser autêntico na totalidade de cada momento, em um fluxo interminável de tais momentos. Este estado de consciência em que você está completamente conectado com a realidade, imerso em sua natureza divina, é chamado de *samāveśā*¹⁰³ (WALLIS, 2013, p.32, tradução nossa).

O imaginário da nossa sociedade contemporânea é dominado por desejos egoicos e mesquinhos, é dominado pela desconexão e desequilíbrio em relação à

¹⁰² No original: Zazen is the way we tune in to the whole universe. Samadhi is practicing each and every thing with the entire universe moment by moment

¹⁰³ No original: When you see yourself clearly, there comes a flash of recognition: you are a microcosmic expression of precisely the same divine powers that create, maintain, and dissolve this whole universe. When you experientially realize that the same beautiful and awesome powers that orchestrate the intricate and wondrous display of this entire creation are flowing within you, creating you even as you create with them, providing the very foundation of your whole experience of reality, there is a profound shift. Your fear and pettiness drop away as you harmoniously fall into the dance of life energy, realizing that you have been the only one who has ever limited your potential. An explosion of joy accompanies the realization that there is nothing to do, nothing to achieve, other than to fully embrace the divine powers that seek to manifest through you by expressing the entirety of your authentic being in the fullness of each moment, in an endless flow of such moments. This state of awareness in which you are completely in tune with reality, immersed in your divine nature, is called *samāveśā*

natureza e ao todo; coletivamente, *tomamos* tudo da Grande Mãe sem participar dessa *dança de energia vital*, sem compartilharmos nada nessa experiência única e misteriosa de estarmos vivos. Separamo-nos dos ciclos naturais possuídos por ilusões de grandeza que refletem nossa relação com o ambiente que nos cerca – tudo que não pertence ao campo limitado de nossos próprios egos tem potencial de se tornar um objeto ausente de *consciência* e, portanto, a ser explorado irrestritamente. Não coincidentemente carregamos concepções *reducionistas* da consciência devido ao paradigma que subjuga o inconsciente coletivo e que reflete a mecanização completa da humanidade e da sua relação com o todo. Estar em sincronia com o universo não requer atitudes que se prezam a resultados específicos, mas sim um movimento de desconstrução das muralhas mentais que construímos comumente para definir a experiência da realidade, muralhas que acabam por delimitar e debilitar o sentimento de interconexão ao fluxo do todo. No que diz respeito ao restabelecimento desta harmonia, Darwi Odrade, a Reverenda Madre responsável pela desestagnação das Bene Gesserits nos dois últimos volumes da série, revela que “Não há segredo em se equilibrar. Você só precisa sentir as ondas”¹⁰⁴ (HERBERT, 1987a, p.597 , tradução nossa).

¹⁰⁴ No original: There's no secret to balance. You just have to feel the waves.

3. A GRANDE MÃE, A ÁGUA DA VIDA E A INTERCONEXÃO COM O TODO

Neste capítulo iremos abordar o arquétipo polissêmico da Grande Mãe sendo a nossa principal fundamentação teórica pautada nos escritos de Erich Neumann em **The Great Mother: An analysis of the Archetype**. Já apresentamos previamente reflexões acerca da séria **Duna**, as quais suscitam uma reconexão do ego e do indivíduo com o Inconsciente que o engendrou e com o qual este mesmo ego sempre fora interdependente. Tanto o princípio da Sincronicidade quanto o Não-dualismo do Budismo e do Tantrismo ecoam o desejo primordial do substrato consciente da psique de se reconectar com a Grande Mãe, desejo de ser invadido pelo inconsciente, de ser dissolvido em um mar de indissociabilidade, um mar de interconexão com o todo. Entretanto, a formação de um ego saudável e harmônico é também um resultado da criação incessante da Grande Mãe em suas infinitas possibilidades e formas: a separação é também gerada pelo infinito do todo e, portanto, qualquer forma de se escapar da nossa condição egoica pode levar a concretizações metafísicas tão problemáticas quanto as concretizações pautadas na negação completa do infinito.

Não é coincidente que as análises pautadas na alquimia feitas por Jung são frequentemente associadas ao processo de individuação e que esta arte esotérica ancestral tenha como princípio a resolução entre opostos. Lembremos também das concepções metafísicas descritas no capítulo anterior no que tangem o fenômeno da Consciência (e aqui frisamos mais uma vez que a Consciência nos termos das escolas orientais difere do que classificamos na psicologia analítica como o substrato consciente e, portanto, egoico da psique; para clarificações neste capítulo que se segue sempre chamaremos o consciente da psicologia analítica de “substrato consciente”, “substrato egoico” ou “ego” – a Consciência, nos termos Budistas, Hinduístas ou Tantristas sempre virá em maiúsculo, e se assemelha à totalidade do Arquétipo como tal, em sua irrepresentatividade e inacessibilidade pela mente, ao infinito de possibilidades contidas no inconsciente coletivo, o chão de vacuidade, *Śūnyatā*, do qual as coisas se manifestam) enquanto instância que permeia o todo de maneira inseparável, conjecturada do próprio vazio nadificado e não-obstrutivo no qual constantemente se instanciam as infinitas formas geradas por

atos incessantes de criatividade. O Manifesto Atreides novamente é aludido metaforicamente para exemplificar em **Duna** estas percepções – as instanciações e manifestações no mundo das formas é resultado do ato constante de criação da Grande Mãe, da capacidade arquetípica de darmos vida às nossas criações, de parirmos tais formas na realidade manifesta: o comportamento indissociável enquanto *onda* conjuntamente ao ato de experienciar a realidade, ao ato de criação da Consciência participativa e da imaginação colapsam a função de *onda* e permitem que a realidade condense enquanto *partícula*, tomando forma e se tornando *relativamente* disassociada do todo que a gerou.

Esta metáfora do comportamento duplícito das sub-partículas atômicas enquanto *onda* e enquanto *partícula* (Todo x Indivíduo, Inconsciente x substrato consciente), como já discutimos no primeiro capítulo, é refletida por toda a obra de **Duna** e cabe aqui desenvolvermos brevemente também sua relação com o Tempo, tão comumente associado à imagem da *areia* escorrendo, sua relação com o nome do primeiro livro e com a condição desértica do principal planeta da série. As instanciações dos grãos de areia quando se separam, ainda que relativamente, do todo, aproximam-se do comportamento enquanto *partícula* da realidade e o fluxo do deserto enquanto a instância interdependente e indissociável de infinitos grãos se aproxima do comportamento enquanto *onda*. O próprio planeta **Duna** é uma representação da Grande Mãe e, portanto, uma manifestação arquetípica do estado de interconexão com o todo, da capacidade de gerar vida, cuidar, nutrir e também engolir de volta em seu ventre as instâncias *relativamente* separadas dos egos/grãos de areia que, por um breve momento no quantum espaço-temporal, tiveram sua função de *onda* colapsada e sua realidade enquanto *partícula* manifestada.

Depois de tudo que foi dito não é difícil de notar que o espaço é uma das mais importantes projeções do Feminino enquanto totalidade; se não houvessem outras indicações disso, seguiria-se a partir do seu caráter de receptáculo e de ovo cósmico. Mas o Feminino é também a deusa do tempo e, portanto, do destino. O símbolo no qual o espaço e o tempo estão conectados é o firmamento estelar que desde as eras primordiais são repletas de projeções humanas. [...] O ponto essencial é que cada uma dessas projeções são experiências

enquanto parte da vida da Grande Deusa que carrega e engloba todas as coisas. A dependência nos corpos luminosos, em todos os poderes celestiais e divinos, na Grande Mãe, em suas ascensões e quedas, seus nascimentos e mortes, suas transformações e renovações, estão dentre as experiências mais profundas da humanidade; [...] ela que contém as tábuas do destino, as constelações determinantes dos céus que são ela mesma. Adequadamente, a Grande Mãe é adornada pela lua e pelo manto estrelar da noite, é a deusa do destino, tecendo a vida conforme ela tece o destino¹⁰⁵ (NEUMANN, 1991, pg. 226).

Esta faceta descrita por Neumann na citação anterior nos revela também a relação deste arquétipo com o princípio de sincronicidade e com o poder presciente carregado geneticamente pelos Atreides no decorrer da série. As discussões deste capítulo pretendem demonstrar brevemente diversas das características presentes na Grande Mãe que transpassam a obra de **Duna**, entretanto, é necessário afirmar que a série reflete *amplamente* a simbologia deste arquétipo em diversos de seus motivos narrativos e fundamentações teóricas – ou seja, ainda que demonstremos diversas manifestações do Feminino em **Duna**, muitas serão, por ventura, não demonstradas devido a imensidade simbólica em que os seis livros da série (e também os livros complementares do universo) se aprofundam. A ordem das Bene Gesserits não é a única ordem matriarcal presente no universo, como vemos no desenrolar temporal a partir de **O Imperador Deus de Duna** – a série também nos apresenta as Oradoras Peixe, representantes de Leto II e as Honradas Madres, líderes dos grupos humanos que partiram para a Dispersão¹⁰⁶ depois da morte e queda do império de Leto Atreides II. Explicitaremos tanto o caráter *transformativo* quanto o *elementar* presentes na Grande Mãe além de suas concretizações

¹⁰⁵ No original: After all that has been said, it is not hard to see that space is one of the most important projections of the Feminine as a totality; if there were no other indications of this, it would follow from her character of containing vessel and cosmic egg. But the Feminine is also the goddess of time, and thus of fate. The symbol in which space and time are archetypally connected is the starry firmament, which since the primordial era has been filled with human projections. [...] The essential point is that each one of these projections was experienced as a part of the life of the Great Goddess, who bears and encompasses all things. The dependency of all the luminous bodies, of all the heavenly powers and gods, on the Great Mother, their rise and fall, their birth and death, their transformation and renewal, are among the most profound experiences of mankind. [...] she holds the tables of fate, the all-determining constellations of heaven, which is herself. And accordingly the Great Mother, adorned with the moon and starry cloak of night, is the goddess of destiny, weaving life as she weaves fate.

¹⁰⁶ Movimento dos seres humanos descendentes de Siona Atreides e de Duncan Idaho em busca de novos planetas e de expansão aos confins do universo ainda não conhecidos.

positivas e negativas e as relações com as projeções simbólicas da humanidade que habita o universo de **Duna** refletidas nas ordens matriarcais citadas, com devido enfoque nas Bene Gesserits e nas Honradas Madres. Ademais, é importante para determinadas percepções a serem descritas neste capítulo introduzirmos o conceito de *participation mystique* comumente utilizado na psicologia analítica uma vez que este conceito demonstra muito bem o estado de indiferenciação em que um conteúdo do inconsciente pode ser apresentado por meio de imagens, símbolos, objetos e outras entidades que habitam tanto o mundo exterior da materialidade quanto o mundo interno, onírico. Inclusive, a *participation mystique* é bastante discutida diretamente no 5º e no 6º livro da série além de ser um instrumento chave para entendermos a sincronicidade, o arquétipo da Grande Mãe e os diferentes papéis e máscaras que projetamos coletivamente a partir das egrégoras simbólicas emergentes de nossos construtos mentais. Nas palavras de Neumann:

Nosso primeiro esquema requer um entendimento do conceito de projeção. Assim como em um filme, em que uma imagem situada atrás do observador aparece à sua frente por meio da projeção da tela, conteúdos do inconsciente são primariamente projetados indiretamente como conteúdos do “mundo exterior” e não experienciados diretamente como conteúdos do inconsciente. Então, por exemplo, um “demônio” não é visto como parte do homem a quem ele aparece, mas como uma entidade que é presente e ativa no mundo exterior.

Em adição para o “plano exterior de projeção” existe sempre um “interior” no qual os conteúdos do inconsciente são espelhados. Fenômenos interiores que não são atribuídos a nenhum outro no mundo exterior, mas que mantém, como no caso de sonhos, seus caracteres de projeção. Então o mundo onírico se apresenta para o ego onírico como algo exterior e os conteúdos da projeção interna são de fato “conteúdos psíquicos” que são experienciados pelo ego onírico em projeções de caráter e conteúdo exterior¹⁰⁷ (NEUMANN, 1991, pg. 20).

¹⁰⁷ No original: Our first schema requires an understanding of the concept of projection. Just as in the motion picture an image situated behind the observer appears before him on the "projection" plane of the screen, so contents of the unconscious are primarily "projected" indirectly as contents of the "outside world" and not directly experienced as contents of the unconscious. Thus, for example, a

Algumas releituras contemporâneas reconfiguram a *participation mystique* como uma introjeção e não projeção, mas não nos atentaremos demasiadamente a essas diversidades teóricas; o que nos importa para entender **Duna** e o arquétipo da Grande Mãe é que, como já citado anteriormente, conforme o ego e o substrato consciente são imersos nas águas do inconsciente coletivo, as delimitações consequentes de uma capacidade analítica são relativamente diminuídas e os significados construídos através de processos metafóricos passam a se tornar imperativos – objetos de campos semânticos opostos compartilham seus significados de modo que os conteúdos presentes na psique são apresentados por meio da materialidade de objetos e entidades que passam a representar tais conteúdos; notemos que este tipo de projeção/introjeção é precisamente equivalente a um estado da psique comum a civilizações menos desconexas da natureza e, portanto, menos desconexas de sua matriarcalidade. Observemos que o princípio de sincronicidade opera precisamente no estabelecimento de significado comum entre um conteúdo da psique e uma manifestação no mundo material que a representa, revelando uma interconexão entre o ego, o inconsciente e a matrix do universo por meio de um estado de interdependência existencial. Devemos denotar também que o ato de criação inerente à sincronicidade descrito pelo Manifesto Atreides em **Duna** carrega em si a noção de *participation mystique*, em que o colapsar da função de *onda* ocorre por meio da participação da Consciência no ato de dar forma à experiência do real, no ato de manifestar os conteúdos da psique no universo material da *partícula*. No que tange o comportamento quântico e a *participation mystique*:

Mansfield e Spiegelman acentuam os paralelos entre experiências de *participation mystique* e a física quântica. Eles indicam que os fenômenos experienciados em sessões analíticas geralmente correspondem à atividade acausal e não-local de campos quânticos ao invés da atividade causal e local da física clássica na qual as ações entre os objetos em um campo são previsíveis. Eles também

"demon" is not regarded as a part of the man to whom he appears, but as a being who is present and active in the outside world.

In addition to the "outward plane of projection" there is an "inward" one, upon which the contents of the unconscious are mirrored. An inward phenomena they are not assigned to any outside world, but they retain, as in the case of dreams, their character of projections. Thus the dream world appears to the dream ego as something outside, and the contents of the inward projection plane are de facto "psychic contents" that are experienced by the dream ego in projection as outside content

apontam ao princípio da complementaridade e à subjacente e interdependente unidade do campo; um campo que é maior do que a soma de seus componentes e que gera propriedades inteiramente novas. Mansfield e Spiegelman denotam as implicações dessas correspondências para a percepção e compreensão da experiência de transferência, particularmente como é descrita por Spiegelman na sua teoria da psicoterapia como um “processo mútuo”¹⁰⁸ (WINBORN, 2014, p.14).

Com a diminuição do sentimento de separação nos abrimos para observar as sincronicidades que revelam a participação constante da Consciência na criação do universo manifesto e, portanto, ao borrarmos a fronteira entre o ego e o inconsciente (que é demasiadamente comum em civilizações matriarcais como nos aponta Neumann) a *participation mystique* irrompe a partir de uma perspectiva interconectada entre a vida subjetiva da psique e os entornos da natureza que engendraram esta mesma instância apenas *relativamente* separada. Estas concepções são facilmente comparáveis a ideias Budistas tão exploradas pela obra de **Duna** – o vislumbre do vazio de instâncias *absolutas* da realidade, apenas existentes enquanto interconectadas com todas as outras partes em um estado infinito de impermanência, de constante mudança, permite-nos por meio de atos dotados de criatividade imaginar novas maneiras de interrelacionar este mesmo fluxo engendrando novas formas de conceber a realidade tal qual a Grande Mãe pare constantemente novas formas de vida e novos organismos também interconectados. Leto Atréides II é um exemplo claro da Consciência enquanto *Śūnyatā*, enquanto o vazio que permeia diversas partes interdependentes; em **Os Filhos de Duna**, nos é revelado que o verme de areia do qual a especiaria surge e também do qual a Água da Vida é produzida é composto de milhares e milhares de trutas de areia¹⁰⁹ que se aglomeram concretizando uma imagem fractal do microcosmo que é refletido no

¹⁰⁸ No Original: Mansfield and Spiegelman highlight the parallels between participation mystique experiences and quantum physics. They indicate that the phenomena experienced in analytic sessions often parallels the non-local, acausal activity of quantum fields rather than the local, causal activity of classical physics in which the actions between objects in the field are predictable. They also point to the principle of complementarity and the underlying inter-dependent unity of the field; a field which is greater than the sum of the components present in the field and which generates entirely new properties. Mansfield and Spiegelman highlight the implications of these parallels for the perception and understanding of transference experience, particularly as it is described by Spiegelman in his theory of psychotherapy as ‘mutual process’.

¹⁰⁹ As trutas da areia são as formas larvais dos vermes da areia em Arrakis.

macrocosmo e vice-versa. Sabemos que para a concretização do *caminho dourado* Leto II se funde a trutas da areia e se torna um híbrido entre humano e verme da areia, uma metáfora muito bem construída pela obra para demonstrar que a Consciência é vazia enquanto instância absoluta que permeia o todo – o Imperador Deus de Duna é *precisamente* a interconexão entre as milhares de trutas da areia e de suas células que não existem enquanto instâncias absolutas, apenas relativas, em um estado permanente de feedback do microcosmo para o macrocosmo quanto do macrocosmo para o microcosmo. Relembremos uma citação de Boaz utilizada no capítulo anterior:

Ao invés, o tecido da realidade é, para a grande mente do budista não-dual do 2º século Nagarjuna, totalmente aparte ao si-mesmo, vazia e ausente de “qualquer pedaço de existência intrínseca”. Vazia de que? A existência relativa das coisas do espaço-tempo é vazia de qualquer existência permanente última e absoluta. Entretanto, fenômenos mentais e físicos são relativamente, convencionalmente reais em virtude de suas aparições no espaço-tempo para uma consciência que lhes percebe, designa e reifica, numa frequência excessivamente real de si-mesmo/ego/eu¹¹⁰ (BOAZ, 2019, acesso online).

A partir da ideia de *participation mystique* e de sua importância na obra de **Duna** e para que também exploremos mais densamente o arquétipo da Grande Mãe tão relevante em nossa análise, cabe acentuar que o estado de diminuição das funções do substrato consciente (*abaissement du niveau mental*) e a aproximação ao inconsciente provoca experiências intensas em que as fronteiras do eu são dissolvidas – o que é usualmente associado aos estados alterados de percepção que são demasiadamente descritos pela obra de Herbert, sendo frequentemente associados ao uso da especiaria.

¹¹⁰ No original: Rather, the furniture of reality is, for the great nondual Buddhist mind of 2nd century Nagarjuna, utterly selfless, empty and absent “any shred of intrinsic existence”. Empty of what? Relatively existing spacetime stuff is empty of any permanent ultimate absolute existence. However, mental and physical phenomena are relatively, conventionally real by virtue of their appearance in spacetime to a perceiving, designating, reifying consciousness, an often all too real self-ego-I.

Nesses momentos, disse ele [Jung], poderiam haver experiências poderosas de afeto, sentimentos numinosos em que as fronteiras entre uma pessoa e a outra são dissolvidas e o fenômeno da *participation mystique* predomina – os indivíduos tem experiências de junção e unidade com os outros (ou com o universo). Podem existir sensações de atemporalidade, eternidade (sentimentos que duram eternamente uma vez que não há um Eu para marcar o tempo), ‘vivenciando o presente’, universalidade e o que Freud chamou de sentimento oceânico. Sensações experienciadas nesse nível possuem uma noção de certeza e verdade que se seguem a partir de uma imediatez, de um poder e da ‘plenitude’ da experiência¹¹¹ (WINBORN, 2014, p.14).

Separamos dois trechos de **Os Filhos de Duna** em que Leto Atreides II se refere ao tempo atemporal e ao sentimento de eternidade do macrocosmo refletido em cada microcosmo. É importante denotar que a figura emblemática do Deus verme na obra é uma *abominação* – tal qual sua tia Alia e sua irmã Ghanima, Leto II teve seu frágil e ainda não concretizado ego invadido pelas memórias ancestrais enquanto ainda estava no ventre de sua mãe Chani. As *abominações* (terminologia das próprias Bene Gesserits) são exemplos perfeitos de seres que não possuem um Ego devidamente constituído e, portanto, por não possuírem fronteiras muito bem delimitadas estão em direto contato com as vozes e ecos do inconsciente coletivo.

Segue o primeiro excerto:

Primeiramente, sobre o Tempo: não há diferença entre dez mil anos e um ano; nenhuma diferença entre cem mil anos e uma batida de coração. Nenhuma diferença. Este é o primeiro fato sobre o Tempo.

¹¹¹ At these times, he [Jung] said, there could be powerful experiences of affect, numinous feelings, the boundaries between one person and another become dissolved and the phenomenon of *participation mystique* predominates—the individual has experiences of union and oneness with others (or the universe). There can be experiences of timelessness, eternity (feelings go on forever as there is no I to mark time), ‘living in the now’, universality and what Freud called oceanic feelings. Feelings experienced on this level have a sense of certainty, trueness and rightness that appears to follow from the immediacy, power and the ‘fullness’ of the experience.

E o segundo fato: o universo inteiro com todo o seu Tempo está dentro de mim¹¹² (HERBERT, 2008a, 144).

Segundo excerto:

[...] Passado-presente-agora. Não havia uma separação verdadeira. Ele sabia que deveria fluir com esta coisa, mas o fluir o aterrorizava. Como poderia retornar para qualquer lugar reconhecível? Ainda assim ele sentia a si mesmo forçado a cessar qualquer esforço em resistir. Ele não poderia agarrar seu novo universo em bits estáticos e nomináveis. Bit algum manteria-se parado. As coisas não podiam ser ordenadas ou formuladas para sempre. Ele precisava achar o ritmo da mudança e ver através das mudanças para a transformação em si. Sem saber onde começou ele se viu movendo-se dentro de um imenso momento de bem-aventurança, capaz de ver o passado no futuro, o presente no passado e o agora em ambos passado e futuro. Era a acumulação de séculos experienciadas entre uma batida do coração e outra¹¹³ (HERBERT, 2008a, p.384).

O segundo excerto acontece durante a agonia provinda da Água da Vida, durante uma experiência reveladora, um transe que é fruto da forma mais intensa e poderosa da especiaria. Ressaltamos aqui a diminuição das funções egoicas quando Leto II afirma que “Ele não poderia agarrar seu novo universo em bits estáticos e nomináveis” – o substrato consciente e também o processo analítico tão querido pela epistemologia iluminista e ultrarracional pretendem entender o universo cessando seu movimento, colocando seus fenômenos observáveis em estase completa, separando-os do fluxo interconectado do todo. “As coisas não podiam ser ordenadas ou formuladas para sempre” é uma demonstração precisa da ideia de

¹¹²No original: [...] First, as to Time: there is no difference between ten thousand years and one year; no difference between one hundred thousand years and a heartbeat. No difference. That is the first fact about Time. And the second fact: the entire universe with all of its Time is within me

¹¹³No original: [...] Past-present-now. There was no true separation. He knew he had to flow with this thing, but the flowing terrified him. How could he return to any recognizable place? Yet he felt himself being forced to cease every effort of resistance. He could not grasp his new universe in motionless, labeled bits. No bit would stand still. Thing could not be forever ordered and formulated. He had to find the rhythm of change and see between the changes to the changing itself. Without knowing where it began he found himself moving within a gigantic moment bienheureux, able to see the past in the future, present in past, the now in both past and future. It was the accumulation of centuries experienced between one heartbeat and the next

Śūnyatā a que nos referimos diversas vezes neste trabalho – o universo em constante fluxo e impermanência carece de um ordenamento absoluto e a procura por um construto mental que seja *absolutamente* real apenas encarcera a experiência humana e leva inevitavelmente à extinção. A busca pelo *caminho dourado* é exatamente a busca por um estado de equilíbrio entre o substrato consciente da psique e o Inconsciente, um estado em que a humanidade esteja livre da sobrevalorização do ego e de seu desejo de eternizar os construtos mentais que “não podem ser ordenados e formulados para sempre”.

A relevância dos trechos supracitados para este capítulo reside principalmente no caráter da Grande Mãe enquanto contentora das possibilidades do destino que são vislumbradas por meio de uma transformação espiritual que é fruto do uso da Água da Vida (e, portanto, da especiaria). O êxtase provocado por este tipo de experiência assim como a transformação espiritual que lhe é intrínseca são algumas das características mais relevantes do arquétipo em suas diversas manifestações e instanciações; o próprio engendramento da especiaria confere ao planeta **Duna** um status simbólico de Grande Mãe, tanto em seu caráter *elementar* quanto *transformativo* (os quais serão explicados em breve) – através de um processo natural dos ciclos vitais; conforme os vermes se instanciam, vivem na superfície do planeta e eventualmente se dissolvem nos mares de areia, tal qual a preparação de insumos que requer etapas precisas para sua conclusão, a especiaria nasce como um néctar produzido nas entranhas de **Duna**, resultada da vida/morte dos vermes que não passam de filhos e filhas deste sistema ecológico e desértico e, portanto, crias da Grande Mãe Arrakis. Este insumo na sua forma mais potente é capaz de mudar profundamente a humanidade, reatando suas conexões ancestrais (suas conexões com o inconsciente coletivo) e recebe um nome que também reafirma suas ligações arquetípicas à Grande Mãe: a Água da Vida. Vale denotarmos também que a Água da Vida requer a preparação humana e é comumente associada às Bene Gesserits¹¹⁴; nas aldeias Fremen, uma Reverenda Madre precisa tomá-la em seu estado ainda venenoso e em suas próprias entranhas *transformá-la, transsubstanciá-la* para um estado não venenoso que possa ser consumido nos rituais e orgias do povo do deserto. No que tange os mistérios transformativos do arquétipo:

¹¹⁴ Nos livros seguintes à **Duna** descobrimos que todas Reverendas Madres passaram pela agonia da especiaria e foram capazes de converter a Água da Vida.

Sempre que encontramos o símbolo do renascimento, nós temos um mistério matriarcal da transformação[...]. O simbolismo da transformação sempre se torna sacro onde, sobre e acima de processos puramente naturais de transformação, existe a intervenção humana; aonde deixa de ser um processo apenas da natureza do inconsciente e no qual a personalidade humana adentra e o aumenta. [...] Em todas tais formas de mistério, como por exemplo, a preparação da comida e da bebida, a feição de vestimentas, receptáculos, da casa, [...].

Transformações deste tipo não são originalmente processos “técnicos”, como nossa consciência secularizada enxerga, mas um mistério. Por essa razão o simbolismo conectado com esses mistérios primordiais sempre possui um caráter espiritual que transcende o meramente real¹¹⁵ (NEUMANN, 1991, pg. 59).

Denotemos neste trecho precisamente a sacralidade e o mistério envolvidos nestes processos transformativos – reflexo do arquétipo da Grande mãe que por seus meios misteriosos contém em si as possibilidades de ressignificação do todo, as quais são reveladas por meio da intuição e da proximidade ao inconsciente. O uso de substâncias que alteram a percepção ordenada do substrato consciente, levando-o ao êxtase e ao transe (e dependendo da intensidade e dosagem, à loucura e até à morte) é também um motivo arquetípico conectado ao feminino.

Então, por exemplo, uma sequência de transformação leva da fruta para o suco, então da fermentação para o intoxicante, no qual o caráter espiritual e lunar aparece em forma de poções de imortalidade como a soma, o néctar, hidromel e assim por diante. Outra dessas sequências ascende do reino natural das plantas para

¹¹⁵ No original: Whenever we encounter the symbol of rebirth, we have to do with a matriarcal transformation mystery[...]. Transformation symbolism always becomes sacral where, over and above the purely natural transformative process, there is an intervention by [hu]man; where it ceases to be a process only of nature of the unconscious and the human personality enters into it and heightens it. [...] In all such forms of mystery as, for example, the preparation of food and drink, the fashioning of garments, vessels, the house, [...].

A transformation of this kind is not originally a "technical" process, as our secularized consciousness sees it, but a mystery. For this reason the symbolism connected with these primordial mysteries always has a spiritual character transcending the merely real.

as essências dos venenos e dos remédios, nas quais o lado espiritual da criação triunfa e que também são governadas pela lua e pela Grande Mãe. Remédios e venenos são conteúdos numinosos que foram adquiridos e comunicados por meio de saberes misteriosos. Os comunicadores e provedores deste aspecto do Feminino – originalmente quase sempre mulheres – são figuras sagradas, como por exemplo, sacerdotisas. O caráter de transformação espiritual é mais evidente na conexão com intoxicantes, venenos e remédios. O sentimento de que se é transformado ao ingerir alguma dessas substâncias é uma das experiências mais profundas da humanidade. É significativo, no entanto, que essa transformação seja experienciada não como corpórea mas como espiritual¹¹⁶ (NEUMANN, 1991, p.59-60).

Especificamente no que tange o símbolo da Água da Vida em **Duna**, notamos que as Bene Gesserits representam diretamente a figura das sacerdotisas sagradas a que Neumann se refere no trecho acima; aquelas que detêm os segredos e mistérios da manufatura desta substância poderosa que é transmutada dentro de seus próprios corpos – o que outrora era um veneno mortal, pelos poderes de uma Reverenda Madre, passa a se tornar uma substância capaz de transformar espiritualmente a comunidade fremen (ou a própria irmandade matriarcal das Bene Gesserits). Neumann acrescenta:

Mesmo os símbolos matriarcais mais abstratos preservam sua relação com o simbolismo do corpo-receptáculo do Feminino. A sabedoria se torna o leite da sabedoria mantendo não somente o caráter transformativo na forma de leite-sangue mas também seu caráter enquanto alimento e sua conexão com a criação e com o

¹¹⁶No original: Thus, for example, a transformation sequence leads from the fruit to the juice, thence by fermentation to the intoxicant, whose lunar-spirit character appears in such potions of immortality as soma, nectar, mead, and so on. Another sequence rises from the natural realm of plants to the essences of poison and medicine, in which the spiritual side of creation triumphs, and which is likewise governed by the moon and in the last analysis by the Great Mothers. Medicines as well as poisons are numinous contents that have been acquired and communicated in mysterious wise. The communicators and administrators of this aspect of the Feminine - originally almost always women - are sacral figures, i.e., priestess. The character of spiritual transformation is most evident in connection with intoxicants, poison, and medicine. The feeling that he is transformed when he imbibes them is one of the deepest experiences of man. It is significant, however, that such a transformation is experienced not as corporeal but as spiritual.

nascimento por meio do Feminino. Analogicamente, o elixir preserva o caráter de símbolo natural, e o *summum bonum* aparece como erva ou fruta da imortalidade, licor ou *água da vida*¹¹⁷, como diamante ou pérola, flor ou semente¹¹⁸ (NEUMANN, 1991, p.61).

Por meio da *participation mystique* diversos povos humanos projetaram na figura da fêmea humana o arquétipo do Feminino devido a sua capacidade biológica de engendrar e nutrir a vida. A própria existência provém do mistério inerente ao nascimento e renascimento, que refletem o caráter transformativo do arquétipo da Grande Mãe. Sabemos que as fundamentações teóricas da psicologia analítica precisam de devidos esclarecimentos para que não se fortaleçam percepções sexistas, homofóbicas e transfóbicas: esforço tal que virá futuramente em novos trabalhos acerca da obra de Herbert capazes de elucidar que na vida psíquica própria de cada entidade humana existem todos os arquétipos em suas infinitudes de significações e de símbolos; o próprio estabelecimento das sociedades patriarcais também fortalecem papéis de gênero e forçam coletivamente que a humanidade se desconecte do infinito da sua psique e estruture seu ego a partir de delimitações que sejam socialmente compatíveis, mas este movimento é violento em seu extremo e também pautado em idealizações e construtos mentais profundamente enraizados nas egrégoras coletivas. Demonstramos nesta dissertação o quanto a série **Duna** propõe uma reconexão da humanidade com as possibilidades infinitas do todo (e, portanto, uma reconexão arquetípica com o Feminino que é intensamente oprimido em sociedades patriarcais) tendo como finalidade o desenvolvimento de uma capacidade de navegar no fluxo ilimitado e interconectado do universo sem negar o infinito de cada microcosmo refletido no macrocosmo e vice-versa. Separamos dois excertos para exemplificar nossa argumentação, ambos do **Imperador Deus de Duna**:

Primeiro excerto:

¹¹⁷ Termo comumente usado na Idade Média para se referir ao vinho. Do latim, Água da Vida, mas com relevância também para nossa análise devido ao termo dado à forma mais intensa da especiaria.

¹¹⁸ No original: Even the most abstract matriarchal symbols preserve their relation to the vessel-body symbolism of the Feminine. Wisdom becomes the milk of wisdom, and thus retains not only its blood-milk transformation character but also its character as food and its connection with creative birth through the Feminine. Similarly, the elixir preserves the character of the nature symbol, and the summum bonum appears as herb or fruit of immortality, as liquor or aqua vitae, as diamond or pearl, as flower or kernel.

Daquele poço de memórias que eu posso acessar a qualquer momento, padrões surgem. Eles são como qualquer outra língua que posso ver claramente. Os alarmes sociais que colocam sociedades em posturas de defesa/ataque são para mim como palavras gritadas. Enquanto um povo, vocês reagem às ameaças contra a inocência e aos perigos contra os jovens desamparados. Sons, visões e cheiros inexplicáveis crispam os ânimos que vocês esqueceram possuir. Quando alarmados vocês se apegam à sua língua nativa, pois todos os outros sons padronizados são estranhos. Vocês demandam vestimentas aceitáveis, pois trajes estranhos são ameaçadores. Isso é o feedback do sistema em seu nível mais primitivo. Suas células se lembram¹¹⁹ (HERBERT, 2008c, p.218).

Segundo excerto:

“Vocês não fazem ideia das orgias internas que estão disponíveis para mim. Eu sou o derradeiro voyeur – participante(s) e observador(es). Ignorância e incompreensões acerca da sexualidade causaram muita aflição. Quão abismalmente estreitos temos sido – quão miseráveis”¹²⁰ (HERBERT, 2008c, p.252).

O primeiro dos trechos supracitados nos revela a institucionalização dogmática de modelos que são estruturados culturalmente e o quanto reagimos a mudanças e desvios dessas normas estabelecidas socialmente – tanto o *medo* do novo e da mudança quanto a incapacidade de aceitarmos a infinidade de possibilidades do universo são traduzidos por meio do desejo de manutenção e de eternidade de um ego que age violentamente contra aquilo que é diferente,

¹¹⁹ No original: From that welter of memories which I can tap at will, patterns emerge. They are like another language which I see so clearly. The social-alarm signals which put societies into the postures of defense/attack are like shouted words to me. As a people, you react against threats to innocence and the peril of the helpless young. Unexplained sounds, visions and smells raise the hackles you have forgotten you possess. When alarmed, you cling to your native language because all the other patterned sounds are strange. You demand acceptable dress because a strange costume is threatening. This is system-feedback at its most primitive level. Your cells remember

¹²⁰ No original: "You have no idea what internal orgies are available to me! I am the ultimate voyeur – participant(s) and observer(s). Ignorance and misunderstandings about sexuality have caused so much distress. How abysmally narrow we have been – how miserly"

demonizando o caráter *transformativo* do Feminino. Este primeiro excerto revela precisamente o funcionamento básico de sociedades patriarcais que procuram eternizar os construtos mentais criados e institucionalizados em seus imaginários coletivos. O segundo excerto nos mostra quanto as limitações impostas no que concerne a sexualidade tornou a nossa experiência da realidade “abissalmente estreita” e consideravelmente “miserável”.

Toda vez que o fanatismo antivital do princípio espiritual masculino predomina, o Feminino é visto como negativo e mal, precisamente em seu caráter enquanto de criador, mantenedor e ampliador da vida. A vida – e o Feminino é seu arquétipo – é dita capaz de fascinar e agarrar, seduzir e encantar. As pulsões naturais e instintos sobrepõem o humano e o princípio masculino da luz e da consciência por meio da teia da vida, o véu de Maya, a ilusão “enredante” da vida no mundo. E conseqüentemente este princípio masculino do substrato consciente, que deseja permanência e não mudança, eternidade e não transformação, lei e não criatividade espontânea, acaba por “discriminar” contra a Grande Deusa e a transforma em demônio¹²¹ (NEUMANN, 1991, p.233).

Um dos principais temas que ecoa em diversas culturas e civilizações humanas é o do nascimento do filho divino provindo dos poderes geracionais da Grande Mãe. Este tema é precisamente um dos principais motivos narrativos do primeiro livro da série em que Paul Atreides é possivelmente este filho divino que é engendrado por uma Bene Gesserit, uma representação do arquétipo da Grande Mãe. Não coincidentemente a ordem matriarcal das Bene Gesserits detém imenso poder acerca da construção mitológica do universo de **Duna**. É importante ressaltarmos aqui que os poderes desenvolvidos por Paul o levam a um estado de equilíbrio entre o masculino e o feminino, entre o substrato egoico e o inconsciente

¹²¹ No original: Wherever the antivital fanaticism of the male spiritual principle predominates, the Feminine is looked upon as negative and evil, precisely in its character of creator, sustainer, and increaser of life. Now life - and the Feminine is its archetype - is said to fascinate and hold fast, lure and enchant. The natural drives and instincts overpower the human and the male principle of light and consciousness by means of the web of life, the veil of Maya, the "ensnaring" illusion of life in this world. And consequently this male principle of consciousness, which desires permanence and not change, eternity and not transformation, law and not creative spontaneity, "discriminates" against the Great Goddess and turns her into a demon

que o engendrou sendo ele, portanto, conjuntamente uma instanciação do Masculino e do Feminino.

- Mas foi... eu tomei a Água um segundo atrás e...

- Um segundo para você, três semanas de medo para mim - disse Jéssica.

- Foi só uma gota, mas eu a converti - disse Paul. - Transformei a Água da Vida.

[...]

- Há, em cada um de nós, uma força ancestral que tira e uma força ancestral que dá. Um homem não vê dificuldade em confrontar aquele lugar dentro de si mesmo onde vive a força que tira, mas, para ele, é quase impossível enxergar a força que dá sem se transformar em algo diferente de um homem. Para uma mulher, é a situação contrária.

[...]

- E você, meu filho - perguntou Jéssica -, você dá ou tira?

- Eu sou o fulcro - ele disse. - Não posso dar sem tirar e não posso tirar sem...

[...]

- Você viu o futuro, Paul - disse Jéssica. - Quer nos contar o que viu?

- Não o futuro - ele disse. - Vi o Agora. (HERBERT, 1984, p. 455).

O ato de conversão da Água da Vida de seu estado venenoso para uma forma consumível pela humanidade e a agonia envolvida no processo é um processo simbólico que reflete o arquétipo da Grande Mãe, como já discutimos anteriormente. A alquimia envolvida em um mistério ritualístico ao transubstanciar a Água da Vida é alcançável apenas por sacerdotisas e por tal motivo nenhum homem havia sido capaz de converter a substância antes de Paul. Nas palavras de Muad'Dib:

“Estas coisas são tão antigas dentro de nós,” Paul disse, “que elas são o solo entre cada célula separada de nossos corpos. Somos moldados por tais forças. Você pode dizer a si mesmo, ‘Sim, eu entendo como tal coisa pode ser’. Mas quando você olha para dentro e confronta sem barreiras a força cru de sua própria vida, entende o

perigo. Você vê que isto poderia lhe soterrar. O grande perigo para aquele que Dá é a força que toma. O grande perigo para aquele que Toma é a força que dá. É fácil ser sobrepujado tanto por dar quanto por tomar"¹²² (HERBERT, 2003, p.722).

A imersão em direção ao inconsciente e à própria força geracional da Vida por meio de um ato de transubstanciação da Água da Vida (que reflete o caráter transformativo da Grande Mãe) reflete que Paul foi capaz de se reconectar ao Feminino sem ser sobrepujado por tal força: Muad'Dib em sua iluminação torna-se o fulcro e, portanto, atinge o equilíbrio entre a força ancestral masculina que toma e a força ancestral feminina que dá. Nenhum homem antes de Paul fora capaz de sobreviver à agonia da Água da Vida uma vez que nenhum destes homens conseguiu se reconectar ao princípio gerador da Vida, se reconectar à Grande Mãe sem ter seu ego completamente dissolvido e engolido.

Não somente a noite, guiando-nos pelo a morte e pelo sono em direção à cura e ao nascimento, renova o ciclo da vida; mas, ao transcender a escuridão terrena, a noite sublima a própria essência da vida através da erupção provinda das profundezas dos poderes que, na embriaguez e no êxtase, na poesia e na iluminação, na divinação e na sabedoria, permitem à humanidade alcançar uma nova dimensão do espírito e da luz. Nós temos repetidamente nos referido ao aspecto espiritual do caráter transformativo feminino, que leva por meio do sofrimento e da morte, do sacrifício e da aniquilação, à renovação, ao renascimento e à imortalidade. Mas tal transformação só é possível quando aquilo à ser transformado entra completamente no princípio Feminino, ou seja, morre ao retornar para o Receptáculo Materno [...], ao ventre da noite ou do inconsciente"¹²³ (NEUMANN, 1991, p.291-292).

¹²² No original: "These things are so ancient within us," Paul said, "that they're ground into each separate cell of our bodies. We're shaped by such forces. You can say to yourself, 'Yes, I see how such a thing may be.' But when you look inward and confront the raw force of your own life unshielded, you see your peril. You see that this could overwhelm you. The greatest peril to the Giver is the force that takes. The greatest peril to the Taker is the force that gives. It's as easy to be overwhelmed by giving as by taking"

¹²³ No original: Not only does the night, leading through death and sleep to healing and birth, renew the cycle of life; but, transcending earthly darkness, it sublimates the very essence of life through the eruption from the depths of those powers that, in drunkenness and ecstasy, poetry and illumination, manticism and wisdom, enable man to achieve a new dimension of spirit and light. We have

Antes de ser acordado por Jéssica e Chani, Paul esteve no transe da especiaría em um estado catatônico por três semanas – a experiência vivida por Muad’Dib também reflete o potencial transformativo da Grande Mãe, como o trecho acima citado de Neumann nos demonstra. As profundezas interiores do inconsciente modificam substancialmente àqueles que se entregam inteiramente ao ciclo de morte e renascimento, ao ciclo infinito de impermanência da natureza e do universo; adentrar completamente no Feminino requer um abandono da *casca* cristalizada do ego apenas para que o néctar divino possa ser devidamente recebido como recompensa pelo enfrentamento da etapa mais densa e abissal da jornada do herói (notemos que esta etapa descrita por Neumann ecoa precisamente o momento da jornada do herói, como descrito por Campbell, em que o herói desce às profundezas da Terra para enfrentar monstros variados e quando é vitorioso na batalha, “renasce” recebendo as devidas recompensas). Paul se torna um profeta e vidente precisamente por se equilibrar entre as forças masculinas (do substrato consciente) e as forças femininas (do Inconsciente), resgatando o mistério inerente à vida e reatando suas conexões com o estado de eterna ressignificação e transformação da realidade. O caráter *transformativo* do arquétipo da Grande Mãe é bem traduzido pela metáfora da iluminação de Paul que precisa reestruturar sua centralidade em uma camada mais próxima do Inconsciente (uma camada *fulcral*, equilíbrio entre o Masculino e o Feminino); isto deflagra o quanto a sobrevalorização do ego e de seu desejo de eternidade são incapazes de aceitar a impermanência intrínseca aos processos do Universo que estão em um fluxo constante. Esperamos que o caráter *transformativo* esteja relativamente claro e, no que tange o caráter *elementar* do arquétipo, notamos que este também pode ser traduzido pela experiência transcendental de Paul (e eventualmente de outros personagens da série, como Leto II, Siona Atreides, Odrade e Murbella); tal característica do arquétipo da Grande Mãe, quando experimentado positivamente, reflete a capacidade do Feminino em nutrir e cuidar da vida. Quando experimentado negativamente reflete o medo inerente ao ego de ser completamente dissolvido, tragado, engolido pela morte e pelo inconsciente (o que acontece devidamente a todos os homens que tentaram

repeatedly referred to the spiritual aspect of the feminine transformative character, which leads through suffering and death, sacrifice and annihilation, to renewal, rebirth, and immortality. But such transformation is possible only when what is to be transformed enters wholly into the Feminine principle, that is to say, dies in returning to the Mother Vessel [...], the womb of night or the unconscious.

converter a Água da Vida antes de Paul, muito provavelmente a um excesso egoico de suas partes como nossa análise aqui revela). Devemos afirmar que, ainda que possamos experimentar constelações relativamente específicas, por meio de projeções, do arquétipo, ele sempre trabalha em sua totalidade nas profundezas da psique. Tanto o caráter *transformativo* quanto o caráter *elementar* operam interconectadamente – *elementar* e *positivo* para o ego quando este é nutrido e acariciado com o propósito eventual de, por ação do caráter *transformativo*, ser parido ao mundo da luz e da realidade manifesta; entretanto, devido ao desejo de estabilidade e permanência do ego, ele passa a experimentar de forma negativa a Grande Mãe que não cessa o caráter *transformativo* a fim de reabsorver este substrato consciente em suas entranhas, em sua *elementariedade*, em um ciclo infinito de nutrição e cuidado, transformação, morte e dissolução. Nascimento, vida, morte, nascimento, vida e morte são processos que não cessam e que traduzem exatamente o funcionamento de ambos os caracteres do arquétipo mencionado. Sobre a interrelação nascimento-morte e a projeção do arquétipo da Grande Mãe nas mulheres, Leto II em **O Imperador Deus de Duna** nos demonstra:

“Você entende sobre a morte”? ele perguntou. “Você deve entender. A espécie deve entender. Toda vida deve entender.”

“Me ajude, Senhor,” ela sussurrou

“É a experiência mais profunda de qualquer criatura, ele disse. “Sem a morte surgem as coisas que a espelham – doenças que ameaçam a vida, agressões e acidentes... o parto para uma mulher... e em algum momento era o combate para os machos.”

[...]

“As mulheres sabem isso mais que o homem por que o parto é o reflexo da morte”¹²⁴ (HERBERT, 2008c, p.330-331).

¹²⁴ No original: "Don't you understand about death"? he asked. "You must understand. The species must understand. All life must understand."

"Help me, Lord," she whispered.

"It is the most profound experience of any creature," he said. "Short of death come the things which risk and mirror it - life-threatening diseases, injuries and accidents... childbirth for a woman... and once it was combat for the males."

[...]

"Women know this more often than men because birth is the reflection of death."

Para exemplificarmos de maneira mais compreensível sobre o caráter *elementar* e o caráter *transformativo* do arquétipo da Grande Mãe citaremos um poema de Pavana Reddy musicado por Anousha Shankar em seu álbum **Land of Gold**. Este álbum, de uma das mais importantes compositoras da música indiana contemporânea, tem como principal temática o aumento migracional da última década e a situação devastadora de diversos povos que são forçados a abandonarem sua terra *materna* devido a incontáveis conflitos. O poema “Remain the Sea” elucida muito bem a simbologia da Grande Mãe e reflete na construção narrativa do álbum de Anoushka uma conexão com nossas origens, com a terra *materna*. Não estamos traduzindo *motherland* como pátria mãe nessa dissertação uma vez que a noção de *pátria* (*pater* em latim, que origina a palavra *pátria*, significa *pai*) se pauta em uma devida separação e é reforçada pelo *patriarcado* para aumentar as fronteiras entre a humanidade e fortalecer posturas belicosas pautadas no *modus operandi* daqueles que “tomam e não dão”.

A Mãe engole areia dourada
Sussurra ela está tragando de volta o que é dela

Seus pés são dois divididos continentes
Seu coração é o mapa do mundo.

Deite-se comigo durante minha tempestade,
Ela diz. Seja a lua para o meu mar.
Eu lhe pergunto, Mas aonde vai o coração
Quando ele é tirado da terramãe?

Sou como o céu,
Grávida de vida e procurando
Por um lugar seguro para parir

A Mãe quebra seu corpo contra
A praia, diz que a dor é o que
Carregamos em nossas costas, o amor é
A quietude do peso.

A morte da terramãe
 Não está naquilo que deixamos para trás,
 Ela diz, mas em tudo aquilo que esquecemos
 E você não é privilegiada.

Você é uma criança do fogo e da água,
 A força para ser a tempestade
 e carregá-la está dentro de você.

Então tempesteie, ela diz.
 E eu te carregarei em cada gota.
 O corpo é um continente.
 Mas que seu coração sempre permaneça o mar¹²⁵(SHANKAR, 2016,
 acesso online).

¹²⁵ No original: Mother swallows golden sand
 whispers she's taking back what's hers.

Her feet are two split continents.
 Her heart is the map of the world.

Lay with me through my storm,
 she says. Be the moon to my sea.
 I ask her, But where does the heart go
 when it's taken from the Motherland?

I am like the sky,
 pregnant with life and searching
 for a safe place to empty.

Mother crashes her body against
 the shore, says pain is what we
 carry upon our backs, love is being
 silent about the weight.

The death of the Motherland
 is not in what we leave behind,
 she says, but in everything we forget,
 and you are not so privileged.

You are a child of fire and water,
 the strength to be the storm
 and to carry it is within you.

So storm, she says.
 And I will carry your every drop.
 The body is a continent.
 But may your heart always remain the sea.

O começo do poema relaciona a imagem do Mar com a imagem da Mãe representando o caráter *elementar* que, por meio da maré e de suas ondas, traga a areia de volta para o Mar de indissociabilidade representados pelo Inconsciente. Relembremos também do comportamento duplícito de partículas quânticas e do Manifesto Atreides – a função de *onda* que associamos nesta dissertação ao fluxo interconectado do todo, ao Inconsciente, ao Tao e à Grande Mãe se refletem no poema pelo comportamento de *onda* inerente ao Mar. A água é também um símbolo relativamente associado ao Feminino e à Grande Mãe, especialmente quando apresentado imagetivamente na forma do Mar, tal qual faz o poema. Estes primeiros versos ilustram bem o caráter *elementar* do arquétipo em que as partículas de areia são engolidos de volta ao ventre que as originou, conforme Neumann, “Pois essa mulher que engendra a vida e todas as coisas vivas é a mesma que as engole de volta em si mesma¹²⁶” (1991, p.149). A imagem do coração como o mapa do mundo reflete dois aspectos relevantes do arquétipo: primeiramente a própria simbologia do coração e do Amor como centralidade da própria Vida e que é densamente discutida em **Hereges de Duna** e **Herdeiras de Duna** quando Odrade compreende que as Bene Gesserits também haviam enrijecido seus dogmas e perdido o contato com suas próprias emoções e com o Amor – são decisões heréticas da própria Odrade ou de sua ancestral Lady Jessica, pautadas neste Amor, que desembocam em profundas mudanças à humanidade e que às reconectam ao princípio gerador da vida; a própria ordem matriarcal ancestral em **Duna** ainda era dominada pela sombra de um mecanicismo e pelo desejo de poder e eternização de seus próprios construtos e, se não fossem as atitudes de algumas *hereges* que desafiam a estagnação dogmática institucionalizada, as Bene Gesserits não seriam capazes de sobreviver nem de *transformar* a humanidade junto ao *caminho dourado*. Nas palavras de Odrade, em **Herdeiras de Duna**:

O amor que as Bene Gesserit tentavam negar estava em todos os lugares, Odrade pensou. Em pequenas coisas e grandes. Quantas maneiras haviam de se preparar alimentos deliciosos e nutritivos, receitas que eram realmente incorporações de amores antigos e novos.

¹²⁶ No original: For this woman who generates life and all living things on earth is the same who takes them back into herself

[...]

A mais pura essência das Bene Gesserit estava encoberta em amores. Por que então cuidar das necessidades não ditas que a humanidade sempre carregou? Por que então trabalhar para a perfeiteabilidade da raça humana?¹²⁷ (HERBERT, 1987a, p.436).

Como já discutimos neste capítulo, o ato preparatório da comida, a transformação ritualística em suas origens matriarcais é um reflexo do caráter *transformativo* da Grande Mãe, e nas palavras de Odrade, são “incorporações de amores antigos e novos”. O segundo aspecto para nós relevante em “Seu coração é o mapa do mundo” escritos no poema de Pavana Reddy se refere à Grande Mãe enquanto “A Grande Roda” (cf. Neumann), contentora de todas as possibilidades do todo – o mapa para o mundo contém todos os caminhos e possibilidades para a vida seguir seu curso, contém em si as tábuas do destino. Neumann explicita muito bem esta simbologia a partir da deusa babilônica Tiamat que é a “mãe de todas as coisas” e contentora do próprio universo; para o Tantrismo vemos em Shakti esta mesma capacidade enquanto *creatrix* do universo, que na forma de Maya conjura o véu primordial a partir do qual a realidade se constitui. As tradições não matriarcais que encontramos na multiplicidade do hinduísmo caracterizam Maya como a “ilusão” que nos impede de atingir a iluminação e que nos prende ao Samsara, sendo o próprio Samsara um tipo de círculo que contém o universo manifesto. Entretanto, é importante que relembremos de Nagarjuna e o Budismo não-dual (que se aplica também ao Tantrismo não-dual) – “Não há diferença última entre o Nirvana (*iluminação*) e o Samsara”.

[...] o inconsciente é a mãe de todas as coisas, e todas as coisas que permanecem sob a luz da consciência são como crias em relação à escuridão tal como a consciência, que é também uma criança dessas profundezas primordiais. [...] Tiamat é o verdadeiro princípio de

¹²⁷ No original: The love the Bene Gesserit tried to deny was everywhere, Odrade thought. In small things and big. How many ways there were to prepare delectable, life-sustaining foods, recipes that really were embodiments of loves old and new.

[...]

The very essence of the Bene Gesserit was concealed in loves. Why else minister to those unspoken needs humanity always carried? Why else work for the perfectibility of humankind?

originação: mãe de todos os deuses e possuidora da tábua do destino.

[...]

Tiamat sobrevive à morte de Apsu e quando ela é finalmente derrotada por Marduk, o deus solar e patriarcal, os cofres superiores do paraíso e os cofres inferiores do submundo são formados de seu corpo. Então, mesmo após sua derrota, ela permanece a toda-contentora Grande Roda¹²⁸(NEUMANN, 1991, p.212-213).

O símbolo do coração e sua relação com a Grande mãe continuam sendo tópicos de extrema relevância para o poema de Pavana Reddy, como podemos notar nas estrofes subsequentes. A criança/ego que dialoga com a Mãe/inconsciente no poema questiona exatamente o processo de separação em “Mas aonde vai o coração quando ele é tirado da terramãe?” – a resposta da Mãe ecoa o eterno processo de engendramento da vida e o caráter *espácio-temporal* referente ao arquétipo. O tempo e seus ciclos (que hoje também percebemos estarem intimamente conectados à fábrica do cosmos e ao espaço) são reflexos do Feminino e do Universo, devido ao caráter *transformativo* da Grande Mãe que, ao ser fecundada, passa a nutrir a vida que habita em si apenas para que, de forma segura, possa parir as formas imaginadas pelo Inconsciente em suas infindas possibilidades. A relação do tempo com a Lua é essencial para o entendimento da temporalidade uma vez que, por *participation mystique*, diversos grupos humanos comumente associaram os ciclos menstruais aos ciclos lunares. O mesmo Amor, provindo do coração, que por meio do caráter *elementar* do arquétipo provém cuidado e nutrição para o bebê é responsável por *transformá-lo* constantemente e lhe dar liberdade para experimentar e vivenciar o mundo – é notável que a dor do bebê, ao sentir-se desprotegido ou abandonado, também atinge a Grande Mãe, mas é a própria força do Amor (“o amor é estar em quietude apesar do peso”) contida na Infinitude do Inconsciente que move as areias do tempo permitindo que todas as suas crias

¹²⁸ No original: [...] the unconscious is the mother of all things, and all things that stand in the light of consciousness are childlike in relation to the darkness as is consciousness, which is also a child of these primordial depths. [...] Tiamat is the actual principle of origination: mother of the gods and possessor of the table of fate.

[...]

Tiamat survives the death of Apsu, and when she is finally defeated by Marduk, the patriarchal sun god, the upper vault of heaven and the lower vault of the underworld are fashioned from her body. Thus, even after her defeat, she remains the all-containing Great Round

possam vir a nascer e a viver por um breve momento, apenas para que retornem eventualmente às águas marítimas da Mãe, reciclando a energia em um ciclo infinito de nascimento-morte-renascimento.

Uma vez que ela governa o crescimento, a Grande Mãe é uma deusa do tempo. Este é o motivo que ela é uma deusa lunar, pois a lua e o céu noturno são manifestações visíveis do processo temporal dos cosmos e é a lua, não o sol, o verdadeiro cronômetro das eras primordiais. Desde a menstruação, com sua suposta relação com a lua e a gravidez, a mulher é regulada e dependente do tempo; portanto é ela quem o determina – em uma magnitude muito superior do que o homem, com sua tendência em conquistar o tempo, sua tendência em direção da eternidade. A qualidade temporal tanto como o elemento da água são correlacionados ao Feminino e esta conexão é feita plena pelo símbolo do fluxo da vida¹²⁹ (NEUMANN, 1991, p.226-227).

A “morte” da mãe, ou seja, o sentimento de abandono e de separação quando fortalecidos não estão no que “deixamos para trás”, visto que, faz parte do processo da vida e do caráter *transformativo* o engendramento do ego – o substrato consciente precisa de sua relativa separação para poder agir no mundo, para semear o universo a partir dos ecos criativos que se originam do mesmo Inconsciente que lhe deu forma. Ou seja, este sentimento de desconexão não reside em sair do ventre materno, pois a Grande Mãe, por meio do Amor, provê forma e relativa autonomia para suas crias – a separação do fluxo do todo está precisamente em *esquecermos* de nossas origens, de *esquecermos* da interconexão de todos os processos que constituem o universo. Ao sobrevalorizarmos o substrato consciente da psique acabamos por perder o contato com o Inconsciente e com nossas origens, síndrome esta que é comumente visível na tomada simbólica do patriarcado e seu desejo de eternidade. Este próprio centramento em torno do ego fortalece uma ideia

¹²⁹ No original: Since she governs growth, the Great Mother is goddess of time. That is why she is a moon goddess, for a moon and night sky are the visible manifestations of the temporal process in the cosmos, and the moon, not the sun, is the true chronometer of the primordial era. From menstruation, with its supposed relation to the moon, pregnancy, and beyond, the woman is regulated by and dependent on time; so it is she who determines time - to a far greater extent than the male, with his tendency toward the conquest of time, toward timelessness and eternity. The temporal quality as well as the element of water are to be correlated with the Feminine, and this connection is made plain in the symbol "stream of time".

de superioridade e privilégio, mas a Mãe nos lembra: “você não é tão privilegiada”; ela continua, “você é uma criança do fogo e da água”, ou seja, residem em você o Masculino (comumente associado ao fogo, como vemos na mitologia babilônica é Marduk, o Deus do Fogo que rompe o ventre de Tiamat) e o Feminino (comumente associado à água). Reside em você o comportamento de *partícula* e de *onda* – em sua totalidade você é ambos, cada gotícula de água presente na *tempestade* representa uma instância apenas *relativamente separada*, representa o comportamento na forma de partícula e enquanto *tempestade* você contém todas as possibilidades e movimentos do todo. Esta própria tempestade nunca esteve *essencialmente* separada do Mar que lhe deu forma – as gotas d’água persistem por um breve momento apenas para que sejam tragadas de volta ao mar de indissociabilidade do todo. O final do poema metaforiza o corpo enquanto instância *particular* e *separada*, ao sermos manifestados no mundo da forma e ao cristalizarmos nossa individualidade por meio de nosso corpo e dos continentes delimitados que emergem das profundezas do Mar, acabamos por nos esquecer do sentimento oceânico de fusão primordial – “O corpo é um continente. Mas que seu coração sempre permaneça o mar”, a resolução para a sobrevalorização do substrato consciente e da tomada simbólica do patriarcado jaz em lembrarmos desta origem e interconexão com o universo que ecoa por meio do símbolo do coração e das águas profundas e repletas de Amor da Grande Mãe.

Em nosso esquema, então, conectamos esse grupo simbólico ao centro da grande mulher-corpo-receptáculo, o coração. Verdadeiramente, a sequência respiração-logos, como diversos outros símbolos e grupos simbólicos, foram tardiamente apropriados pelo patriarcado, mas suas origens matriarcais podem ser reveladas em todos os lugares. Por exemplo, um mito egípcio, registrado em um momento quando o patriarcado havia reavaliado a situação matriarcal original, contém as seguintes palavras: “O Demiurgo que criou todos os Deuses e seus Kas está em seu coração e em sua língua.” Aqui já podemos discernir a tendência masculina em direção a um espírito abstrato que encontra sua expressão mais clara na doutrina Mosaica da criação por meio da palavra, mas subjacente ainda percebemos a situação primordial em que o mundo “nasce” enquanto essência da totalidade corpórea divina, a Grande Roda – a

situação em que é dito: “Meu coração, minha mãe, meu coração, minha mãe! Meu coração de transformações”¹³⁰ (NEUMANN, 1991, p.61).

Pavana Reddy e seu poema “Remain the Sea”, como vemos, ilustra de maneira precisa o arquétipo que nos propusemos a analisar neste capítulo – em seu caráter *elementar* a Grande Mãe cuida e provê as necessidades de seus filhos até o ponto de tragá-los de volta ao mar do inconsciente enquanto o caráter *transformativo* permite que, conforme o escorrer do tempo, relativa autonomia seja garantida para que as gotículas d’água ajam por meio da força da tempestade no mundo. Em **Hereges de Duna** e **Herdeiras de Duna** nos é apresentada a ordem das Honradas Madres, herdeiras de Siona Atreides e das Oradoras Peixes que partiram para a Dispersão depois da queda do império de Leto Atreides II. As Honradas Madres encarnam a figura da *mãe terrível* que domina o princípio masculino do substrato consciente mantendo-o cárcere e não garantindo sua relativa autonomia, ou seja, representando em um nível excessivo o caráter *elementar* concretizado de maneira *negativa*. Ao retornarem da Dispersão, as Honradas Madres mantêm controle sobre uma parcela da humanidade que, por necessidade, expandiu-se para confins do universo ainda não conhecidos e habitados; entretanto este controle é efetivado por rédeas curtas, um domínio pautado na privação e no enredamento de uma população subserviente aos poderes sexuais altamente viciantes desenvolvidos pela ordem – o ego dos servos das Honradas Madres se mantém presos ao jugo *elementar* desta representação simbólica da Grande Mãe que, em sua forma *terrível* não permite que nada seja independente ou livre do alcance de seus poderes.

[...] existem situações em que o papel do Feminino Arquétipico é mais ativamente negativo. Ele usa então a “ausência de amor” como um instrumento de poder, como um meio de perpetuar o reinado da

¹³⁰ No original: In our schema, accordingly, we have related this symbol group to the center of the great woman-body-vessel, the heart. True, the breath-logos sequence, like many other symbols and symbol groups, was later appropriated by the patriarchy, but it everywhere reveals its matriarchal origin. Thus an Egyptian myth, recorded at a time when the patriarchy had completely reevaluated the original matriarchal situation, contains the words: "The Demiurge who created all the Gods and their Kas is in his heart and in his tongue." Here we already discern the masculine trend toward an abstract spirit that has found its clearest expression in the Mosaic doctrine of creation by the word, but beneath it we still perceive the primordial situation in which the word is "born" as essence of the divine corporeal totality, the Great Round - the situation in which it is said: "My heart, my mother, my heart, my mother! My heart of transformations"

Grande Mãe, impedindo suas crias de adquirirem independência. Neste momento, rejeição e deprivação se transformam em apego e até mesmo no enredamento que encontramos como funções negativas do caráter elementar¹³¹ (NEUMANN, 1991, p.68).

Os enredos do quinto e do sexto livro narram o conflito entre as Bene Gesserits e as Honradas Madres que retornam ao território do “antigo império” desejando tomar o controle e poderio desta região; devemos ressaltar que próximo ao término do império de Leto II os Ixianos desenvolvem naves¹³² capazes de viajarem sem a necessidade de um piloto sob o efeito da especiaria – isto leva a humanidade a depender menos da droga e de seus efeitos psicotrópicos e permite que o domínio e poderes das Honradas Madres não necessitem do consumo e produção da substância que movia o Império no começo da série. Inclusive, a ordem matriarcal que se concretizou simbolicamente a partir de representações *terríveis* e *negativas* do caráter *elementar* da Grande Mãe, em seu retorno, busca precisamente aquilo que as Bene Gesserits possuem por meio da especiaria: a reconexão com a sua ancestralidade, o acesso ao inconsciente coletivo e um resgate do caráter *transformativo* do arquétipo. Discutimos já de maneira breve como a produção da Água da Vida e a agonia da especiaria são representações características da transformação espiritual que diz respeito à porção *transformativa* da Grande Mãe – as Bene Gesserits são responsáveis por guiar a humanidade neste processo de renovação constante, no ciclo de vida-morte, representando para o universo de **Duna** precisamente a não-absoluzidade da realidade que por meio de sua impermanência sempre se renova. Esta impermanência que associamos ao conceito budista de *Śūnyatā* revela precisamente o vazio de uma instância essencialmente real e também a interconexão do todo por meio da imagem da *Grande Roda* que além de conter todas as potencialidades não-manifestas do universo está sempre em movimento e mudança – nas palavras de Leto II “Se você deseja denominar o Absoluto, use seu nome correto: Temporário” (HERBERT, 1981, p.565). O trauma do substrato egoico surge precisamente quando o caráter *elementar* é relativamente

¹³¹ No original: [...] there are situations in which the role of the Archetypal Feminine is more actively negative. Then it uses the "withdrawal of love" as an instrument of power, as a means of perpetuating the rule of the Great Mother, of preventing her offspring from achieving independence. At this point, rejection and deprivation change into the clinging and even ensnaring that we have encountered as negative functions of the elementary character.

¹³² São chamadas de ‘não-naves’ na série.

diminuído e por meio da ação do caráter *transformativo* este mesmo ego se concretiza e toma forma no mundo ao ser parido; o desejo por uma eternidade que está posta além do mundo manifesto, conjecturada através dos construtos mentais que fabricamos, não passa de um desejo efêmero de retornar ao ventre materno – paradoxalmente este mesmo substrato egoico que deseja retornar ao paraíso uterino para reaver sua interconexão com o todo passa a negar, destruir e tomar posse das manifestações provindas desta mesma Grande Mãe que lhe deu forma e à qual ele nunca deixou de estar interconectado. A tomada simbólica do patriarcado e daqueles que “tomam sem dar nada em retorno” pode ser associada ao comportamento de uma criança melindrosa que precisa afirmar sua existência destruindo e dominando o próprio ecossistema que lhe garante vida e que permite o seu crescimento. Citamos nos capítulos anteriores diversos trechos da série **Duna** que revelam a conexão simbólica das Bene Gesserits com o caráter *transformativo* no que tange a impermanência da realidade e a ausência de um caráter absoluto, em sentenças proferidas por Lady Jessica, Darwi Odrade ou Leto II – lembremos que aos olhos do substrato consciente qualquer tentativa de mudança das estruturas sociais e dos construtos mentais que são cristalizados devido ao desejo de estase e eternidade podem parecer atitudes revolucionárias. A própria palavra revolução tem sua relação etimológica com um tempo cíclico em que um corpo astral retorna periodicamente a determinado ponto e ao qual podemos relacionar inevitavelmente a simbologia da Grande Mãe enquanto Deusa do tempo e dos ciclos (e, portanto, da mudança). Nas palavras de Odrade, em **Hereges de Duna**:

Ela reconhecia a necessidade. Era uma concepção antiga copiada de sociedades revolucionárias e secretas. As Bene Gesserit sempre haviam visto a si mesmas como revolucionárias permanentes. Era uma revolução que havia apenas sido impedida nos tempos do Tirano, Leto II¹³³ (HERBERT, 1987b , p.26).

As Bene Gesserits são revolucionárias permanentes pois encarnam precisamente o caráter *transformativo* que simboliza a infundável impermanência do

¹³³ No original: She recognized the necessity. It was an ancient design copied from secret revolutionary societies. The Bene Gesserit had always seen themselves as permanent revolutionaries. It was a revolution that had been dampened only in the time of the Tyrant, Leto II.

mundo manifesto e é por meio de seus poderes que a humanidade participa do jogo evolutivo genético em um processo de renovação constante. Ou seja, de um lado temos o caráter *elementar* da Grande Mãe simbolizado por meio das Honradas Madres e de outro o caráter *transformativo* simbolizado por meio das Bene Gesserits. O conflito entre as ordens matriarcais representa exatamente a polivalência do arquétipo e a perspectiva do substrato consciente em sua relação com o Inconsciente – sente concomitantemente uma gravitação para manter-se sob os domínios da Grande Mãe que lhe engendrou e nutriu e um desejo de transformação constante, de tornar cognoscível toda a realidade manifesta e vivenciá-la, apenas para que seja novamente engolido pelo mar de indissociabilidade do todo.

O *caminho dourado* de Leto II precisa se instaurar a partir de uma gradual desconstrução do sistema patriarcal até então vigente no universo de **Duna**. Lembremos que a instauração do patriarcado se dá principalmente pela tomada do controle da prole que é movida por um desejo de eternidade e caracterizada pela extensão desse mesmo ego aos seus herdeiros – ao obter controle de seus descendentes por meio da tomada do feminino (e de suas manifestações simbólicas por meio da *participation mystique*) como posse, o homem (que aqui também por *participation mystique* representa o substrato egoico) pode garantir sua eternidade através da transferência de seus domínios para seus herdeiros genéticos. Não é coincidente que sistemas monogâmicos sejam fruto da tomada simbólica patriarcal uma vez que o patriarca pode controlar e reconhecer seus herdeiros¹³⁴. Leto II quebra o enredamento patriarcal uma vez que sua condição simbiótica e híbrida entre humano e verme de areia lhe castra e não permite que ele tenha herdeiros diretos. Seu desejo de eternidade se propaga para a humanidade como um todo e não somente ao seu próprio substrato egoico que deseja estar separado da interconexão do universo, uma vez que ele reconhece que sua condição existencial é *vazia*, que sua existência é *precisamente* a interconexão de todos os microcosmos que o constituem – o que ecoa a *pratītya-samutpāda* ou co-originação interdependente, conceito Budista que já relacionamos ao de *Śūnyatā* no capítulo anterior. A função do masculino enquanto semeador ou fertilizador que surge da Grande Mãe apenas para fecundá-la e permitir que novas formas se instanciem é

¹³⁴ Sistemas poligâmicos, como no mundo árabe, são pautados no mesmo controle da prole e da mulher, uma vez que são apenas poligâmicos para os homens que detêm suas esposas como posses. A pena para mulheres que ousem se aventurar sexualmente com outros parceiros é extremamente severa nesses sistemas, tanto quanto são também severas na monogamia ocidental.

também observável em Leto II e nos vermes de areia devido ao seu formato fálico – a especiaria é fruto dos próprios vermes que vivem, fecundam e morrem nas areias de Arrakis. Lembremos que o formato redondo dos planetas se assemelha também ao formato do óvulo, outra manifestação simbólica da capacidade geracional da Grande Mãe materializada na forma destes corpos celestes.

[...] No mundo matriarcal a mulher enquanto receptáculo não é feita pelo homem ou do homem ou usada para seus propósitos em procriar; ao invés, o inverso é verdade: é exatamente este receptáculo com seu caráter misterioso e criativo que faz surgir o masculino em si mesma e de si mesma. [...] no matriarcado o homem é visto como um sementeiro, [...] o homem é apenas um instrumento da terra e a semente que ele espalha não é “dele” mas uma semente da terra. [...]

O Grande Receptáculo engendra a sua própria semente em si mesma, é partenogênica e requer o homem apenas como abridor, sementeiro e disseminador da semente que se origina na terra feminina. Mas essa semente nasce da terra¹³⁵ (NEUMANN, 1991, p.62-63).

Durante o conflito com as Bene Gesserits e no ápice de **Hereges de Duna**, as Honradas Madres explodem Rakis completamente; apenas Odrade, Sheeana (Fremen que é capaz de “encantar” e direcionar os vermes de areia remanescentes no planeta), Duncan e Murbella escapam em uma Não-Nave para o planeta secreto das Bene Gesserits, Casa Capitular, além de um único verme que, guiado por Sheeana, também sobrevive à explosão de Duna. Voltemos para a ideia dos Vermes enquanto sementeiros que se originam da Grande Mãe apenas para fecundá-la e tomemos também a figura de Leto II, que é uma cria das Bene Gesserits – todos os vermes existentes em Rakis depois da queda do império de Leto II se originam das trutas de areia presentes em seu corpo híbrido; quando o Imperador morre, as trutas

¹³⁵ No original: [...] In the matriarchal world the woman as vessel is not made by man or out of man or used for his procreative purposes; rather, the reverse is true: it is this vessel with its mysterious creative character that brings forth the male in itself and from out of itself. [...] in the matriarchate man is looked upon as a sower, [...] the man is only an instrument of the earth and the seed he sows is not "his" seed but earth seed. [...]

The Great Vessel engenders its own seed in itself; it is parthenogenetic and requires the man only as opener, plower, and spreader of the seed that originates in the female earth. But this seed is born of the earth.

de areia remanescentes retornam ao deserto e se reproduzem por milhares de anos, carregando em si suas visões proféticas na forma do caminho dourado e fecundando Rakis novamente. Conforme as Honradas Madres explodem o planeta Duna, as Bene Gesserits carregam a semente de Leto II por meio do único verme sobrevivente ao ataque de volta à casa Capitular e vemos precisamente este tema arquetípico do masculino enquanto semeador simbolizado pelo enredo narrativo dos dois últimos livros da série – em uma perspectiva macrocósmica e simbólica, Leto Atreides II e seu sêmen manifestado na forma dos vermes de areia remanescentes em Rakis, retornam para fecundar o óvulo de sua própria mãe, a Casa Capitular, lar das Bene Gesserits. Nossa análise demonstra como Leto II removeu a estrutura patriarcal dominante nos três primeiros livros da série e reconstituiu o símbolo masculino enquanto semeador da Grande Mãe, um veículo de ação que este arquétipo engendra em seu corpo como fertilizador de si mesmo, a fim de gerar todas as formas e possibilidades imagináveis pelo infinito do inconsciente, nas próprias palavras de Leto II próximo dos eventos que culminariam em sua morte (em **Imperador Deus de Duna**): "Moneo temia um universe em que não houvesse um Deus-Imperador." [...] "Uma semente jogada no vento pode ser o salgueiro do amanhã," Leto disse¹³⁶ (HERBERT, 2008c, p.560). A ideia "antivital" predominante nos símbolos patriarcais toma o mistério da vida e as representações da Grande Mãe como posses e como portais de acesso à eternidade, subjando o feminino e sobrevalorizando o substrato egoico que precisa "tomar sem dar nada em retorno" para manter seu jugo sobre a natureza e afirmar sua existência, mas ao fazê-lo nega o infinito que permeia o todo – esta negação do infinito leva inexoravelmente à extinção de toda a vida uma vez que rejeita o movimento intrínseco ao universo em favorecimento de uma eternidade autocentrada e absoluta. Podemos observar estes termos a partir do seguinte excerto de **Hereges de Duna**:

Devido às suas crenças em sigularidades, em absolutos granulares, vocês negam o movimento, mesmo o movimento da evolução! Enquanto permitem que um universo granular persista em suas consciências vocês se tornam cegos ao movimento. Quando as coisas mudam, seu universo absoluto desaparece, não mais acessível às

¹³⁶ No original: "Moneo feared a universe where there was no God Emperor." [...] "A seed blown on the wind could be tomorrow's willow tree," Leto said.

suas percepções limitantes. O universo se moveu para além de você¹³⁷ (HERBERT, 1987b, p.368).

A relação da dança ao movimento da vida é comumente associada ao arquétipo da Grande Mãe pois ecoa precisamente a natureza dinâmica de um universo que é impermanente e ausente de uma essência absoluta, um universo que o compartilhamento é constante e a cada milimésima porção de tempo tudo é ressignificado, transformado. Nas palavras de Neuman. “Originalmente todo ritual era uma dança, na qual o todo da psique-corpo era literalmente ‘colocado em movimento’. Então a Grande Deusa era cultuada na dança, e principalmente na dança orgástica (1991, p.298)”. **Duna** utiliza precisamente esta expressão “colocar em movimento” em diversos momentos da série além de também metaforizar o processo de vida como uma dança; separamos dois trechos para exemplificar esta relação de movimento e impermanência, sendo o primeiro de **Hereges de Duna** e o segundo de **Imperador Deus de Duna**.

Primeiro excerto: "Nenhuma de nós sabe, criança. Exceto que estamos todos nesta dança juntos"¹³⁸ (HERBERT, 1987b, p. 590).

Segundo excerto: "Seu universo é uma ampulheta bidimensional", acusou Leto. "Por que você tenta segurar a areia?"¹³⁹ (HERBERT, 2008c, p. 590).

Voltemos para o conflito entre o caráter *elementar* e o caráter *transformativo* do arquétipo que são representados na figura das Honradas Madres e das Bene Gesserits respectivamente. O fim da série e do sexto livro culmina na aparente destruição das Bene Gesserits, que sobrevivem por meio das memórias ancestrais absorvidas por Murbella – originalmente uma Honrada Madre que é seduzida por Duncan Idaho e que se entrega aos poderes das Bene Gesserits. Durante o sexto livro, Murbella é iniciada nos segredos das Bene Gesserits a comando de Darwi Odrade. A personagem é de tamanha importância para a fusão que, concretizada no final de **Herdeiras de Duna**, aglutina ambas as ordens matriarcais em uma – a união do caráter *elementar* e do caráter *transformativo* do arquétipo da Grande Mãe

¹³⁷ No original: By your belief in singularities, in granular absolutes, you deny movement, even the movement of evolution! While you cause a granular universe to persist in your awareness, you are blind to movement. When things change, your absolute universe vanishes, no longer accessible to your self-limiting perceptions. The universe has moved beyond you.

¹³⁸ No original: “None of us does, child. Except that we’re all in the dance together”

¹³⁹ No original: Your universe is a two-dimensional hourglass," Leto accused. "Why do you try to hold back the sand?"

se manifesta quando Murbella, a única sobrevivente das Bene Gesserits (que havia se convertido completamente ao passar pela agonia da especiaria e transubstanciado a Água da Vida nos meados da narrativa do livro além de, por meio de uma habilidade que as Bene Gesserits demonstram nos dois últimos livros da série, compartilhar e carregar as memórias ancestrais remanescentes da Ordem que por ventura é exterminada pelas Honradas Madres) torna-se a líder das Honradas Madres que sobreviveram ao combate. A nova ordem que surge quando Murbella torna-se a líder das Honradas Madres (que desconhecem a princípio que ela havia se tornado uma Bene Gesserits e que carrega em si as memórias ancestrais da ordem) será responsável por transformar completamente o planeta da Casa Capitular em um novo Duna, fecundado pelo verme de areia remanescente da explosão de Rakis.

Como citamos no primeiro capítulo, **Duna** representa uma tentativa de demonstrar os perigos da sobrevalorização do substrato consciente que se julga separado do fluxo interconectado do todo, como Shelton comenta a partir da biografia de Herbert escrita por seu filho, Brian: “A Terra está morrendo, está sendo mal usada por civilizações não indígenas que tomam e não dão¹⁴⁰” (2020, p.7, grifo nosso, tradução nossa). O transpassar dos anos no universo da série pretendem, por meio do *caminho dourado* de Leto II, reconectar a humanidade ao sentimento mágico de se estar vivo, à participação criativa inerente à dança da vida – uma reconexão, portanto, do ego que deseja absolutos, eternidade e permanência ao arquétipo da Grande Mãe, ao Inconsciente, por meio de uma transformação espiritual que nunca acaba, apenas se renova em um ciclo de vida-morte-renascimento. A nova ordem das Bene Gesserits sob o comando de Murbella contém a possibilidade de fusão do caráter *elementar* ao caráter *transformativo* da Grande Mãe e, portanto, o potencial de guiar a humanidade pelos éons de um *caminho dourado* e infinito. Como nos diz Leto Atreides II em **Imperador Deus de Duna**:

"Qualquer coisa é possível em um universo mágico. Sua vida foi dominada pela fatalidade do Oráculo, não a minha. Agora, você vê

¹⁴⁰ No original: “The Earth is dying, it is being misused by non-Indian civilizations that take and do not give”.

os caprichos misteriosos e me pede para dissipá-los? Eu desejo apenas aumentá-los.¹⁴¹ (HERBERT, 2008c, p.581).

¹⁴¹ No original: "Anything's possible in a magic universe. Your life has been dominated by the Oracle's fatality, not mine. Now, you see the mysterious caprices and you would ask me to dispel this? I wished only to increase it."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frank Herbert teve sua individualidade dissolvida no cosmos no ano de 1986, um ano após o lançamento de **Herdeiras de Duna**. Tal qual o *caminho dourado*, a série **Duna** nunca encontrou seu devido fim nas mãos do autor – certamente um ato criativo repleto de sincronicidade que nos mostra que a vida está sempre aberta, nunca completamente ou absolutamente finalizada, em um estado de ressignificação constante. “A presciência absoluta leva inevitavelmente à extinção” – quando existe um fortalecimento desequilibrado e desarmônico do princípio masculino, do ego e do substrato consciente da psique em um nível coletivo, tal qual notamos de forma predominante na humanidade contemporânea e patriarcal, os frutos da interconectividade com o todo se tornam posse daqueles que tomam tudo para si e não dão nada em retorno; a presciência é um destes frutos que é cultivado por meio do princípio geriátrico da especiaria e a imersão gerada pela substância vital nos leva em direção ao inconsciente, ao princípio arquetípico feminino e à Grande Mãe. No momento em que coletivamente projetamos em uma única figura, em um único ego o símbolo de Messias e Profeta que contém as chaves para os mistérios do universo, por meio de um ato de *participation mystique*, negamos nossa própria participação na interconectividade do todo e permitimos que o princípio masculino tome o fruto da presciência como posse para sua autoafirmação, em uma procura antivital de eternização de seus construtos mentais e de *finalização* da existência, mas ao fazê-lo, a função de onda colapsa de maneira opressiva e impedimos que o próprio fluxo da vida siga seu curso natural – o curso da eterna transformação e impermanência.

Não possuímos a pretensão neste trabalho de delimitar por completo uma obra tão repleta de significados, uma obra que representa o vazio de absolutos inerente ao fluxo impermanente do todo – novos caminhos ainda se seguirão no futuro capazes de contribuir para percepções mais contundentes e profundas acerca da complexidade de **Duna**. Em um primeiro momento podemos aqui concluir que ainda há muito a ser compreendido da obra de Frank Herbert no que tange o arquetipo da Grande Mãe e a tentativa de reconexão da humanidade ao princípio vital do inconsciente. Gostaríamos também de, neste mesmo futuro, conjecturar uma análise minuciosa do *caminho dourado* de Leto Atréides II e sua relação com este

mesmo motivo arquetípico feminino em uma busca de liberdade da cristalização limitante que é inerente à tomada simbólica do princípio patriarcal.

Esperamos que esta dissertação tenha sido capaz de demonstrar com relativa acuidade algumas das fundamentações teóricas que foram frutíferas para a feitura de **Duna** – desde a psicologia analítica, perpassando pela física quântica até os ecos de religiosidades e metafísicas orientais, como o budismo, taoísmo e o tantrismo não-dual. Para finalizarmos nossas considerações, apresentamos a imagem do *Enso*¹⁴², um círculo que: “se refere ao começo e final de todas as coisas, o círculo da vida e da conectividade da existência. Pode simbolizar a vacuidade ou plenitude, a presença ou ausência. [...] Pode simbolizar a infinitude, o ‘nada’[...]”¹⁴³(EGEN, 2021, acesso online).



A abertura no final do círculo representa um estado de não finalização, de não completude e uma abertura para o Infinito e para a inteconexão do todo. **Duna** e o

¹⁴² Em japonês significa círculo.

¹⁴³ No original: “[...]refers to the beginning and end of all things, the circle of life and the connectedness of existence. It can symbolize emptiness or fullness, presence or absence. [...]It can symbolize infinity, the “no-thing”[...]

caminho dourado são como este *Ensō* representado acima – uma fenda para o fluxo do universo, da vida e do Infinito.

Quando você pensa em tomar as vicissitudes de seu destino em suas próprias mãos, este é o momento que você pode ser dizimado. Seja cauteloso. Permita surpresas. Quando se cria sempre existem outras forças operando.

— Darwi Odrade¹⁴⁴ (HERBERT, 1987a, p.590).

¹⁴⁴ No original: When you think to take determination of your fate into your own hands, that is the moment you can be crushed. Be cautions. Allow for surprises. When we create, there are always other forces at work.

REFERÊNCIAS

- ALAZRAKI, Jaime. ¿ **Que és lo neofantástico?**. In: ROAS, David (Org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001, p. 265-282.
- ALLEN, L. David. **Science Fiction**: An Introduction. Lincoln: Cliffs Notes, 1973.
- ALDISS, Brian Wilson, WINGROVE, David. **Trillion Year Spree**: The History of Science Fiction. London: Gollancz, 1988.
- ATTEBERY, Brian. The magazine era: 1926-1960. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (ed.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 32-47.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: _____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 397-428.
- _____. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: _____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014, p.211-362.
- BOAZ, David Paul. **Primordial Consciousness**: Dzogchen Panpsychism. [S.I.], 21 set. 2019. Disponível em: <<http://davidpaulboaz.org/mindfulness-and-human-happiness/primordial-consciousness-dzogchen-panpsychism/>>. Acesso em: 4 mai. 2020.
- BOHM, David. **Causality and Chance in Modern Physics**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1957.
- _____. Time, the Implicate Order, and Pre-Space. in **Physics and the Ultimate Significance of Time**. edited by D. R. Griffin, 177-208. Albany: State University of New York Press, 1986.
- BRANTLINGER, Patrick. **The Gothic Origins of Science Fiction**. NOVEL: A Forum of Fiction, Durham, v.14, p.30-43, 1980.
- BRODERICK, Damien. New Wave and Backwash: 1960-1980. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (ed.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 48-63.
- CAMBRAY, Joseph. **Synchronicity**: Nature and Psyche in an Interconnected Universe. [S.I.]: Texas A&M University, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

CHALMERS, David J. **The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

CHAN, Amy Kit-sze; WESTFAHL, Gary; YUEN, Wong Kin (ed.). **Science Fiction and the Prediction of the Future**. Jefferson: McFarland & Company, 2011.

CLUTE, John; NICHOLIS, Peter. **The Encyclopedia of Science Fiction**. New York: St Martin's Press, 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EGEN, . **Ensō Circle**. [S.l.]. 2021. Disponível em: <<https://modernzen.org/enso-htm/>>. Acesso em: 19 jan 2021.

ENSO. **Ensō Circle**. 2021. Disponível em: <<https://modernzen.org/enso-htm/>>. Acesso em: 19 jan 2021.

FRACTAL. **Arte com matemática: Fractais**. 9 mai 2010. Disponível em: <<https://medium.com/chocoladesign/arte-com-a-matem%C3%A1tica-fractais-589a98dccda3>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FRACTAL. **Arte com matemática: Fractais**. 9 mai 2010. Disponível em: <<https://medium.com/chocoladesign/arte-com-a-matem%C3%A1tica-fractais-589a98dccda3>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FRANZ, Marie-Louise Von. **On Divination and Synchronicity: The psychology of meaningful chance**. Toronto: Inner City Books, 1980.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: **História de uma neurose infantil (O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

FREEDMAN, Carl. **Critical Theory and Science Fiction**. Hanover: Wesleyan University Press, 2000.

GLEICK, J. 1987. **Chaos: Making a New Science**. New York: Viking.

GREENE, Brian. **O Tecido do Cosmo**. New York: Random House, 2004.

_____. **The Elegant Universe: Superstrings, Hidden Dimensions, and the Quest for the Ultimate Theory**. New York: Norton, 2003.

HANEY II, William S. **Cyberculture, Cyborgs and Science Fiction: Consciousness and the Posthuman**. Amsterdam: Rodopi B.V., 2006.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do Tempo**. [S.l.]: Intrínseca, 2015.

HERBERT, Frank. **Duna**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

HERBERT, Frank. **Dune**. New York: Ace, 2003.

HERBERT, Frank. **O Messias de Duna**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985a.

HERBERT, Frank. **Dune Messiah**: Dune. New York: Ace, 2008b.

HERBERT, Frank. **Os Filhos de Duna**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985b.

HERBERT, Frank. **Children of Dune**: Dune. New York: Ace, 2008a.

HERBERT, Frank. **O Imperador Deus de Duna**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

HERBERT, Frank. **God Emperor of Dune**: Dune. New York: Ace, 2008c.

HERBERT, Frank. **Os Hereges de Duna**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987a.

HERBERT, Frank. **Dune Heretics**: Dune. New York: Ace, 1987b.

HERBERT, Frank. **Chapterhouse**: Dune. New York: Ace, 1987a.

HERBERT, Frank. **The Dune Encyclopedia**. New York: Berkley Books, 1984b.

JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (ed.). **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JACKSON, Rosemary. **Fantasy**: the Literature of Subversion. London; New York: Routledge, 1981 (New Accents).

Jodorowsky's Dune. Direção: Frank Pavich. Produção: Frank Pavich; Stephen Scarlata; Travis Stevens. Intérpretes: Alejandro Jodorowsky ; Michel Seydoux ; H. R. Giger; Chris Foss; Nicolas Winding Refn; Amanda Lear; Richard Stanley. Música: Kurt Stenzel. [S.I]: City Film e Snowfort Pictures, Sony Pictures Classics, 2014. 1 DVD (90 min) son., color.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira S.A., 1988.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Synchronicity**: An Acausal Connecting Principle. Princeton: Princeton University Press, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **The psychology of Kundalini Yoga**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **The Seven Sermons to the Dead**: Septem Sermones ad Mortuos. [S.I.], 1916. Disponível em: <<http://gnosis.org/library/7Sermons.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

JUNG, Carl Gustav; MEIER, C.A., PAULI, Wolfgang. **Atom and Archetype: The Pauli/Jung Letters**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

KOESTLER, Arthur. **The Ghost in the Machine**. New York: Macmillan, 1967.

KUNZRU, Hari. **Dune, 50 years on: how a science fiction novel changed the world**. *The Guardian*, [S.l.], 3 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2015/jul/03/dune-50-years-on-science-fiction-novel-world>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

MAYO, Mohs. **Adventures in Religious Science Fiction**. New York: Doubleday, 1971.

NEGRINI SILVA, Frederico. **As origens góticas da ficção científica em Neon-Genesis Evagelion**. 2019. 11f. Monografia (Trabalho de conclusão apresentado à disciplina “Literatura Fantástica: vertentes teóricas” cursada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

NEUMANN, Erich. **The Great Mother: an analysis of the archetype**. Princeton: Princeton University Press, 1974.

NORTH, John. **Poet Rumi translator blends humor with mysticism**. *Asheville Daily Planet*, Asheville, 11 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ashevilledailyplanet.com/news/1883-poet-rumi-translator-blends-humor-with-mysticism>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

NUNES, Benedito. **O Tempo na narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PAES, José Paulo. **As dimensões do fantástico**. In: *Gregos & baianos: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.184-192.

PALUMBO, Donald. The Monomyth as a Fractal Pattern in Frank Herbert's Dune Novels. **Science Fiction Studies**, Greencastle, v. 25, n. 3, p. 433 - 458, nov. 1998. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4240724>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PEAT, F. David. **Synchronicity: The bridge between matter and mind**. New York: Bantam new age, 1988.

PENROSE, R. **Shadows of the Mind: A Search for the Missing Science of Consciousness**. New York: Oxford University Press, 1994.

PERASSOLI Jr., Sergio Ricardo. **O Vicejar dos astros: a individuação da personagem Frodo em O Senhor dos Anéis**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

PRIGOGNE, I.; STENGERS, I. **Order Out of Chaos: Man's New Dialogue with Nature**. New York: Bantam Books, 1984.

- PRIPAS, Sérgio. **Cronos Ensandecido**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- ROAS, David. A ameaça do fantástico. In: **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução Julian Fúks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- ROBERTS, Adam. **Science Fiction**. New York: Routledge, 2000.
- ROSEN, David. **The Tao of Jung**: The way of integrity. [S.l.]: Arkana, 1997.
- ROSHI, Kosho Uchiyama. **The Zen Teaching of Homeless Kodo**. Boston: Wisdom Publications, 2014.
- RUMI, Jalalu'l-Din. "Pensar produz fumaça para provar a existência do fogo". In: NORTH, John. **Poet Rumi translator blends humor with mysticism**. Asheville Daily Planet, Asheville, 11 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ashevilledailyplanet.com/news/1883-poet-rumi-translator-blends-humor-with-mysticism>>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- RUMI, Jalalu'l-Din. **The Essential Rumi**. [S.l.]: HarperOne, 2004.
- SHANKAR, Anoushka. **Remain the Sea**. In: _____. Land of Gold. [CD e encarte]. Hanover: Deutsche Grammophon, 2016, 1 CD, faixa 7.
- SHARP, Daryl. **Jung Lexicon**. [S.l.]: [s.n], 1991.
- SHELTON, Mahmoud. **Mysteries of Dune**: Sufism, Psychedelics, and the Prediction of Frank Herbert. [S.l.]: Temple of Justice Books, 2020.
- SUNYATA (emptiness) in the mahayana context. Disponível em: <http://www.buddhanet.net/cbp2_f6.htm>. Acesso em: 7 mai. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- VOICE/DE. Disponível em: <<https://dune.fandom.com/wiki/Voice/DE>>. Acesso em: 9 set. 2020.
- WALLIS, Christopher D. **Tantra Illuminated**: The Philosophy, History and Practice of a Timeless Tradition. [S.l.]: Mattamayūra Press, 2013.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WELCH, Kerri. **A Fractal Topology of Time**: Implications for Consciousness and Cosmology. 2010. 222f. Tese (Doutorado em Humanidades) - California Institute of Integral Studies, San Francisco, 2010.
- WHITROW, G.J. **The Natural Philosophy of Time**. 2nd Ed. Oxford: Clarendon, 1980.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, Thought and Reality**: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. [S.I.]: Martino Free Books, 2011.